

Função Pública contesta redução dos subsídios de férias

Pág. 8

Transportes do Barreiro ameaçados pelo Governo

Pág. 6

Hoje "Ler/Escriver"



Hoje no Tribunal de Vila Nova de Ourém Ministério Público pede 6 anos de prisão para Khron

Vila Nova de Ourém (do nosso enviado especial, Manuel Geraldo) — O Ministério Público, representado pelo doutor José Pereira Guerreiro, pediu, esta manhã, no Tribunal de Vila Nova de Ourém, uma pena de seis anos de prisão para o padre sedevacantista Fernandez Khron na base de que o réu «ponderou maturamente o atentado contra a vida do sumo pontífice». No entanto, a sentença definitiva só será conhecida no próximo dia 2 de Maio, tendo o acórdão sido marcado para às 10 horas desse dia. O julgamento, iniciado cerca das 11 horas da manhã de hoje,

ficou marcado pela recusa de Fernandez Khron em entrar na sala do Tribunal, antes de ler uma extensa declaração. Forçado pela segurança, Khron que envergava a mesma sotaina verde da primeira sessão, desta vez atravessada por uma faixa vermelha, acabou por acomodar-se no banco dos réus, sendo mandado calar pelo juiz presidente, Políbio Flor.

Contudo, e já no final da audiência, depois do juiz ter perguntado ao réu se tinha mais alguma coisa a alegar em sua defesa, Juan Maria Khron tentou queimar com um isqueiro um re-

trato em ponto grande de João Paulo II, que trazia consigo. Um subchefe da Polícia saltou a teia e impediu o réu de consumir a destruição do retrato.

Como elemento apressado de reportagem, poderemos dizer que apenas escassas dezenas de pessoas se concentravam no largo fronteiro ao Tribunal, ao contrário do que acontecera em 20 de Outubro do ano passado, em que uma verdadeira multidão ali se encontrava reunida.

Em declarações ontem prestadas à ANOP, o defensor do padre sedevacantista espanhol Juan Fernandez Khron, cujo jul-

gamento está hoje a decorrer no Tribunal de Vila Nova de Ourém, afirmou que ia pedir a absolvição do autor da tentativa de atentado contra o Papa, verificada no dia 12 de Maio de 1982. Segundo, o advogado o pedido de absolvição baseia-se no facto de não ter encontrado nada, nos autos, que pudesse amparar a confissão do réu.

Entretanto, um funcionário do Tribunal, informou também à ANOP que o relatório do exame psiquiátrico ao réu o aparesenta com «inteiramente responsável»

Continua na pág. 24

Finalmente na primeira fila da Europa

Agora nada pode deter este Benfica

— diz Pietra ao "DL"

A inédita entrada do Benfica na final da Taça UEFA provocou uma verdadeira onda de entusiasmo em todo o País. Durante a transmissão-TV vinda da Roménia, ruas ficaram desertas e muitas unhas foram roídas. Depois, susto passado, estandarte ao alto, milhares de adeptos do clube da águia foram ao aeroporto receber a invencível turma de Eriksson, que está a um passo de lograr um troféu que nunca foi conquistado por um

símbolo do nosso futebol. Na caminhada, ficaram sangue, suor e lágrimas: mas mesmo os lesionados (de Veloso a Bento e Alves) estão firmemente convictos da palavra de Pietra dada para o «DL»: «agora, nada pode deter este Benfica. Vamos conquistar a Taça UEFA para provar que o nosso clube mora hoje na primeira fila do futebol mundial».

Págs. 19 a 21



A foto é apenas um pormenor da recepção dispensada ao Benfica no seu regresso a Lisboa. No exterior do aeroporto foram milhares os que aguardaram a chegada dos «encarnados»



No final do jogo, foi a emoção. À esquerda, em primeiro plano, Filipovic, autor do gol benfiquista. Ao lado, Álvaro e Toni abraçam-se

**PROFESSORES!
DESFILE APU**

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

**JURISTAS!
DESFILE APU**

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

**JUNTA DE FREGUESIA
DA PÓVOA DE SANTO ADRIÃO**

MOÇÃO

**«25 DE ABRIL DIA DA
LIBERDADE»**

Saudando a população da Freguesia da Póvoa de Santo Adrião, a Junta reunida em sessão extraordinária de 14/4/83, deliberou por unanimidade:

1 — Dar público testemunho da sua adesão aos ideais do 25 de Abril

2 — Manifestar a sua confiança no futuro do nosso país, dentro do caminho do Progresso e Justiça Social, expressos na Constituição da República.

Póvoa de Santo Adrião, Abril de 1983

A Junta de Freguesia

**tempo
de
antena
da APU
na RTP 1
5ªfeira
dia 21
às 20.50h
balanço
da campanha
e as propostas
da APU**

Os caminhos do neodogmatismo

Beja Santos

1. O dogmatismo que imperou na arena das relações internacionais entre a guerra fria e o Tratado SALT I hipostasiou e solidificou as mutações decorrentes das Conferências de Teerão, Yalta e Postdam. A agregação bipolar das novas geopolíticas implicou um estado tensional no sistema planetário cujas manifestações mais perversas foram o estalinismo e o macarismo. Os sistemas de cooptação e entreajuda, aprofundamento democrático, intercâmbio científico e cultural foram degenerados por um equilíbrio no terror e pela propaganda das forças ideológicas em competição: planos Marshall e quinquenais, NATO e Varsóvia, CAME e CEE, sentinelas regionais na emulação, com vigilância cultural, intimidação anticomunista, antiamericana. Enfim, uma bipolaridade que abafou a voz da comunidade internacional, através de fenómenos de Reforma e Contra-Reforma, isolacionismo das médias e pequenas potências.

A bipolaridade — «Pátria da Liberdade» — «Pátria do Socialismo» disputou o crescimento do PNB, a investigação tecnológica, a exploração espacial; o despotismo na convivência comercial, intelectual e social não teve paralelo com épocas anteriores de confrontos de modelos civilizatórios. O dogmatismo realista e macartista foi um misto do poder das armas (o escudo do vencedor para dissuadir a arremetida do antagonista), vigilância das consciências e um pretensão neutralismo tecnocrático, a par do armamentismo atómico e a ameaça da guerra total em caso de arremetida ao baluarte do supremo vigilante e demais aliados da constelação.

Não é a luz de Bretton Woods (consagração do sistema financeiro) nem do muro de Berlim que se entende o fulgor das crises. Com efeito, as actuais superpotências emergiram no restritivismo antenatizante da sua comunicação, por um lado, e num estado de espírito de rigorosa indiferença à multipolaridade económica, ideológica e cultural da Europa Ocidental e do Terceiro Mundo, por outro, onde foram respecar alianças, matérias-primas, tráfego de armas.

Necessariamente que não se tratou de um dogmatismo linear. O capitalismo monopolista de Estado, o capitalismo transnacional entraram em cena concomitantes ao centralismo Estado-Partido, mas os sistemas de programação desencadearam uma competitividade fechada só explicitada fora da esfera da influência no fervor monista através da consonância ideológica.

O declínio do salazarismo alimentava-se de representação deste confronto, apagando-se discretamente o patrocínio internacional com a erupção de Bandung. Dogmatismo de minifúndio e do sonho do Império; na voragem, o atlantismo salazarista é confrontado com a oposição de um sector da Igreja, das Universidades, engendra o último acto da paz corporativa, isolado na própria NATO.

O estalinismo proibiu a cibernética e a biologia molecular; pela mão do jargonismo reorientou as artes plásticas, descobriu inimigos internos, titistas, kautskistas, acenou com a finlandização na política externa; o macarismo espalhou o sobressalto do espão infiltrado, incriminou liberais, censurou a criatividade, exigiu humilhantes profissões de fé. Em suma, o dogmatismo foi a perda de confiança nas massas, a ausência de democracia interna, o concentracionário universo económico, a sufocação dos movimentos sociais e da participação espontânea dos interesses populares. O dogmatismo foi a Baía dos Porcos, Béria, o processo Slansky, a Coreia.

2. Respirou-se antidogmatismo com o imperativo do desanuviamento reclamado pelos recém-chegados à ONU e pelo realinhamento das potências económicas e esforços autónomos da cena política: o gaullismo marcou o direito à diferença, seguiu-se Willy Brandt. O Japão passou a colosso industrial; o diálogo Oeste-Leste europeu adquiriu vigor e assinaláveis benefícios mútuos. O colonialismo entrou em ruptura. E o tempo do Vietname e de Amílcar Cabral. E a China, Jugoslávia e Albânia reutilizaram as imagens do socialismo «real».

A Conferência de Helsínquia ratificou fronteiras e imprimiu desconfiança ao princípio dos vasos comunicantes nas trocas comerciais, na ciência, é a resposta de responsabilização aos problemas globais: transportes, ecologia, Nova ordem Económica Internacional. Os Estados-Nações expressam o movimento histórico do antidogmatismo. Revigora-se o pensamento marxista; antidogmatismo com João XXIII, Maio de 68, o esgotamento do mito da sociedade de consumo. É o diálogo consubstanciado pelas profundas aspirações de projectos comuns na multiplicação dos centros de gravidade — colabora-se na exploração espacial, são os importantes tratados que obstatam ao catolicismo termonuclear. Reforçam-se os anti-sistemas, a ideologia anti-imperialista. No antidogmatismo projecta-se a contestação contra a alienação do tempo de

trabalho e do tempo livre, surgem galvanizadoras energias morais na pesquisa de um outro sentido humano para a vida. O antidogmatismo marcou o refluxo da força centripeta dos hegemonismos, desenvolveu equilíbrios mundiais acima do fechamento dos equilíbrios regionais. As economias tornam-se interdependentes, irreversivelmente. Instalou-se a aspiração da socialização sem o espectro do abismo atómico, os expurgos, os cismas. Diálogo que esvaziou de agressividade os pistoleiros da propaganda política. Com a aproximação da confiança política são ultrapassadas, ao nível da linguagem, doutrinas que vêm do tempo da guerra fria, tais como «heartland», «rimland», «cordão sanitário», «shatterbelts», cortina de ferro, imperialismo do Pentágono, chacais imperialistas, grupos fanáticos e reacionarismo ocidental.

O antidogmatismo é o peso determinante da opinião pública no processo de desenvolvimento económico e social.

É, por último, num emolduramento antidogmático que se constitui o MFA e liquidam as instituições políticas do fascismo.

3. As doutrinas de supremacia militar, o policiamento do mundo, a teoria estereotípica da guerra nuclear prolongada, entre outros factos de despotizada inumanidade, desencadeiam o neodogmatismo, após SALT II.

Acabou o período dogmático, o período neodogmático conhece a estagnação (severa diminuição de importações, quebra no investimento, inflação descontrolada, número crescente de desempregados, política deflacionária no contexto da reforma da dívida, elevadas taxas de juro, acentuado proteccionismo económico, etc.). Os índices da deterioração estão à vista.

A Trilateral, entidade que reúne os maiores empresários do mundo capitalista, aplaude uma proposta para limitar o papel dos intelectuais, nestes termos: «O regime democrático é demasiado permissivo e há que limitá-lo. A sua permissividade permite, por um lado, que demasiada gente tenha acesso a uma educação superior e, por outro, que no seu seio se gere um intelectual portador de valores, que é um intelectual contestatário, que se opõe ao sistema. Este intelectual é perigoso e há que eliminá-lo. É preciso substituí-lo por outro, pelo intelectual prático (técnicos, gerentes), aquele que se dirige à gestão industrial e não reflecte nem sobre problemas sociais nem sobre problemas filosóficos. Esta troca de intelectuais implica, por certo, modificar o projecto de sociedade liberal, transformando

os valores e alterando os símbolos de prestígio».

Milton Friedman recoloca a sua ideia-chamariz da taxa de desemprego natural — o movimento sindical é responsabilizado por impedir, no processo de contratação colectiva, que se atinja o pleno emprego. Hayek atribui uma proporção importante da taxa de desemprego verificada à incapacidade de os salários se ajustarem a condições variáveis de oferta e procura. Por outras palavras: reclamam os monetaristas a extinção da participação sindical.

A liberalização propagada no modelo AD esfacelou a proposta constitucional da coexistência de sectores económicos diferenciados. Com Amaro da Costa, o atlantismo admite que Portugal venha a ingressar no clube dos europeus NATO.

O neodogmatismo assume rebuscadas formas de isolacionismo internacional e reaviva-se o armamentismo cultural: o receptor da formação-informação torna-se um mero objecto de manipulação. Neodogmatismo credenciado, segundo os seus fautores, pelas gigantescas proporções da crise. O vacuolário ali está: firmeza, autoridade, decisão, a disciplina; os aparelhos partidários escolásticos inibem a participação social, pretendem tutelar as vias para sair da crise.

Ao mitigarmos a nossa colaboração no largo quadro internacional, ao subordinarmos a nossa inflação estrutural ao peso da inércia dos ricos do capitalismo, enveredamos pelo mais vil neodogmatismo.

Interiorizamos miticamente a crise; renegamos a mediação e o autêntico bloco social de apoio às urgentes transformações de que o País carece.

Ao fecharmos sem escrúpulos de consciência o interruptor da colaboração multipolar, condenamo-nos a um atlantismo de basfília, isto quando temos reconhecidamente a geografia a soprar de feição para a cooperação multilateral, o espírito mais saudável do desenvolvimento, diálogo e paz.

Paz fecunda entre os portugueses animados de propostas de viragem ao invés de nos neodogmatizarmos numa democracia de valores, que é um intelectual contestatário, que se opõe ao sistema. Este intelectual é perigoso e há que eliminá-lo. É preciso substituí-lo por outro, pelo intelectual prático (técnicos, gerentes), aquele que se dirige à gestão industrial e não reflecte nem sobre problemas sociais nem sobre problemas filosóficos. Esta troca de intelectuais implica, por certo, modificar o projecto de sociedade liberal, transformando

Um 25 de Abril que o neodogmatismo fecha na melancolia, esquecidos que estamos de uma época vivida exaltantemente antidogmatista que «Grândola» cantou: é o povo quem mais ordena...

Para as romanas ter um filho é “um luxo”

ROMA, Abril (especial OIM-JPS) Para os jovens casais romanos da classe média, ter um filho tornou-se um luxo, segundo uma sondagem levada a cabo pelo diário «La Repubblica».

De acordo com a investigação, para os «novos pobres», aqueles para quem os salários foram demasiadamente ultrapassados pelo crescimento dos preços, «ter um filho é um luxo» e antes de pensarem nele, os casais «meditam longamente, fazem contas e interrogam-se se estão ou não dispostos a fazer uma vida cheia de sacrifícios».

Para as mulheres inquiridas o «luxo» não se refere somente à disponibilidade económica, mas também à alternativa: ou se tem um filho ou se exerce a profissão escolhida.

Para uma população de 96 620 crianças, Roma dispõe somente de 137 infantários públicos, irregularmente distribuídos pelos vinte distritos em que está dividida a capital italiana.

Assim, regista-se o caso de zonas que dispõem de dez infantários para cerca de 4700 crianças, e outras em que apenas há um a funcionar para um total de 1864 crianças.

Um filho é a meta possível

Jornalista, casada com um arquitecto e com um filho de três anos de idade, uma das entrevistadas pelo «Repubblica» optou pela contratação duma «baby-sitter» para o marido e em face da impossibilidade de colocar a criança num infantário na zona onde reside.

«Sem a baby-sitter não poderia trabalhar, mas o certo é que no fim do mês apercebo-me de que trabalho para lhe pagar», afirmou, resumindo uma situação com a qual se identifica uma boa parte das suas conterrâneas. Esta é, enfim, uma situação em que a mulher se apercebe claramente que o seu trabalho «é improdutivo e serve apenas para

fazer um trabalho fora de casa», acrescentou a jornalista.

E salientou que «mesmo em casais onde tudo é falado e discutido, é um assunto que costuma representar um ponto de fricção», já que, segundo explica, para o marido o dinheiro obtido do seu trabalho é utilizado para dispor de um serviço que cabe à mulher.

Assim sendo, é como se não trabalhasse, com a «agravante de que tão pouco dedica o seu tempo às tarefas domésticas».

Nem todas as romanas optam por por esta solução. Em 67 por cento dos casos, as mulheres que não conseguem um lugar no infantário para deixar os seus filhos, recorrem, normalmente, à família.

«Perdi o meu espaço vital dentro de casa, e também a minha liberdade mental», diz uma empregada de 38 anos, mãe de uma menina de quatro. «Não posso pensar que agora somos três», e isto, porque «agora somos quatro, quanto esse que é a minha mãe».

Margarita Galvan

política de A a Z

Singularidades de uma campanha eleitoral (5)

QUANDO nos aproximamos do termo da campanha eleitoral para a renovação, em eleições antecipadas, da Assembleia da República, não podemos deixar de observar que se os discursos políticos dos líderes da APU, Álvaro Cunhal e José Manuel Tengerinha, manifestam, no fundo, o propósito de fixação de um eleitorado e de penetração em áreas em que as forças do «centro» e da «direita» gozavam de uma quase exclusividade da presença política; o discurso de Mário Soares visa encurtar o caminho para o Poder sem prodigalizar promessas para além das anunciadas «100 medidas»; o discurso de Mota Pinto reflecte a hesitação quanto ao imediato futuro político do PSD; o discurso de Lucas Pires aponta para uma recuperação do «centro direito» a médio prazo.

Suficientemente lúcido para saber que no próximo dia 25 de Abril não é concorrente ao Poder, Lucas Pires globaliza a responsabilidade dos outros partidos na «economia socialista» e apeia para uma «nova AD» liberal e nacionalista. Ao «centro direito» — a uma «direita» que partiu já à conquista eleitoral e política do «centro» — dirige um apelo que morde nas garras mais novas. É um discurso fluente mas superficial. A facilidade aparente da argumentação oculta uma certa pobreza intelectual; o brilho da expressão não corresponde a uma reflexão rigorosa. O pecado da demagogia está-lhe no sangue. É um homem que poderá fazer carreira política. Mais difícil é vaticinar onde a propensão demagógica e a exploração de um discurso marcado de referências tradicionais, o poderão conduzir. O seu discurso posiciona-se à «direita». E, todavia, não é o «discurso do passado» — esse é de Adriano Moreira. Nem é o «discurso da ordem» — esse é de Carlos Mota Pinto.

O estadista que o PSD, em desespero de liderança foi buscar a Coimbra, não se conseguiu despir das roupagens catedráticas, do estilo professoral, de uma cândida auto-satisfação. Pretende afirmar-se como uma personalidade forte, com competência e com capacidade de decisão, e repete frases banais que resumem o seu discurso político ao passadismo da «autoridade» e da «firmeza». Já percebeu, contudo, que a vitória pessoal, e política, lhe foge. Nas entrelinhas do discurso adivinha-se que aceita para si, e para os seus, os segundos papéis.

Não se esqueça, porém, que a participação complementar que permitia ao partido mais votado a iniciativa da formação do Governo e a condução dos negócios públicos, pode representar, para o partido classificado em segundo lugar na corrida eleitoral, um «bom negócio». É o que podemos concluir da experiência governativa do CDS. Com a participação nos Governos AD, nos quais ocupou postos importantes, o CDS beneficiou das vantagens da governação sem ter sofrido desgaste comparável ao do Primeiro-Ministro e dos ministros do PSD. Não foi a participação no Governo que afastou do CDS algum eleitorado, mas a misteriosa demissão de Diogo Freitas do Amaral. Demissão para a qual não foi dada uma explicação política plausível e que a recente intervenção, no tempo de antena do CDS, só veio contribuir para tornar mais misteriosa. Com efeito, Diogo Freitas do Amaral, rompendo o silêncio que se impusera, produziu uma declaração de voto e uma declaração de amor à AD, que, ele próprio, abandonara nos braços de Francisco Balsemão. Do seu reaparecimento, em plena campanha eleitoral, para defender uma opção de voto e uma fórmula política, graças a Lucas Pires, temos de concluir que o ex-presidente do CDS visa outro destino presidencial. Sabemos, pois, que é o candidato de Francisco Lucas Pires e de Luís Barbosa. Temos dois anos para saber de quem mais, Diogo Freitas do Amaral, será candidato à Presidência da República. Demos tempo ao tempo.

Mas se o discurso estereotipado de Mota Pinto veio perdendo força e agressividade, esbatida, na consciência do imprevisto líder, a ideia do primeiro lugar que ele definira como objectivo de vitória eleitoral, o ataque ao Partido Socialista, e com intenção especial dirigido a Mário Soares, ganhou um ímpeto que não poderá surpreender-nos. Na realidade, a concepção do «bloco central», seja a fórmula estranha ao «vocabulário político» dos socialistas do PS, ou seja, pelo menos para alguns, um sonho de há muito acalentado, não tem um apoio entusiástico nos «órãos» de Francisco Sá Carneiro. Para aqueles que pretendem a bipolarização da sociedade portuguesa, e ainda nela apostam uma fórmula política, a concepção de um «bloco central», concretizável — independentemente da designação que Manuel Alegre excluiu do «vocabulário socialista» — num «governo» centro-esquerda, ou num governo «esquerda-centro», não é aceitável. Porque não tem suporte teórico na doutrinação de Francisco Sá Carneiro? Porque contraria o seu «projecto»?

Não sejamos tão ingénuos. As razões são outras, têm outro alcance. O «bloco central», assim chamado, ou assim funcionando com outro nome — no caso de ter sucesso como fórmula de combinação governativa e de «estabilidade», projectará Mário Soares para a Presidência da República. No caso de ser um insucesso, da combinação política fracassar, da «estabilidade» (político-social) não se verificar, da «crise» em vez de ser enfrentada vir a ser acelerada, o «bloco central» — com este nome, ou com qualquer disfarce — abrirá a estrada real para o «providencialismo anárquico».

Aos remoque a Eanes, aos desafios a Eanes cujo empenhamento na solução governativa se requereu no discurso eleitoral de Mário Soares, sobrepõem-se, em sessões de propaganda eleitoral do PSD, ataques a Eanes e ataques a Mário Soares. Numa sessão abarbatada pelos membros do Governo Balsemão, Leonor Balsemão para a Presidência da República. No caso de ser um insucesso, da combinação política fracassar, da «estabilidade» (político-social) não se verificar, da «crise» em vez de ser enfrentada vir a ser acelerada, o «bloco central» — com este nome, ou com qualquer disfarce — abrirá a estrada real para o «providencialismo anárquico».

Estar, ou não, contra Eanes, além de mostrar, nas urnas, que destruída apóio eleitoral, é a prova que se exige ao CDS para ser tido em conta como interlocutor político. A «nova AD» depende desse teste.

Quanto a Mário Soares? Da sua «preguiça» e «impreparação» no que concerne aos aspectos económicos e financeiros do espinhoso encargo de governar Portugal, dissertou o ministro Marcelo Rebelo de Sousa. Desde o tempo em que, a pretexto de «análise» pondo a circular «recados» e inventando «factos políticos», no jornalismo realizava a sua apetência de intervenção política, que Marcelo Rebelo de Sousa alimenta uma «ternura» muito especial por Mário Soares. Razões que não é difícil descorinar, na nebulosa da intriga política, explicam a que, apesar do posicionamento anticomunista e da prudência do «socialismo na gaveta», do anti-sovietismo e da desmarxização, Mário Soares continue a ser, para o «Exro Lisboa-Cascais», e para sectores importantes da Igreja tradicional e de piedosas ordens secretas, um homem a excluir do Governo e de uma eventual candidatura à Presidência da República.

Isto que nós já sabíamos, veio novamente recordá-lo Marcelo Rebelo de Sousa, que além do espantinho do «acordo por baixo da mesa com o PCP», acusou Mário Soares de ser o candidato a Primeiro-Ministro de apenas «dois terços» do Partido Socialista, e de ter «horror a governar», e de nunca ter conseguido «ser esta-dista».

Não se trata só de um ataque a Mário Soares. Defendendo que o «bloco central», como concepção política e como fórmula de governo, é «inconciliável com a social-democracia, com o pensamento de Sá Carneiro e com o papel que o PSD quer ter na sociedade portuguesa», pretende-se tirar o tapete a um Mota Pinto que se revelou já incapaz de conduzir o PSD à renovação e à vitória. Sendo evidente que a prova de ser «oposição», com as suas naturais dificuldades com as inerentes limitações, ameaça desfazer a equipa vencedora em Montechoro, isolá-la dos jovens quadros que se habituaram às delícias da pública governação, à doce vida dos gabinetes, à tranquilidade das carreiras.

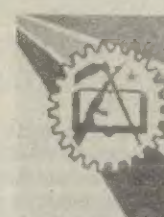
Nega-se ao CDS «dimensão» para herdar a «Aliança Democrática». Nega-se a Mário Soares «dimensão» para Primeiro-Ministro. Nega-se à APU, e particularmente ao PCP, um lugar ao sol na área do Poder. E, distraidamente empurra-se Mota Pinto para uma inevitável derrota. De derrotas políticas é feita a sua carreira de homem público.

Depois de Francisco Sá Carneiro, tivemos Francisco Balsemão. Depois do Congresso de Montechoro, teremos o encontro do Vimeiro. Quem é o senhor que se segue?

Com, ou sem «bloco central», os contestatários do Primeiro-Ministro Mário Soares serão, no «centro-esquerda» e na «esquerda-centro», também os contestatários de Mota Pinto. Se o Professor de Coimbra aceitar no Governo o «segundo lugar», perderá a curto prazo, o «primeiro lugar» no partido.

Que o mesmo é dizer-se que os sociais-democratas que pedem a cabeça de Mário Soares, na bandeja do melhor anti-anismo irão receber a cabeça de Mota Pinto. Na quinta da Marinha, em Cascais, dois homens esperam. Francisco Balsemão adormece, feliz, a repetir que «o crime não compensa». Diogo Freitas do Amaral, enquanto prepara o seu concurso para «catedrático», tem o pensamento, cristãmente, em Belém.

ponto a ponto



O responsável pelas relações internacionais do Partido Socialista, Rui Mateus, estará em Moçambique de 27 a 29 de Abril, a fim de assistir ao Congresso da FRELIMO.

Outro dos convidados portugueses para o Congresso é o catedrático de Engenharia Laginha Serafim, especialista em barragens.

A delegação do Partido Comunista Português ao mesmo acontecimento será constituída por Sérgio Vilarigues e Domingos Lopes.

No total deverão assistir ao Congresso, delegações de cerca de cem partidos, mas a composição da maioria delas ainda não é conhecida.

A Câmara Municipal da Figueira da Foz anuncia

a intenção de processar o Governo, se não forem pagas, até ao fim do mês, as verbas referentes às receitas do Matadouro, de cerca de 70 milhões de escudos e ao aluguer da delegação das Finanças Locais (2,7 milhões de escudos).

A mulher do presidente guineense, Isabel Romano Vieira, está em Lisboa para uma estada de algumas semanas, a fim de efectuar consultas médicas após o seu primeiro parto, verificado em Dezembro último.

Isabel Vieira viajou na companhia da filha, Andréa.



ENCONTRA-SE desde ontem em Bruxelas uma missão do Governo Regional dos Açores para uma visita oficial de três dias à sede da CEE. A delegação do executivo presidido por Mota Amaral, integrada pelos secretários regionais adjuntos Nunes Liberto e Adolfo Lima, vai entregar aos responsáveis comunitários um documento sobre a realidade política e económica do arquipélago.

O ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, ofereceu um jantar de despedida ao embaixador cessante de Portugal em Maputo, José Cutileiro.

Cutileiro, que está em Moçambique desde Dezembro de 1980, regressa a Lisboa em 3 de Maio e o novo embaixador de Portugal neste país, Paulouro das Neves, é aguardado em Maputo em Julho.

MOTA PINTO afirmou ontem em Faro desconhecer pormenores sobre o processo de intenção para extinção da ANOP.

Em declarações à Agência Notícias Portuguesa, o dirigente do PSD/PSD não quis adiantar opiniões sobre o assunto, baseando a recusa no desconhecimento do processo.

Defendeu no entanto, um «não ao desemprego» afirmando estar convicto que os trabalhadores da ANOP e da NP vão continuar em actividade, embora «acrescentou» não esteja em condições de dizer como «será um assunto a estudar».

Recordou contudo que «uma empresa é pública e a outra é privada».

AINDA a propósito do relatório sobre o desastre de Camarate, que ontem anunciamos ser divulgado apenas depois das eleições: o ministro da Justiça, Meneses Pimentel, lamentou ontem que o mesmo não seja já dado ao conhecimento público. Recorde-se que o adiamento da divulgação do relatório se fica a dever à reatracção dos deputados que compõem a comissão parlamentar de inquérito.

Na qualidade de ministro da Indústria e Energia, mas também como ministro da Defesa (que acumulou durante os últimos dois meses), Bayão Horta ofereceu ontem um almoço de despedida e agradecimento aos directores e responsáveis da Imprensa e da Rádio. Durante o almoço, que se realizou no Solar do Vinho do Porto, o ministro trouxe uma breve perspectiva da sua passagem pelo Governo, e respondeu às perguntas que lhe foram feitas, nomeadamente sobre questões referentes à Defesa Nacional.



CONFORME noticiámos ontem, o general Melo Egídio visitou o Comando-Geral da GNR no Largo do Carmo, onde foi recebido pelo general Tomé Pinto e pelo 2.º comandante-geral, brigadeiro Almeida Brito. O CEMGFA foi acompanhado por alguns oficiais-generais do Estado-Maior. No final da anunciada sessão de trabalho, realizou-se um almoço.

COMO se tornou já habitual, realiza-se no próximo dia 26 de Maio na Cova da Piedade, o encontro de confraternização dos ex-marineiros da Armada, do recrutamento de 1942. Os interessados deverão contactar com Armando Azevedo Pires, Rua D. Jorge de Lencastre, 53, Aveiro, telefone 27251.

Abstenção pode ser a terceira «força política» em Itália

Enquanto os grupos políticos italianos procedem a apuradas contas sobre quais os resultados de eventuais eleições legislativas antecipadas, uma sondagem agora publicada mostra que caso se realizassem, neste momento, eleições, o grande triunfo seria do partido das abstenções, a que adeririam 18 por cento dos eleitores.

O resultado da sondagem, efectuada por um grande instituto italiano de sondagens para a revista «L'Espresso», indica que o número dos eleitores que não votaria, caso se celebrassem eleições, caso se votaria em branco, duplicou relativamente às eleições de 1976, ano em que as abstenções se cifraram em 9,14 por cento.

O fenómeno da abstenção em

Itália é muito recente. Nas eleições legislativas de 1979 o «partido das abstenções» atingiu já 13,2 por cento do eleitorado.

Uma sondagem efectuada pela mesma empresa, em Setembro de 1982, indicava que a apatia eleitoral abrangia 14,6 por cento dos italianos em idade de votar.

Os resultados de agora indicam que o grupo do «não-voto» tornar-se-ia assim na terceira força eleitoral do país, depois da Democracia-Cristã (DC) e do Partido Comunista (PCI), e seis pontos acima dos votos que, calcula-se, o Partido Socialista (PSI), obterá.

Actualmente, os partidos políticos estão empenhados num debate sobre a conveniência ou

não de ir para eleições legislativas em Junho ou em Outubro próximos, antecipando o termo da actual legislatura, que, em condições normais, expiraria em Junho de 1984.

Além disso, vença ou não a iniciativa de realizar eleições legislativas antecipadas, a 26 de Junho próximo deverão realizar-se eleições administrativas, nas quais participariam mais de sete milhões de eleitores para eleger os governos de 3 regiões, 10 províncias e centenas de municípios, entre os quais cinco capitais.

Será pois nessa altura que se poderá comprovar a veracidade dos resultados da sondagem dados a conhecer pela «L'Espresso», e que indicam que o

fenómeno da abstenção se ampliou geograficamente por todo o país, enquanto que, anteriormente, verificava-se fundamentalmente no Sul do país.

O maior número de presunções favoráveis à abstenção situa-se no grupo etário da população rondando os 30 anos, sendo maior o número de homens que o de mulheres que rejeitam o voto.

20 por cento dos que se absteriam em eleições legislativas a realizar neste momento, declaram-se «eleitores da esquerda, designadamente do PSI, mas também do PCI».

14 por cento dos não-votantes, afirmaram que, caso decidissem votar, fá-lo-iam na Democracia Cristã.

em duas páginas

● Lamego paga embargo de hotel

A Câmara Municipal de Lamego vai indemnizar em 19 milhões de escudos a empresa construtora do Hotel Dourado Sul, cuja obra foi recentemente embargada por decisão da Direcção-Geral do Património Cultural.

O Hotel Dourado Sul, cuja obra de betão se encontrava praticamente concluída, estava a ser construído na zona de protecção do Santuário e do Parque dos Remédios.

Na sequência de inúmeros protestos da população, a Direcção-Geral do Património Cultural deu indicações à Câmara Municipal de Lamego para que a construção do hotel fosse imediatamente interrompida.

O esqueleto do edifício deverá ser demolido a curto prazo.

● Figueira da Foz processa governo

O executivo figueirense deliberou processar o governo, caso não sejam pagas, até ao final do mês, as verbas referentes às receitas do mato-douro e a ao aluguer da delegação local das Finanças.

«Há nove anos que não são satisfeitos os cerca de 70 milhões de escudos, incluindo os encargos, devidos pelo governo no que diz respeito ao mato-douro e 2,7 milhões pelo aluguer do edifício de que as Finanças dispõem na cidade» — disse uma fonte municipal.

Tudo acontece — prosseguiu — quando a autarquia vai receber quase o mesmo montante de verbas atribuídas pela Lei das Finanças Locais, o que em termos reais significa uma diminuição equivalente à taxa de inflação.

● Jardim «faz flores» em Santana

O presidente do Governo Regional da Madeira inaugurou na terça-feira, no concelho de Santana, diversas obras, cujo custo orçou os 140 milhões de escudos.

Na freguesia do Arco de S. Jorge, Jardim inaugurou o abastecimento de água potável a dois sítios daquela freguesia, que servirá 600 pessoas e custou 30 milhões de escudos.

Na freguesia de S. Jorge, o presidente do Governo Regional procedeu à abertura do abastecimento de água potável a cinco sítios que beneficiará 600 pessoas e orçou os 50 milhões de escudos.

● Seia abre-se mais à indústria

A Câmara Municipal de Seia vai promover a instalação de uma zona industrial na periferia da sede de concelho.

A área industrial vai nesta fase ocupar cerca de 150 mil metros quadrados.

O terreno, a ceder aos possíveis investidores industriais é infra-estruturado com água e fornecimento de energia eléctrica.

O concelho de Seia é, no distrito da Guarda, um dos principais pólos da indústria têxtil.

● Um quiosque para Coimbra

O arquitecto Gardim Evangelista, de Lisboa, ganhou terça-feira em Coimbra o primeiro prémio do concurso «Um quiosque para a cidade».

Dois outros arquitectos de Lisboa, José Vaz Pires e José Júlio de Araújo Vieira, classificaram-se, respectivamente, em segundo e terceiro lugar.

«A Câmara Municipal de Coimbra vai agora homolgar os resultados do concurso, e prevê-se que o projecto vencedor seja executado ainda este ano» — disse à ANOP um vereador, no final da votação.

● Estremoz arrumou mercado

A Assembleia Municipal de Estremoz, na sua última reunião, decidiu aprovar o regulamento provisório do mercado abastecedor, proposto pela edilidade local.

Na mesma sessão, aquele órgão autárquico debruçou-se ainda sobre a formação do Conselho Municipal e aprovou a proposta da Câmara local que visa a integração desta na «Região do Turismo da Serra D'Ossa».

A Assembleia Municipal aprovou igualmente o regulamento de utilização das águas das nascentes públicas de Ana Lourea, proposto pela Câmara de Estremoz.

● Açorianos viajam para Lisboa

Lisboa é o principal destino do movimento de passageiros entre a Região Autónoma dos Açores e o exterior — revelou terça-feira uma fonte regional.

Dados do Departamento Regional de Estudos e Planeamento adiantam que em 1981 cerca de 70 por cento dos passageiros embarcados nos aeroportos do arquipélago tiveram a capital portuguesa como ponto de chegada.

Nesse ano, viajaram para o continente 55 794 passageiros dos Açores, região com uma populosa comunidade de emigrantes radicados na América do Norte.

● Mais luz em Viana do Castelo

Uma linha de alta tensão com uma potência de 150 mil vóltios liga, desde terça-feira, a Barragem de Caniçada, Braga, e a subestação de Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo.

O empreendimento que permite uma melhoria considerável no abastecimento de energia eléctrica a Viana do Castelo, reforça a alimentação energética da cidade, que era até agora feita com uma linha de 60 mil vóltios.

● Túnel em Mesão Frio

A variante à Estrada Nacional número um que, atravessa a vila de Mesão Frio-Vila Real, deverá estar concluída dentro de 12 m. eses.

As obras orçadas em cerca de 100 milhões de escudos, incluem a abertura de um túnel rodoviário que atravessa a vila de Mesão Frio.

comunicação social

Por "informações tendenciosas"

Angola expulsa correspondente da France Presse

O correspondente da Agência France Presse em Angola, Jean-Luc Porte, deverá abandonar o território da República Popular de Angola até ao dia 23 — anunciou o Ministério das Relações Exteriores da RPA.

Luc Porte foi declarado «persona non grata», pelo facto de se ter dedicado durante a sua permanência em Angola a actividades estranhas ao seu estatuto, as quais foram testemunhadas

pelos órgãos competentes da República Popular de Angola — refere o comunicado.

Segundo as autoridades de Angola Jean-Luc Porte recorreu a «fontes mais do que suspeitas» e utilizou «informações tendenciosas».

Algumas das informações obtidas «estavam totalmente fora do âmbito da sua competência e punham mesmo em risco a própria segurança do Estado angolano» — afirma a agência Angop,

reflectindo o ponto de vista oficial sobre a forma de actuação do jornalista.

Essas informações eram divulgadas «de forma sensacionalista, alarmista e deturpada, gerando uma compreensão confusa na opinião pública internacional» — especifica ainda a agência angolana.

Jean-Luc Porte era correspondente da AFP em Luanda desde 17 de Junho de 1982.

Damascus/Outubro exposição de fotografia

Em 20 de Outubro do ano corrente, é inaugurada em Damasco uma exposição de fotografia (Interpress/Photo/83), realizada pela União Síria de Jornalistas, sob os auspícios da OJ.

A participação é aberta a repórteres-fotográficos em regime de contrato de trabalho ou «free lancer». Tema da exposição: «Para a paz e compreensão internacional para o humanismo e o progresso».

O primeiro prémio é de mil dólares.

As fotografias não deverão ter mais que 2 anos e deverão ser a preto e branco ou cores em formato que se situe entre os 24x30 e os 50x60.

O regulamento encontra-se no Sindicato dos Jornalistas, onde poderá ser consultado pelos interessados.

Prensa Latina no Maputo

A Prensa Latina vai abrir um escritório permanente no Maputo no fim deste ano — revelou à Anop o director-geral daquela agência, Gustavo Dolz.

O plano foi comunicado por Dolz às autoridades moçambicanas, pelas quais foi recebido ao longo de uma visita de uma semana à capital de Moçambique.

Iniciação ao jornalismo para estagiários cabo-verdianos

A Fundação de Relações Internacionais, presidida por Mário Soares, anunciou que no dia 2 de Maio começa em Lisboa um curso de iniciação ao jornalismo para seis estagiários cabo-verdianos.

A Fundação, que organiza o curso ao abrigo de um acordo de cooperação com o Instituto Amílcar Cabral, de Cabo Verde, acrescentou que admite vir a realizar idênticas iniciativas para jovens de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

O curso agora anunciado terá uma duração de três meses e será acompanhado por conferências a proferir pelos directores dos principais jornais lisboetas.

ANOP: unanimidade para proposta do PPM

O Conselho de Informação para a Anop recomendou ao conselho de gerência da agência o reforço das suas delegações regionais, com vista «a uma eficaz cobertura do último período da campanha eleitoral».

Nesta recomendação proposta pelo PPM e aprovada por unanimidade, o CI/Anop recomenda também que os responsáveis pela agência «repensem o plano de cobertura da informação regional, de modo a facilitar uma mais eficiente acção das delegações».

A proposta aprovada considera que «o condicionalismo em que a Anop se vem movimentando tem vindo a criar dificuldades de ordem material, técnica e humana por vezes de impossível superação».

Jornalistas chineses marxismo-leninismo e Mao

Nos termos da nova constituição da Associação de Jornalistas Chineses, devem estes apoiar «todas as ideias e acções correctas» e estudar o marxismo-leninismo e o pensamento de Mao Tse Tung.

A agência «Nova China» precisa que a nova constituição, que se aplica a todos os jornalistas, foi aprovada em conselho nacional da referida Associação.

O texto exorta os órgãos de informação chineses a desempenharem «um papel na aceleração da modernização socialista chinesa, na reunificação da Pátria e na oposição ao hegemonismo e na defesa da paz mundial».

Portugueses de Gijón ainda em discussão

O conselheiro de Portugal em Gijón, Alberto Menéndez, apresentou à autarquia desta cidade a oferta do Governo português para o projecto de erradicação do bairro de lata em que vivem emigrantes portugueses.

A oferta é a mesma que se vem tratando há tempos, que se baseia na participação do Governo português com cinco milhões de pesetas, (quatro milhões de escudos), e duas assistentes sociais, uma das quais já se encontra em Gijón.

De acordo com fontes da Câmara Municipal de Gijón, nos últimos dias admitia-se a possibilidade de um acordo sobre este tema.

No entanto, as autoridades municipais disseram que a «oferta não é satisfatória, pois exigiria do ajuntamento de Gijón uma maior participação do que as próprias ajudas propostas pelo Governo português».

As autoridades municipais de Gijón estudarão nos próximos dias uma decisão sobre o tema.

Chuvvas não evitam catástrofe cerealífera

As chuvvas caídas nos últimos dias chegaram tarde de mais para grande parte das explorações cerealíferas do Baixo Alentejo — disse um porta-voz do Ministério da Agricultura e Pescas.

Essas culturas — esclareceu a mesma fonte — tinham já atingido uma degradação a partir da qual qualquer recuperação é impossível.

Espera-se, no entanto, que em algumas zonas de mesma região, a precipitação registada domingo e segunda-feira possa salvar algumas searas, do deastre completo embora esteja posta de lado a hipótese de colheitas normais.

A falta de chuva a partir de Fevereiro — disse o mesmo informador — fez com que falhassem drasticamente as perspectivas que nesse mês se faziam de um ano cerealífero excepcional, verificando-se, pelo contrário, uma situação calamitosa como há muito não se registava e que neste momento é já irreversível.

Bilhetes pré-comprados na Ponte 25 de Abril

O equipamento da portagem da Ponte 25 de Abril vai ser remodelado de modo a satisfazer as condições de segurança e comodidade dos automobilistas e permitir uma maior fluidez do tráfego — anunciou ontem a JAE.

O empreendimento, orçado em cerca de 70 milhões de escudos, consta essencialmente da substituição do equipamento de cobrança e controlo do pagamento da portagem, da instalação de mais três cabines, que passarão de sete para dez e a sua beneficiação nomeadamente através de um sistema de ar condicionado.

Dirigida por Francisco Marcelo Curto, e afim da tendência socialista designada por Esquerda Laboral, foi publicado o primeiro número da revista trimestral de cultura política: SOCIALISMO E POLÍTICA.

Do sumário deste primeiro número destacamos o editorial intitulado: «Porquê o Socialismo?»; o estudo «Democracia de Base e Democracia Representativa» de José Leitão; o texto de Pierre Rosanvallon: «Relações entre a Economia e a Autogestão»; ainda sobre autogestão a artigo de Francisco Marcelo Curto: «A ex-

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA), considerou que «a profunda e prolongada crise» do sector foi «fortemente agudizada» por uma política «deliberadamente orientada para o seu estrangulamento», sobretudo da pequena e média lavoura.

A CNA anunciou em conferência de imprensa que se propõe apresentar ao Governo que sairá das eleições como objectivos a atingir o aumento da produção agrícola nacional, a redução drástica das importações dos produtos agrícolas que podem ser obtidos em Portugal e a melhoria das condições de vida dos agricultores.

Os membros da direcção da CNA presentes na conferência apontaram medidas concretas para a resolução de problemas

Medidas agrícolas e pecuárias propostas pela CNA

existentes designadamente no sector pecuário, dos provocados pela seca, dos relacionados com o escoamento dos produtos e o subsídio do gasóleo.

Especificamente em relação à situação na pecuária, que classificaram de «calamitosa», denunciaram o alastramento de doenças como a tuberculose, brucelose, febre aftosa e peripneumonia.

Assinalando que a tuberculose e a brucelose continuam a causar «enormes perdas aos criadores», os representantes da CNA apontaram todavia a peripneumonia como a doença no gado que «mais graves consequências acarreta».

A peripneumonia — dissera — verificara-se principalmente nos concelhos do Norte, distritos de Aveiro e Coimbra e tem alas-

trado, constituindo um perigo para a população.

Acentuaram que se impõe entre outras medidas no sector pecuário, a «vacinação total e gratuita» de todo o efectivo nacional, «o combate eficaz ao contrabando» de gado e o «controlo sanitário efectivo do gado legalmente importado».

No respeitante aos efeitos da seca propuseram a redução dos preços das rações sobretudo nas zonas mais afectadas, concessão de subsídio para forragens, apoios financeiros a obras de captação e reservas de águas, redução do preço de energia eléctrica consumida pelos motores de rega e indemnização dos prejuízos causados pela seca.

LIVRE DE CANTO

A. Flores de Andrade



Na cerimónia de abertura do Parlamento de um país africano, ouvi uma vez o Presidente da República invectivar sem cerimónias a administração, por não ser capaz de pôr cobro ao ritmo desmedido de importações que se verificava.

«Como é possível, num país com uma situação económica destas, importar milhares de contos de pausinhos para gelados?» — fulminava a voz do Presidente. E prosseguia:

«Com tanta cana que há para aí, será preciso malbaratar divisas a comprar pausinhos?»

Lembrei-me agora desse simpático e paternal Presidente, quando li na nossa imprensa que um Banco francês nos dava alguns conselhos, enquanto nos considerava, na Europa Ocidental, o único país «em vias de subdesenvolvimento».

«em vias de desenvolvimento». Como não há neste lado do continente países «subdesenvolvidos», aquela originalidade não é lá muito tranquilizadora.

Depois de garantir que o ano de 83 vai ser para nós «particularmente difícil» (olha a novidade, há mais de três meses que sabemos isso), o Banco esqueceu-se, mas foi, de nos prevenir contra a mania das originalidades.

E que ao ritmo a que Portugal importa bens superfluos e de luxo — e até outros que continuamos, como ricos, a considerar de primeira necessidade — pode muito bem acontecer que estejamos à beira de inventar uma novíssima classificação, só cá p'ra gente: a de país «em vias de subdesenvolvimento».

com **Candy**
a vida tem mais qualidade

«Com Candy a lavar loiça posso fazer o que realmente gosto. Brincar com o filho... namorar o marido... conviver.»

Máquinas de lavar loiça Candy a qualidade ao seu serviço para que a sua vida tenha mais qualidade.



SUL: NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.
NORTE: SANTOS GUIMARÃES+OLIVEIRA, S.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA ELEIÇÕES

Nos termos do disposto nos artigos números 7 e 12 dos Estatutos, convoco a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do UNIÃO E PROGRESSO DA VENDA NOVA, a realizar na sua Sede Social, sita à Rua Marquesa de Alorna, 2-A, Venda Nova, no dia 29 de Abril de 1983 pelas 18 horas com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto único — ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÊNIO DE 1983/85.

União e Progresso da Venda Nova, 30 de Março de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Manuel José Teixeira

NOTA 1: — Esta Assembleia encerrará imprerivelmente às 23 horas.

NOTA 2: — O último dia para a apresentação de LISTAS será o dia 14 de Abril de 1983, até às 24 horas.

Festa de ABRIL

SAB. 23 ABRIL ÀS 15 HORAS

DESFILE

DO M.POMBAL PARA O ROSSIO

ÀS 17 HORAS

COMICIO

COM

ÁLVARO CUNHAL
SECRETÁRIO-GERAL DO PCP

JOSÉ TENGARRINHA
PRESIDENTE DO MDP/CD



CARAVANAS «MONDEGO»

ATRELADOS, TENDAS. TUDO PARA CAMPISMO. ÓPTIMOS PREÇOS

HENRIQUES & CASTRO, LDA.
ESTRADA DE BENFICA, 398-A/B - 1500 LISBOA

MÚSICOS! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

ECONOMISTAS! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

TRABALHADORES DE CINEMA! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

TRABALHADORES CIENTÍFICOS! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

de ontem para hoje

Fogo «engarrafa» trânsito



O fogo que a meio da tarde de ontem «engoliu» a cobertura de um prédio de cinco pisos, na Praça Duque de Terceira, provocou na ocasião um dos maiores «engarrafamentos» de que há memória naquela zona. Durante mais de duas horas, com os lisboetas a gozarem o feito do Benfite em Craiova, elementos dos BSB e da 1.ª Secção de Voluntários atacaram as chamas com denodo. O incêndio ficou controlado por volta das 19 horas, quando milhares de lisboetas se dirigiram para casa ou para o transporte final. Os eléctricos foram os mais afectados, formando uma enorme «bicha» na Rua do Aresenal, enquanto a carreira entre o Cal do Sodrê e a Gomes Freire também não funcionou. O fogo causou também dificuldades aos utentes nas paragens das ruas do Alecrim, Arsenal e no Terreiro do Paço. Sobre o fogo, propriamente dito: pois obrigou à evacuação dos seus habitantes, nomeadamente do 5.º andar, onde residem três pessoas, um casal e a mãe. O andar em que vivem (o último) ficou destelhado. No edifício, de construção antiga, estão instalados serviços da Secretaria de Estado das Pescas, escritórios de agências de navegação e Consulado da Gâmbia.

Republicano enterrado em Almeida

O corpo de António Monteiro de Andrade, que foi militante do movimento que levou à implantação da República, foi ontem sepultado em Freixo, no cemitério de Almeida. Falecido na 2.ª-feira em Lisboa, António Andrade pertenceu aos gabinetes de Teófilo

Braga, Bernardino Machado e António José de Almeida e foi administrador do Seixal e da Póvoa de Varzim. João Gomes fez o elogio e evocou deste homem, exaltando as suas qualidades políticas de republicano e democrata.

Militante do PSD morre em campanha

Um militante do PSD morreu ontem, vítima de um acidente de viação na nova ponte de Ponte de Lima. Chamava-se João Gonçalves Ribeiro e era empregado bancário. Seguiu com mais três militantes socialistas-democratas que ficaram gravemente feridos, dando entrada no Hospital de S. João do Porto: Manuel A. S. Pereira Rodrigues, Luis M. Azevedo Costa e Vítor Manuel P. da Silva.

Devolução de herdade em Almeirim

Os trabalhadores da herdade «Paços Negros», em Almeirim, aceitaram sem oposição a entrega desta, por parte do MAPC, à sua antiga proprietária, Adeline Correia da Silva. Reivindicam, no entanto, o produto que semearam e o direito a trabalhar a terra. Os trabalhadores consideram que o momento político «não é propício a acções desestabilizadoras» e daí nem sequer terem, na prática, reagido.

Torre de controlo na Covilhã

O aeródromo da Covilhã vai ser dotado de aparelhagem técnica acessória à navegação aérea, estando prevista a construção de uma torre de controlo aéreo. A instalação de um terminal é outra das obras admitidas, de modo a apetrechar o aeródromo da Covilhã, que é o único operacional na Beira Interior a funcionar desde 1970, em condições que possam ligar aquela região a Lisboa e outros com mais prontidão e eficácia. As obras vão ser adjudicadas a curto prazo.

Valem actuais placas retroreflectoras

As placas retroreflectoras que muitos dos veículos pesados e longos exibem são válidas até 1 de Janeiro de 1987, segundo uma nota do Ministério dos Transportes e Comunicações. Essa «cedência» em relação à obrigatoriedade das novas

placas retroreflectoras, oportunamente aprovadas, fica a dever-se ao facto de não existirem no mercado. É exigido que essas placas obedçam às condições quanto à cor, dimensão e colocação.

Monumento ao Papa em Vila Viçosa

Será inaugurado em 8 do mês que vem o monumento comemorativo da visita do Papa a Vila Viçosa. Um busto de João Paulo II, em bronze, com pedestal de mármore da própria região, da autoria de Lagoa Henrique, dá vida ao monumento, a implantar na esplanada do santuário.

Petrogal e Governo com medidas simultâneas

Ameaçados transportes colectivos do Barreiro

Os transportes colectivos do Barreiro enfrentam desde há dois dias uma situação de ameaça resultante de decisões simultâneas da Petrogal e da Secretaria de Estado dos Transportes Interiores. «Trata-se de sabotar os transportes em altura de eleições» — considerou esta manhã um responsável da Câmara em conferência de imprensa.

As duas decisões respeitantes aos transportes colectivos do Barreiro, que dependem dos Serviços Municipalizados, coincidirão no tempo, o que faz levantar suspeitas de que se trata de uma operação concertada. Por um lado, a Petrogal passou a exigir o pré-pagamento do gásóleo; por outro, a Secretaria de Estado proibiu a venda de passes intermodais, passado-a, naquela vila, exclusivamente para a CP.

As medidas da Petrogal quanto ao fornecimento de gásóleo surgem na altura em que o atraso de pagamentos se cifra em 6800 contos, correspondente ao último mês. Uma antiga dívida, de 1978, sobre a qual foi feito um acordo, tem estado a ser liquidada nos moldes estabelecidos entre as

duas partes. A medida relativa aos passes sociais atinge os transportes colectivos na medida em que a priva de algumas receitas. Até agora, a Câmara Municipal do Barreiro rexeia o produto dessa venda e procedia depois a um acerto de contas com os outros operadores da Grande Lisboa e particularmente com a CP.

A Câmara do Barreiro tem ficado sempre com uma prte desse dinheiro em virtude de não receber do Governo — um tostão de compensação pela sua participação no passe intermodal da região de Lisboa —, como se afirma num comunicado emitido a propósito.

O Governo deveria ter entregue aos transportes do Barreiro,

desde 1979, cerca de cem mil contos, segundo os cálculos elaborados pelos serviços da Câmara. Mas, até agora, o único subsídio a fundo perdido que lhe foi concedido somou os 75 mil contos. A mesma verba foi concedida a cada uma das cinco Câmaras que no nosso país asseguram transportes colectivos às suas populações.

Um serviço com 25 anos

Os transportes colectivos do Barreiro funciona desde há 25 anos e foram esta manhã considerados pelos responsáveis municipais como um bom serviço prestado à população. A taxa de cobertura entre custos e receitas é, por outro lado, bastante elevada, mesmo para padrões internacionais, cifrando-se nos 65 por cento.

Os prejuízos anuais atingem, contudo, os 80 mil contos, para uma frota de 74 autocarros, que

no ano passado transportou 22,4 milhões de passageiros ao longo de 30 milhões de quilómetros.

As duas medidas agora tomadas poderão constituir uma ameaça para a continuação deste serviço público, embora não a curto prazo. Pelo contrário, em comunicado, a Câmara assegura mesmo: «Não se iludam. Os transportes colectivos do Barreiro não vão parar!».

As dívidas à Petrogal, porventura com significado muito maior, não são exclusivas dos transportes do Barreiro. Com a diferença de as outras empresas receberem compensações pela sua participação nos passes intermodais e até indemnização compensatória de exploração. Mas, até porque, os governos têm recusado esse tipo de subsídio aos transportes municipais, alegando que essa prática é proibida pela Lei das Finanças Locais. Mas as verbas nessa lei estabelecidas para as Câmaras continuam a não chegar aos seus cofres, como esta manhã foi salientado.

ensino

ME «remenda» e segue Conselhos Directivos podem prolongar aulas até 30 de Junho

Os professores que entendam necessário ou conveniente prolongar as actividades lectivas até 30 de Junho próximo, poderão fazê-lo. Um despacho do secretário de Estado da Educação e Administração Escolar, de 15 de Abril, autoriza os conselhos directivos das escolas a prolongar as aulas, se entenderem necessário ou conveniente, até aquela data.

Contra factos não há argumentos: o Ministério da Educação de Fráusto da Silva pode desculpar-se como quiser mas os factos, indelmentáveis, surgem uns atrás dos outros, a demonstrar que o Ministério da Educação, dando ordens e contra-ordens, é francamente «des-educativo».

Há uns meses atrás o ME informava que, com raras excepções (para os alunos da teleescola, por exemplo) o calendário escolar ficava uniformizado. Assim, as aulas terminariam a 30 de Junho. Mas a confusão lançada pelo ME com a abolição de exames e forma de acesso ao ensino superior, levou a que as aulas do ensino secundário tivessem de terminar mais cedo, ou seja, a 9 de Junho.

Os protestos foram tantos e tais, pois na altura do ano em que a ordem veio do Ministério, os professores tinham programado as matérias a dar para determinado período de tempo, que o Ministério da Educação, a semelhança do que vem a fazer, voltou atrás...

Prazos de inscrição para exames

Um despacho do secretário de Estado da Educação e Administração Escolar determina que nos cinco dias úteis seguintes ao da respectiva publicação no «Diário da República», podem ainda ser aceites pedidos de inscrição apresentados por candidatos que pretendam ser admitidos a exame de disciplinas nas quais, no corrente ano lectivo, não tenham sido matriculados. Com este despacho pretende-se resolver o problema criado pelo atraso na publicação no «Diário da República» do despacho 23/EAE/14 de Março, que poderá ter impedido os interessados de tomar conhecimento do prazo fixado para entrega do boletim de inscrição.

Escolas primárias da Covilhã precisam de 15 milhões de escudos

COVILHÃ — As carências materiais das escolas primárias do concelho da Covilhã, estão orçadas em 15 milhões de escudos — disse à ANOP o presidente da edilidade covilhanense.

Lopes Teixeira referia o resultado de um relatório realizado pelo Município com vista ao levantamento das necessidades destes estabelecimentos de ensino.

Considera este autarca que a superação das carências, nomeadamente de instalações e material técnico, são da responsabilidade do Estado.

No ano passado

O défice do comércio externo foi de 417 milhões de contos

A taxa de cobertura das importações portuguesas pelas exportações foi, em 1982, de 44,3 por cento, o que representa uma sensível melhoria relativamente à de 1981 (42,2 por cento) — informou o Instituto Nacional de Estatística.

Apesar desta melhoria da taxa de cobertura, que contudo foi inferior à de 1980, quando atingiu os 49 por cento, o défice do comércio externo português em

De acordo com os últimos dados provisórios do INE, em 1982 as importações aumentaram 23 por cento, relativamente a 1981 (609 milhões de contos) e as exportações sofreram um acréscimo de 29,2 por cento face às de 1981 (256,9 milhões).

Com os países da OCDE — acrescenta o INE — o défice comercial foi de 247,1 milhões de contos, enquanto o défice com a CEE se cifrou em 144,4 milhões

A República Federal da Alemanha continuou a ser em 1982 o principal fornecedor de Portugal a nível mundial, tendo o Reino Unido, para onde foram exportadas mercadorias no valor de 49,2 milhões de contos, permanecido como principal cliente de Portugal.

O único país da CEE com o qual as transacções de mercadorias portuguesas apresentaram um saldo positivo de 1,6 milhões de contos, foi a Dinamarca. Para os países da antiga zona do escudo em 1982 as exportações portuguesas atingiram os 16,5 milhões de contos, o que equivale a uma quebra de 14,6 por cento, relativamente ao valor atingido em 1981.

O INE salienta que esta quebra foi «fortemente influenciada pela evolução das exportações portuguesas para a República Popular da Angola, que passaram de 13,8 milhões de contos em 1981, par 6,7 milhões em 1982».

O mais elevado défice comercial continuou a verificar-se nas transacções entre Portugal e os Estados Unidos: 60,5 milhões de contos (59,5 milhões em 1981).

- Quebra acentuada nas vendas a Angola
- Com os Estados Unidos o défice mais elevado
- A RFA foi o principal fornecedor
- A Inglaterra é o primeiro cliente de Portugal

1982, aumentou para 417,1 milhões de contos, contra 352,1 milhões em 1981, o que equivale a um agravamento de 18,5 por cento.

O défice resultou da diferença entre exportações no valor de 331,9 milhões de contos e importações que atingiram os 749 milhões.

De entre os países da CEE, foi com a República Federal da Alemanha que se verificou o défice mais elevado, 45,3 milhões de contos, tendo as importações atingido 88,3 milhões e as exportações 43 milhões.

Agrava-se a crise da siderurgia internacional

Produção de aço na OCDE diminuiu 16% em 1982

A situação do mercado do aço nos países da OCDE continuou a degradar-se durante o último trimestre de 1982. Segundo os estudos periódicos do Comité do Aço daquela organização internacional, a produção total da zona da OCDE foi inferior em 23% à conseguida em período idêntico de 1981.

No que se refere ao conjunto do ano, a produção global dos

países membros diminuiu em 63 milhões de toneladas, ou sejam 16% em relação ao ano precedente. O índice de utilização da capacidade produtiva instalada nesses países foi apenas de 58% em 1982 para 69% em 1981.

Quanto ao emprego no sector, a perda de postos de trabalho atingiu igualmente um nível nunca atingido desde o início da

crise siderúrgica, em 1974. A quebra chegou aos 10% do total da mão-de-obra ali empregada, com o desaparecimento de 150 000 postos de trabalho. Além desta redução do número de empregos a redução dos horários de trabalho continuou a gerar-se.

Segundo o comunicado do Comité do Aço, a degradação do mercado deve-se em parte a uma diminuição significativa das exportações em direcção aos países em desenvolvimento. O factor de maior peso nessa situação parece ser todavia a própria redução da procura no interior da zona OCDE, onde as encomendas recuaram em mais de 14%, atingindo o seu mais baixo nível desde 1967. A exploração desta descida reside, sobretudo, na baixa registada na actividade dos principais consumidores de aço e na utilização de grande parte dos «stocks» acumulados anteriormente. As previsões dos especialistas da OCDE apontam para uma melhoria «muito modesta» da procura em alguns segmentos do mercado: no que toca a países e a produtos. Por outro lado, o ligeiro crescimento das encomendas verificado em alguns países parece não significar qualquer espécie de retoma durável do sector.

EUA produz o mesmo que em 1946

Os Estados Unidos foram durante o período em análise o país em que a crise da indústria siderúrgica mais se fez sentir. A produção acusou uma descida de 38% alcançando o seu mais baixo nível desde 1946 e acarretando prejuízos líquidos superiores a 3 mil milhões de dólares.

No Japão, a produção manteve-se com uma muito ligeira descida em relação a 1981, mas chegando ao seu mais baixo nível desde 1972.

Na CEE, a redução dos volumes produzidos ficou-se pelos 12%, tendo a procura interior diminuído em 6% e as exportações regredido acentuadamente. Segundo alguns indicadores poder-se-ia prever uma ligeira retoma da produção nesta época em fins do presente ano.

em duas palavras

60 CONTOS EM DIVISAS por ano, poderão vir a ser autorizados aos turistas portugueses que se deslocarem ao estrangeiro, segundo declarações do secretário de Estado, Nandim de Carvalho, a um matutino.

Decorrem os estudos correspondentes, nos gabinetes do Turismo e das Finanças e se a intenção de Nandim de Carvalho vingar, a diferença de 30 contos para mais (actualmente só é autorizada a compra de 30 contos em divisas) só será autorizada se passada em cheques de viagem.

A DISTRIBUIÇÃO DA ENERGIA DE CABORA BASSA está a ser discutida por uma delegação portuguesa na África do Sul, visando-se tanto resolver as causas das frequentes interrupções do fornecimento, como aumentar as tarifas da energia fornecida à central Apollo, próximo de Jonanesburgo.

A missão é chefiada pelo presidente do Conselho de Administração da Empresa de Cabora Bassa, Castro Fontes, e as conversações actuais têm, sobretudo, a ver com os atentados contra as linhas de transporte por rebeldes anti-Frelimo e que a África do Sul apoia em meios logísticos e materiais. Por cada dia de paragem do abastecimento de energia, a empresa sofre um prejuízo de 10 mil contos.

INDUSTRIAS PORTUGUESES deslocam-se à Bélgica para visitarem a exposição «Flanders Technology» que decorre em Gent, de 3 a 7 de Maio.

A iniciativa é do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais (IAPMEI) e da Câmara de Comércio Belga em Portugal.

Os objectivos do salão internacional «Flanders Technology», dizem, essencialmente, respeito ao encontro concreto da procura e da oferta de inovações tecnológicas e de novas tecnologias.

Neste momento, estão concluídos 300 contratos com expositores de todas as partes do Mundo.

O NOVO CÓDIGO DO REGISTO PREDIAL está em Conselho de Ministros para aprovação, aguardando-se que ela seja conseguida na reunião de hoje, presidida por Pinto Balsemão.

Outros diplomas de índole económica foram agendados para o plenário ministerial, entre eles o que estabelece uma linha de crédito para cooperativas de habitação e o que introduz benefícios fiscais à importação de veículos (triciclos, cadeiras de rodas e automóveis) para deficientes motores.

EM ABRIL OFERTAS MIL

sensacional promoção nos

Armazéns do Chiado

UM CABAZ DE ARTIGOS A PREÇOS SUBSIDIADOS

TOALHAS DE MESA	CHAPÉUS DE SOL	ESTEIRAS CHINESAS
Padrões originais. Em cambraia c/ 1 70 m	Para jardim, campo e praia	Para campo e praia
298\$	Preços baratíssimos	195\$
CAMPISMO	RAQUETAS DE TÊNIS	CAMISAS DE DORMIR
Importante secção, com tudo para o campista	Inacreditável	Em malha e cambraia
Preços sensacionais	298\$	398\$
MALHA JERSEY	MARQUISETE DE RENDA	DISCOS
Em seda lisa c/ 1,80 l	C/ 2,80 l	L.P. com os últimos éxitos
Óptima qualidade	Muito bonitas	95\$
	Autêntica pechincha	
148\$	198\$	
COBERTORES DE LA	CREPES DA CHINA	ELECTRODOMÉSTICOS
Para casal. Preço fim de estácio	Padrões franceses 1983	Televisores, frigoríficos, arcaas, etc das melhores marcas a preços sem concorrência
298\$	C/ 1,15 l	
298\$	298\$	
SAIAS PARA SENHORA	CALÇAS P/SENHORA	VESTIDOS P/SENHORA
Padrões girrissimos e muito frescas	Modernas, cores lindas em óptimos algodões	Em seda, fibra e canbraia. Muito giros
495\$	695\$	998\$
TREVIRAS P/VERÃO	MÓVEIS	LENÇÓIS
C/ 1 50 l	De todos os estilos a preços de excepção	Panos de cores, tipo K de encaixe. Um brinde
Um encanto	198\$	298\$
CAMISAS P/HOMEM	VELUDO	CREPONS LISOS
Modernas em óptima popeline	Da melhor qualidade c/ 1 30 l	C/ 0,90 l em todas as cores
395\$	298\$	148\$
ALCATIFAS	FATOS DE BANHO E BIQUINIS	FATOS DE TREINO
A mais vasta colecção a preços incríveis. (Condições especiais para construtores)	Padrões e modelos 1983. Uma tara	Muito bonitos
78\$	595\$	598\$
MALHAS DE ALGODÃO	TUDO PARA CORTINADOS	POPELINES, CAMBRAIAS E FIBRANAS
Estampadas c/ 1,50 l	Acessórios de todos os tipos (Nós confeccionamos)	C/ 0,90 l
Padrões actuais		Padrões 1983 em 30 cores
78\$		98\$
SAPATOS DE VERÃO	BLAZER'S	COLCHÕES DE PRAIA
Para senhora de «toilette»	Casacos lindos com corte italiano	Enorme sortido desde
Muito elegantes	1.480\$	455\$
995\$		
CALÇÕES DESPORTIVOS	-O RECHEADO-	JOGOS DE CAMA
Para desporto campo e praia	Novo maxi-mercado com mercearia, cosmética produtos de higiene e limpeza, etc MINI PREÇOS	Em terylene c/ 2 x 2 70
295\$		Padrões lindos
		Baratíssimos
		1.190\$

AGORA NOS

Armazéns do Chiado



o seu escudo vale o dobro!

Sindicato dos Maquinistas

sem respostas

“Sócios têm que acreditar em nós”

— afirma dirigente do SMAQ

O «DL» obteve hoje junto do gabinete de relações públicas da CP os nomes dos três maquinistas, cujo despedimento havia sido ontem anunciado. Trata-se de António Vieira Lopes Barreira, José Varela Almeida e Nuno António Campos Marques que têm, respectivamente, 15, 13 e 8 anos de serviço, sendo o último membro suplente dos corpos gerentes do Sindicato dos Maquinistas (SMAQ).

Curiosamente, o SMAQ tomou conhecimento através do «DL» dos nomes dos seus associados despedidos.

Instado a pronunciar-se sobre a questão, um dirigente sindical limitou-se a dizer que irá ser agora «despoletada por via judicial a contestação dos processos». Tudo o resto será discutido e analisado no plenário a realizar no Entroncamento, no próximo dia 23.

Entretanto, o conselho de gerência da CP distribuiu hoje um comunicado de resposta ao divulgado ontem pelo Sindicato dos Maquinistas.

Depois de considerar «falsas, injustas e indignas» as acusações feitas pelo SMAQ sobre um alegado acordo entre as duas partes, o CG da CP afirma ainda serem falsas as afirmações dos dirigentes sindicais quanto às garantias dadas sobre os processos disciplinares por um membro do CG, Jorge Saraiva.

A este respeito, recorde-se o que diz o sindicato quanto ao acordo de princípios verbal, firmado com o CG através do citado elemento:

Quando aos processos disciplinares, estabeleceu-se o princípio de que os mesmos seguiriam os seus trâmites normais elaborando-se as respectivas defesas.

Estabeleceu-se também que aquela apresentação ao serviço funcionaria como atenuante no processo e consequente ressalva das situações mais gravosas, incluindo os despedimentos. Sendo consideradas, no máximo, hipóteses de sanções de 4 ou 5 dias, nalguns casos. Os sindicatos suportariam em termos pecuniários, o prejuízo daí resultante para os trabalhadores.

Mas o CG nega tudo isto e interroga o sindicato sobre as razões pelas quais não exigiu «como sempre tem feito em idênticas situações, que essas garantias lhe tivessem sido dadas por escrito?»

Esta mesma pergunta fez o «DL» ao dirigente do SMAQ. Era impossível dada a posição do CG de não querer negociar formalmente enquanto se mantivesse a greve. Onde, é lícito inferir que o Sindicato levantou a greve baseado em acordos informais. Sem acordos escritos e com mais de cem processos disciplinares, 66 dos quais com intenção de despedimento, que tipo de julgamento poderão agora os sócios do Sindicato dos Maquinistas fazer? Os sócios têm que acreditar na direcção. Vamos fazer o plenário e esclarecer nos locais de trabalho.

Função Pública

Redução do subsídio de férias “é uma medida ilegal” do Governo

— acusa a Federação do sector

Reagindo à publicação, no «Diário da República» de ontem, de um despacho normativo do Primeiro-Ministro, que pretende reduzir o subsídio de férias dos trabalhadores da Função Pública, a Federação dos Sindicatos do sector afirma que esta medida «manifestamente ilegal» e contrária à opinião «já expressa, quer pelos órgãos competentes da Administração Pública, quer pela Procuradoria-Geral da República». A aplicação do Despacho, sublinha a Federação, lesaria globalmente os 380 mil trabalhadores da Ad-

ministração Pública, central regional e local.

Com efeito, o Despacho Normativo 93/83, ontem divulgado, determina que o subsídio de férias «seja equivalente ao montante da remuneração dos dias de férias que, em concreto, o funcionário ou agente tenha direito a gozar».

Esta medida que, segundo um comunicado emitido pela Federação «mereceu o mais completo repúdio dos trabalhadores atingidos» é «mais uma prova de que é urgente

mudar de política e de Governo».

A Federação da Função Pública considera que o Despacho «é manifestamente ilegal, quer por falta de competência para o efeito do Primeiro-Ministro, quer por contrariar a legislação já existente em particular o Decreto-Lei n.º 496/80, com o alcance que lhe foi dado pelo Despacho Normativo 389/80».

De acordo com o documento, a Federação entende também que «o subsídio de férias deve ser pago este ano em moldes idênticos ao ante-

rior, não se procedendo por isso nomeadamente ao desconto dos dias de férias antecipadamente gozados ao abrigo do artigo 4.º do Decreto-Lei 194/78».

A Federação, que afirma já ter contactado a Direcção-Geral da Administração e da Função Pública, termina exigindo «a imediata revogação do Despacho Normativo 93/83 e o integral cumprimento da legislação em vigor, com salvaguarda dos direitos adquiridos pelos trabalhadores da Função Pública».

Orquestra Gulbenkian faz paralisação de protesto

A orquestra Gulbenkian vai paralisar simbolicamente no próximo domingo os primeiros cinco minutos da apresentação do concerto «O Elias» de Mendelshon.

Tal acção tem por objectivo pressionar a administração a integrar no quadro da orquestra cerca de 30 músicos que aí desenvolvem um trabalho regular e periódico sem interrupção desde 1971.

Desta forma, esses trabalhadores continuam a ser considerados como contratados a prazo o que, segundo o Sindicato dos Músicos «é uma situação discriminatória em relação ao res-

tante pessoal» daquela instituição.

De acordo com um porta-voz do sindicato, tanto por seu intermédio como directamente pelos próprios interessados, têm sido feitas várias diligências junto da administração da Gulbenkian no sentido de pôr cobro a «uma situação tão injusta».

Para além do mais, adiantou aquele porta-voz, independentemente da ilegalidade existente face à lei vigente, subsiste o facto de a Gulbenkian, criada para preservar os valores artísticos, não dever pactuar com a manutenção de situações que só desprestigiariam os objectivos para que foi criada.

Marconi

A greve na Marconi, marcada para amanhã, «será irreversível» na reunião que hoje decorre com as administrações não for ultrapassado o impasse nas negociações contratuais — afirmou um porta-voz sindical.

Um representante do Sindicato das Telecomunicações afirmou que não se verificou qualquer avanço na reunião efectuada na terça-feira, uma vez que a administração não subiu a sua oferta de um aumento de 16,5 por cento sobre a actual massa salarial global, numa tabela «com 14 meses de vigência».

A greve foi marcada pela Federação das Comunicações e Telecomunicações

Os trabalhadores condenam esta posição da administração por considerarem que «a situação económica da empresa é suficientemente boa para possibilitar a reposição do poder de compra que se reivindicam».

Os representantes dos trabalhadores ainda não apresentaram uma proposta salarial concreta, uma vez que só tencionam discuti-la «depois de a administração aceitar o princípio de que a revisão da tabela se fará tendo em conta a reposição do poder de compra e não o tecto salarial».

A greve foi marcada pela Federação das Comunicações e Telecomunicações

1.º de Maio de 1982

Violência policial ultrapassou “todos os limites”

— revela o relatório da PGR, divulgado pela USP

O relatório do inquérito da Procuradoria-Geral da República aos acontecimentos do 1.º de Maio de 1982, dos quais resultaram dois mortos, foi ontem divulgado na íntegra, em conferência de imprensa, pela União de Sindicatos do Porto. O estudo, «mesmo apressado», deste documento, segundo João Pacheco Gonçalves, da Comissão Executiva da CGTP e coordenador da USP, «torna irrecusável a conclusão da existência de um plano maduramente premeditado e de acção intimidatória e repressiva» que culminou com «a actuação bestial das forças da Polícia de Intervenção». A USP, que encara para fase posterior a publicação do extenso relatório (cerca de 30 páginas), manifesta reservas em relação a vários aspectos, sobretudo de apreciação jurídica.

Pacheco Gonçalves sublinhou que o inquérito deixa de lado a averiguação das responsabilidades do ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, do governador civil do Porto, Rocha Pinto, e da UGT, «no conclusão premeditada dos acontecimentos do 1.º de Maio».

Referiu igualmente que, desde o início «os factos apontam para uma operação provocatória, de intimidação primeiro, de terror depois, em que a primeira peça é precisamente a UGT a aparecer a solicitar autorização para comemorar o 1.º de Maio, isto é, a lançar uma provocação ten-

«sem qualquer controlo do comandante das forças em operação».

1 «Inusitada violência»

As cargas dos elementos do Corpo de Intervenção levadas a cabo na Avenida dos Aliados e na Praça da Liberdade «contra os manifestantes e ainda muitas pessoas que nada tinham a ver com as manifestações» assumiram «expressões de inusitada e desnecessária violência» — diz o documento.

«Com efeito — prossegue — os elementos do Corpo de Intervenção agrediram indiscriminadamente as pessoas que se encontravam à sua frente à bastonada e a pontapé, e às vezes com obscenidades, independentemente do sexo e da idade».

Todos foram «agredidos, muitas vezes de forma selvagem e por mais de um elemento policial contra a mesma pessoa, mesmo que esta se encontrasse prostrada no chão e indefesa» — observa o relatório.

Os próprios jornalistas — continua — «que por ali andavam no exercício das suas funções e devidamente identificados através dos cartões profissionais que traziam expostos de forma bem visível, foram impedidos de exercer o seu múnus e várias vezes ameaçados, por aqueles elementos policiais, de violências físicas».

O relatório sublinha que não foram obtidos «quaisquer indícios de que tenham sido arre-messadas aos efectivos policiais

cocktails-Molotov e que não foi provado que «tenham sido disparados tiros por qualquer dos manifestantes ou elementos da população».

Responsabiliza o primeiro e segundo pelotões do Corpo de Intervenção pela autoria do intenso tiroteio que se prolongou, embora de forma mais dispersa, por cerca de uma hora «nas entradas das ruas Sá da Bandeira e 31 de Janeiro, apesar de ser por eles unanimemente negada, embora sem grande consistência».

Esta conclusão — prossegue — baseia-se não só nas declarações de testemunhas presenciais como por terem sido «encontradas no local do tiroteio duas cápsulas percutidas e um projectil todos de calibre de nove milímetros, que é o correspondente às pistolas unicamente usadas pelos guardas do Corpo de Intervenção».

O documento acrescenta que a responsabilização do Corpo de Intervenção, no tiroteio pode ainda ser retratada a partir de um exame balístico feito a um projectil que feriu Maria Elia Silva Soares.

Testemunhas presenciais

«Além disso — diz ainda sobre esta questão — o relatório dos projectéis extraídos dos cadáveres das duas pessoas falecidas em consequência dos acontecimentos, e que se encontravam igualmente nas proximidades do local do tiroteio, eram do calibre 7,65 milímetros, que é o correspondente às pistolas usadas

apenas pelos graduados do Corpo de Intervenção e por todos os elementos do Comando Distrital da PSP do Porto», nenhum dos quais se encontrava na zona do tiroteio.

O documento da Procuradoria Geral da República descreve os testemunhos de alguns cidadãos que presenciaram os incidentes e relata, com pormenor, o modo como os mortos e os feridos foram atingidos pelos projectéis.

Pedro Vieira, de 24 anos, vítima mortal dos incidentes, foi atingido pelas costas por um projectil em ricochete «oriundo dos muitos disparos de arma de fogo feitos na zona da Praça Almeida Garret (junto à entrada das Ruas Sá da Bandeira e 31 de Janeiro) pelos elementos do Corpo de Intervenção, pertencentes ao primeiro e segundo pelotões» — refere o relatório.

Mário Emílio Pereira Gonçalves, de 17 anos, também vítima mortal durante o tiroteio, foi atingido por um tiro no maxilar superior esquerdo quando se encontrava recolhido, de costas, encostado a um muro, presenciando os incidentes.

«Um dos policiais destacou-se do grupo e apontou a pistola que trazia consigo, já empunhada, e com ela disparou dois tiros em direcção de Mário Emílio» — relata o documento.

«Logo após o tiro que o atingiu, o Mário Emílio começou a gritar, contorcendo-se, acabando por cair pouco depois, inanimado de ventre para baixo. O polícia agressor ainda se aproximou da vítima depois de ter disparado» — acrescenta.

PROGRAMA

Das 10 às 12 H — Animação desportiva e recreativa.

- JOGOS:
 - Pião.
 - Elástico.
 - Corridas de sacos.

- Xadrez e Damas.
- Minibasketebol.
- Gincana de bicicletas.
- Corrida de carros de esferas. (Inscrições no local)
- Classes de Ginástica.
- Minitorneio de Futebol.
- Haverá DIPLOMA para todos os participantes.
- Medalhas até ao 10.º classificado nos carros de esferas.
- Até ao 3.º classificado na Gincana de Bicycletas e nas Corridas de Sacos.

PARA OS MAIS PEQUENINOS
HAVERÁ: Pintura.
Modelagem.
Dobragem.

Das 12 às 13.30H — Espectáculo Infantil.

- J. Jorge Letria.
- Nucleo Infantil da Brandoa.



- Núcleo de Pioneiros (Póvoa de Santo Adrião).
- TIL.
- Núcleo de Pioneiros de Odivelas.
- Rancho Folclórico Infantil «Os Avieiros».
- Núcleo de Pioneiros dos Olivais.

ENGENHEIROS! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

ENGENHEIROS! TÉCNICOS! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

JORNALISTAS! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
Comissão APU convida-vos.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA
Admissão de pessoal

Torna-se público que, até ao dia 2 de Maio do corrente ano, encontra-se aberto concurso para preenchimento de 1 lugar de TÉCNICO SUPERIOR DE 2.ª CLASSE, a que corresponde o vencimento mensal de 31 500\$00 (letra G).

A este concurso poderão ser admitidos indivíduos que possuem licenciatura numa das seguintes especialidades: (Letras, História, Sociologia e Antropologia).

A área funcional situa-se no Departamento de Cultura e Acção Social desta Câmara Municipal.

As condições de admissão encontram-se publicadas no «Diário da República», n.º 76, 3.ª série, de 2 de Abril corrente.

Os interessados, para qualquer esclarecimento, deverão dirigir-se à Secção de Pessoal da Secretaria Municipal, dentro das horas de expediente.

Paços do Município de Vila Franca de Xira, 7 de Abril de 1983.

O Presidente da Câmara,
(Daniel dos Reis Branco)

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA
ADMISSÃO DE PESSOAL

Faz-se público que se encontram abertos, até ao dia 2 de Maio do corrente ano, concursos para provimento dos seguintes lugares:

N.º de lugares	categoria	vencimento	habilitações literárias
2	Ajudante de Calceteiro	15 800\$00 (letra S)	Escolaridade Obrigatória
1	Aprendiz de Pedreiro	10 300\$00	Idem

As condições de admissão encontram-se publicadas no «Diário da República», n.º 76, 3.ª série, de 2 de Abril corrente.

Os interessados, para qualquer esclarecimento, deverão dirigir-se à Secção de Pessoal da Secretaria Municipal, dentro das horas de expediente.

Paços do Município de Vila Franca de Xira, 7 de Abril de 1983

O Presidente da Câmara,
(Daniel dos Reis Branco)



A.P.U.

NA UNIVERSIDADE

Hoje, 21 de Abril, às 21 h no Anfiteatro I da Faculdade de Letras

— Encontro com a música popular portuguesa

ESPECTÁCULO COM OS CONJUNTOS:

- CHARANGA E CANTARIL
- ENTRADA LIVRE

22/4, 6.ª-Feira, 17 H

ANFITEATRO I — FAC. LETRAS

encontro dos escritores candidatos pela APU com a Universidade
Participam:

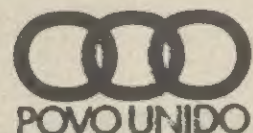
JOSÉ SARAMAGO — LOBO ANTUNES
LUÍS FRANCISCO REBELLO — MANUEL DA FONSECA

Entre os convidados:

URBANO T. RODRIGUES — MÁRIO CARVALHO
PAULO VARELA GOMES — FERNANDO GUERREIRO
E. PAIVA RAPOSO moderador: SALVATO MENEZES

no 25 de Abril

Vota APU



M. J. J. J.



PCF defende participação no Governo

No final da reunião de dois dias do comité central do Partido Comunista Francês, o PCF defendeu a linha de participação governamental escolhida em 1981, tendo, no entanto, formulado algumas reservas para com a política económica do primeiro ministro Pierre Mauroy. Sem pôr em questão a presença de ministros comunistas no executivo, Marchais diria mesmo que «os comunistas não têm de forma alguma que se envolverem com o balanço do governo, balanço ao qual demos toda a nossa participação», o CC renovou as suas críticas ao plano de austeridade de Pierre Mauroy. Depois de «aguentar» com a política «de rigor», cara ao primeiro-ministro, os comunistas franceses põem reticências à «política de austeridade».

Esta posição espelha, de facto, a postura de equilíbrio que se esperava de Marchais. Com efeito, o secretário-geral do PCF foi confrontado nesta reunião do comité central com dois documentos assinados por destacados militantes do Partido e alguns ex-dirigentes: um desses documentos criticava asperamente a actuação do governo de coligação e, implicitamente, o desempenho dos ministros comunistas, recomendando, por fim, a saída do Governo; o segundo, mostrava-se fiel ao compromisso assumido em 1981 afirmando que se os comunistas saíssem do Governo isso equivaleria a dar «um presente» à direita.

Os primeiros baseavam a sua posição na constatação de que nos últimos anos, o PCF tem perdido deputados, eleitores e municípios.

Os segundo faziam da participação no executivo Mauroy uma condição necessária para o alargamento da base de apoio do PCF, uma das questões em debate na reunião do C.C.

Neste aspecto, a estrutura dirigente do PCF apelou aos militantes para que alterassem a sua acção nas empresas, e agissem em direcção à juventude, de forma a intensificar os laços com a vida associativa.

No plano internacional os comunistas franceses decidiram intensificar «a luta pela Paz e pelo desarmamento».

Aprovado ontem

Programa militar francês prevê reforço da dissuasão nuclear

O governo francês aprovou ontem o projecto de lei de Programação Militar 1984-1988, essencialmente caracterizado por um reforço da dissuasão nuclear e da extensão da sua zona de intervenção, com um custo avaliado em 830 mil milhões de francos.

Apresentado pelo ministro da Defesa Charles Hémery, este projecto de lei, que desenha as opções estratégicas da França para os anos 90, poderá suscitar proximamente debates muito violentos no Parlamento, onde a oposição já está bem decidida em torná-lo no seu principal cavalo de batalha.

O porta-voz da Presidência da República, Max Gallo, indicou no termo do Conselho de Ministros que esse projecto «exprime a vontade de manter e desenvolver as capacidades da defesa da França no âmbito da sua autonomia absoluta de decisão e no das alianças».

Segundo o ministro, a «finalidade» dessa lei é «dar à França a possibilidade de defender os seus interesses vitais» em «três círculos»: Defesa do território propriamente dito, essencial-

mente garantida pela dissuasão nuclear; defesa da Europa e do Mediterrâneo, independentemente das decisões da NATO. Competirá ao presidente da República francesa decidir sobre uma eventual intervenção; assistência aos países africanos com quem a França concluiu acordos militares e aos países amigos que o peçam, como acontece actualmente com o Líbano.

No domínio nuclear, o projecto prevê a extensão do raio de acção da força francesa.

Relativamente à força oceânica estratégica a partir de 1985 entrará em serviço o sexto submarino nuclear lançador de mísseis (SNLE), equipado com 16 mísseis M-4, com 4000 km de alcance, portador de seis ogivas nucleares de 150 quilotoneladas cada. Um sétimo submarino deste tipo vai começar a ser construído em 1988. O projecto prevê também a construção dum prota-aviões nuclear e de mais três submarinos nucleares de ataque.

Relativamente à Força Aérea, alguns «Mirage-4» e «Mirage-2000» vão ser equipados, a partir de 1985, com mísseis nu-

clears ar-terra de médio alcance (200 km).

Finalmente, relativamente à força nuclear tática do Exército, os mísseis «Pluton» (90 km de alcance) serão substituídos por mísseis «Hades» (350 km de alcance ou 60 km para cargas neutrónicas). Isto deverá permitir uma intervenção contra forças inimigas antes que estas transpõem a fronteira francesa. Os «Hades» entrarão em serviço em 1992.

Quanto às forças clássicas, está previsto uma redução de efectivos da ordem de 35 mil homens, 22 mil dos quais no Exército. Em contrapartida, este deverá ser equipado com uma força de acção e de assistência rápida (antitanques, helicópteros e blindados) mais móvel e com maior poder de fogo, susceptível de intervir em todos os teatros de operações definidos pela teoria dos «três círculos».

Face a este projecto, neogauchista e liberais preparam-se para publicar nas próximas semanas um documento comum sobre as suas preocupações no domínio da defesa.

Eleições legislativas na Áustria

Escrutinio de domingo confirmará Kreisky?

«Kreisky muss kanzler bleiben» (Kreisky deve continuar chanceler) lê-se num cartaz com as cores nacionais (vermelho, branco, vermelho), com o retrato do chanceler e o emblema do Partido Socialista, que invadiu as paredes de Viena e de toda a Áustria. A batalha eleitoral entrou na sua fase final.

Trata-se de arrancar das suas hesitações os cerca de 700 000 eleitores indecisos de quem dependerá, dentro de dois dias e até ao último minuto, o resultado final das eleições legislativas de 24 de Abril.

Os programas, as orientações, passaram para segundo plano. O duelo televisivo Kreisky-Mock que, sexta-feira à noite, será o ponto culminante da campanha, só será determinante, segundo os especialistas, para, aproximadamente, quinze mil pessoas. O que está, verdadeiramente em jogo, neste escrutínio, é a renovação de confiança em Bruno Kreisky, no poder há doze anos.

Para o Partido Socialista e o chanceler Kreisky, os êxitos do passado são garantia do futuro. A Áustria tem sido poupada pelo desemprego e a inflação e goza de prestígio internacional. Kreisky é a segurança, a garantia contra o desconhecido e contra a mediocridade.

Ainda para o PS, Kreisky significa uma compreensão profunda dos austríacos, mas deve ficar claro para todos que se retirará sem azedume se não dispuser de maioria absoluta no Parlamento, pois nunca aceitará dirigir um Governo de coligação.

Os dois partidos tradicionais de oposição, o Partido Populista (democrata cristão) e o Partido Liberal, dispõem, respectivamente, no Parlamento, de 77 e de 11 lugares, contra os 95 do PS, sabem bem que aquilo que está em jogo representa a sua fraqueza ante um adversário avantajado.

É, sem dúvida, por isso, que Alois Mock, de 49 anos, chefe da fila populista, os seus amigos e militantes do Partido Liberal, unidos atrás de Norbert Steger,

de 39 anos, exploram, descaradamente, a idade do chanceler, que entrou nos seus 73 anos, e cujo estado de saúde causou há 18 meses inquietações.

«Ele compara-se cada vez mais a Churchill, Adenauer e Karajan» fazem notar, publicamente, os dirigentes populistas, evocando as suas teses «filosóficas» acerca da idade. E os liberais fazem coro: votar Kreisky é votar a favor dum homem que não se sabe quanto tempo continuará a ser chanceler. E dar, dizem eles, um cheque em branco aos políticos sem envergadura que o rodeiam e que, frequentemente, pertencem à ala esquerda do partido.

O chanceler conhece as incertezas do escrutínio, ainda há dias, numa ronda pela província, como para infligir um desmentido àquele que o dizem valetudinário, ele reconheceu que «persistem pontos de interrogação» em particular, quanto ao papel dos «verdes» e dos «alternativos» em Viena.

Outras razões de incerteza: o desgaste do poder, o impacto na opinião de escândalos que salpicaram, recentemente, o PS, a atitude dos jovens que votarão, pela primeira vez, em 24 de Abril. Mas está excluído que tenha influência no escrutínio a lista «estrangeiros stop» que evoca o nazismo, com os seus temas xenófobos e pangermanistas.

A lei eleitoral, com uma repartição dos restos complicada pode fazer com que o chanceler, e o PS, vençam no Parlamento, a barreira dos noventa e dois lugares (92), mesmo que não tenham a maioria absoluta dos sufrágios. Mas é preciso que não falte nenhum voto e a dispersão por outras listas continua a ser um perigo importante.

Compreende-se, portanto, a razão que levou, ainda ontem, três reformados, membros da velha guarda socialista, a diligenciarem tapar com outros cartazes, «Kreisky deve continuar chanceler» a frase que os brincalhões ou adversários tinham escrito a preto por baixo: sim, mas só até ao dia 24.

Destinava-se à Nicarágua

Brasil decidiu confiscar material de guerra líbio

O carregamento de material de guerra e de explosivos que se encontra a bordo dos quatro aparelhos líbios retidos em Manaus e no Recife será confiscado pelas autoridades brasileiras, indicou-se ontem à noite, em Brasília, na Presidência da República.

O porta-voz desta, Carlos Átala, precisou que o Ministério brasileiro dos Negócios Estrangeiros informou ontem a Embaixada líbia em Brasília desta decisão.

Ainda não subiu qualquer representante das autoridades a bordo dos aviões — três «Ilyushin» e um «Hercules C-130», no Recife (nordeste) — para verificar o carregamento, mas um coronel líbio, que comanda os 47 homens que compõem a tripulação dos aparelhos, admitiu em Manaus, que estes transportam material de guerra, acrescenta a mesma fonte.

A inspecção da carga será feita provavelmente amanhã, quando chegarem representantes líbios a Manaus e ao Recife. Os quatro aparelhos, que eram procedentes de Trípoli e que tinham feito escala na Mauritânia, deveriam seguir para Ma-

nágua, segundo as autoridades brasileiras. O governo líbio tinha obtido uma autorização de sobrevoação do território colombiano. O porta-voz da Presidência da República recusou-se a fazer qualquer comentário sobre as possíveis consequências da atitude brasileira no plano internacional e desmentiu que a visita que o embaixador dos Estados Unidos fez, na passada terça-feira, ao Palácio do Planalto tenha estado ligada ao caso dos aviões líbios.

Declarações de Kadhafi

O coronel Muammar Kadhafi lamentou que o Brasil não tenha sido informado sobre a natureza da carga dos quatro aviões.

Numa declaração citada pela agência noticiosa líbia JANA, recebida em Paris, o coronel Kadhafi declarou, nomeadamente que «lamentava a desonestidade do responsável da aviação civil, que não pôs as autoridades brasileiras ao corrente da carga de uma unidade de aviões líbios que sobrevoava o oceano com destino à Nicarágua».

O dirigente da Revolução líbia reafirmou ainda a determinação

do seu país «em prosseguir o seu apoio ao povo da Nicarágua e a todos os povos que lutam pela liberdade e pela paz, partindo da sua convicção de que a causa da liberdade é justa e sagrada».

Por outro lado, Kadhafi acusou «o imperialismo e o sionismo de tentarem explorar este caso, a fim de perturbarem as relações entre a Líbia e o Brasil e de pôrem em dúvida o fundamento das relações entre estes dois países amigos».

A propósito deste caso, observadores interrogaram-se de que maneira será conduzido ao seu destino, o material de guerra israelita detectado em alguns países da América Central e do Sul?

cionar aviões de combate nas Honduras ou na ilha colombiana de San Andrés, situada próximo da costa nicaraguala para fazer face à crise na América Central, indicou ontem à noite a cadeia de televisão americana «CBS».

Num comentário sobre os aviões líbios carregados com armas destinadas à Nicarágua interceptadas no Brasil, a cadeia televisiva afirmou igualmente que a administração americana tinha encorado a hipótese de um bloqueio naval e aéreo a Cuba, em caso do agravamento dos conflitos.

Interrogados sobre o assunto, os porta-vozes do Pentágono e do Departamento de Estado declarou que não estavam ao corrente das informações dadas pela cadeia de televisão americana.

EUA no aproveitamento

Os Estados Unidos estariam a encarár a possibilidade de esta-

Apoio dos EUA a El Salvador

“inútil e até contraproducente”

— afirma o “New York Times”

O diário norte-americano «New York Times» declarou em editorial, que a substituição do ministro da Defesa em El Salvador não alterará o curso da guerra neste país.

O jornal afirma que, para resolver a situação naquele país latino-americano, o importante é que os seus habitantes «sintam que há uma causa pela qual vale a pena lutar».

Para este matutino, «o apoio norte-americano será inútil e até contraproducente, a menos que os camponeses pensem que a vitória implantará a justiça económica e a dignidade social, o que depende mais daquilo que os salvadorenhos pensam do governo do que da opinião de Washington sobre os generais ao serviço do mesmo».

A nomeação de um novo ministro da Defesa ou as promessas de que as eleições de Dezembro levarão ao poder um centro que não surgiu até agora, não esclarecerão as dúvidas no Congresso e na Cidade do México — afirma o editorial. Para o «New York Times», os centristas só governarão eficazmente, se os democratas e a oposição cooperarem no processo governamental.

Apelo de Rivera y Damas

O arcebispo de San Salvador, Arturo Rivera y Damas, declarou em Tegucigalpa que a actual divisão no seio do Exército salvadorense favorece a actividade de guerrilha.

Aquele prelado disse que o problema político interno do seu país «é sumamente difícil e complexo, não existindo uma fórmula imediata para se encontrar uma solução».

Falando aos jornalistas à chegada a Tegucigalpa, para uma visita aos acampamentos de refugiados salvadorenhos nas Honduras, Rivera y Damas apelou às autoridades de El Salva-

dor para que «procurem uma solução diferente da militar para superar a guerra civil».

A conferência episcopal salvadorense — referiu o arcebispo — tem vindo desde há muito a propor «uma solução racional para a guerra civil e o início de um diálogo entre o Exército e a guerrilha».

Disse estar muito preocupado pelo que parece ser um agravamento da crise centro-americana nas últimas semanas, afirmando «orar a Deus para que outros países da zona não tenham de enfrentar os problemas actualmente vividos pelos salvadorenhos».

Guerrilha volta à capital

Várias colunas de guerrilheiros atacaram a guarnição da província de San Jose Las Flores, registando-se duros combates entre soldados e rebeldes — revelaram fontes militares salvadoreñas.

As fontes, que não puderam ainda informar acerca das baixas registadas, tanto de um lado como do outro, acrescentaram que os recontros começaram à meia-noite de terça-feira e prosseguiram até de manhã. San Jose de Las Flores está situada a cerca de 20 quilómetros de San Salvador e a sua guarnição é constantemente atacada pelos guerrilheiros.

Por outro lado, outras fontes oficiais informaram terem as forças guerrilheiras barricado, ontem de manhã, uma das ruas principais do bairro de San Jacinto, na capital, próximo do palácio presidencial, impedindo a circulação de veículos.

A Polícia comunicou a captura, efectuada nos últimos dias, em San Salvador e nos arredores, de 16 guerrilheiros que admitiram ter participado em acções «subversivas».

Reunião ministerial do Panamá: um certo optimismo por agora

Os ministros dos Negócios Estrangeiros do Panamá, Colômbia, México e Venezuela avistaram-se ontem, durante uma hora e meia, no Panamá, com o ministro nicaragualo dos Negócios Estrangeiros, padre Miguel D'Escoto.

«Por agora, tudo vai bem», indicou o responsável nicaragualo depois do encontro, recusando-se a fazer mais comentários.

Por seu turno, fontes próximas dos ministros indicaram que havia «um bom espírito e a vontade política de se encontrar uma solução que tome em conta o essencial das condições apresentadas pelos Governos da América Central».

Os ministros do Panamá, Colômbia, México e Venezuela, reunidos desde ontem de manhã no Panamá, formam o «Grupo de Contacto», do nome daliha panameana onde se encontraram nos dias 8 e 9 de Janeiro, último, para procurarem uma solução pacífica para os conflitos da América Central.

Antes de se terem avistado com Miguel D'Escoto, os membros do grupo tiveram conversações com os ministros dos Negócios Estrangeiros da Costa Rica, Guatemala, Honduras e El Salvador.

O ministro hondurenho, Edgardo Paz, declarou, depois do encontro, que as conversações caminhavam «na boa direcção». Contudo, o ministro guatemalteco, Eduardo Castillo, indicou, por seu lado, que as discussões avançam, mas não de acordo com as posições da Guatemala».

Em San José, capital da Costa Rica, o presidente da «Frente Democrática Revolucionária de El Salvador» (FDR), Guillermo Ungo, felicitou-se com os esforços feitos pelo Grupo de Contacto para atenuar as tensões na América Central e procurar uma solução negociada para a crise salvadorenha.

Segundo Guillermo Ungo, o projecto político da esquerda salvadorenha não deverá ser bloqueado por uma eventual deterioração da situação do regime nicaragualo, por causa dos ataques dos grupos anti-sandinistas.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

AVISO

CAIXA GERAL DE APOSENTAÇÕES MONTEPIO DOS SERVIDORES DO ESTADO

PENSÕES DEGRADADAS
(Decreto-Lei n.º 245/81, de 26 de Agosto)

Pensões de Aposentação

A segunda fase de pagamentos terá lugar nas datas habituais do mês de Maio p.f., com retroactivos desde 1 de Setembro de 1981, ficando assim contemplados cerca de 85% das pensões degradadas.

Os trabalhos de apreciação dos casos restantes, ou seja, os de mais difícil equiparação de categorias, estão em curso, esperando-se processar os correspondentes aumentos numa terceira fase, logo que concluídos os estudos que permitam a elaboração das respectivas tabelas de equivalência.

Pensões de Sobrevivência

A recuperação das pensões de sobrevivência do regime do Decreto-Lei n.º 142/73, de 31 de Março, não obstante derivar de critérios de comparação idênticos aos das pensões de aposentação, só agora pode ser levada a efeito, pela necessidade que houve de recolher elementos referentes aos autores dessas pensões, esperando-se proceder aos respectivos pagamentos, num único processamento, no mês de Agosto p.f.. Esclarece-se, no entanto, que nesses pagamentos, além dos retroactivos desde 1 de Setembro de 1981, será incluído o aumento devido nos termos do Decreto-Lei n.º 106-A/83, de 18 de Fevereiro, com efeitos desde 1 de Janeiro de 1983.



DEMOCRATIA
PAZ • TERRA • VIDA

NA PRAÇA DE ESPANHA
DAS 15H ÀS 24H

PROGRAMA

Dia 22 — Sexta-feira

18.30 H — Cinema Português
«SILVESTRE»

20.30 H — Espectáculo com:
«CHARANGA»

21.00 H — Colóquio:
«BLUES, FLAMENGO E FADO»

MEP — Partido «OS VERDES»

ALLIANCE FRANÇAISE

BOLSAS DE ESTUDO

PARA A FREQUÊNCIA DOS CURSOS DA ALLIANCE

FRANÇAISE DE LISBONNE

CANDIDATURAS DE 11 DE ABRIL A 9 DE JUNHO

SEDE EM LISBOA — RUA BRANCA CAMP, 15 1.º — telef. 548806-540069
ANEXOS. ALM. REIS, 183, TELEF. 553543 — ALGÉS, TELEF. 2103400-2103923 — ALMADA,
TELEF. 2756001 — S. JOÃO DO ESTORIL, TELEF. 2635830



MUNICIPIO DE ALMADA
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DE ÁGUA E SANEAMENTO

AVISO TAXAS DE SANEAMENTO

Dá-se conhecimento a todos os municípios que as taxas de ligação e de conservação da rede de saneamento referente ao corrente ano, estão a pagamento, durante o mês de Maio, nos locais indicados no respectivo aviso.

Almada, 11 de Abril de 1983

O Presidente do Conselho
de Administração
(Carlos Sousa)

Câmara dos Representantes dos EUA debate congelamento nuclear

Foi ontem retomado na Câmara dos Representantes dos EUA pela terceira vez nas últimas cinco semanas, o debate sobre uma proposta de congelamento dos arsenais nucleares soviéticos e norte-americanos. Partidários e adversários da resolução chegaram previamente a acordo sobre a necessidade de o debate se prolongar por dois dias pelo que o resultado só será conhecido amanhã.

Segundo representantes democráticos, a resolução — contra a qual se ergue a Administração Reagan — será aprovada. Ontem o debate iniciou sobre uma emenda republicana à proposta, emenda essa destinada a satisfazer a Administração Reagan no que toca às conversações de Genebra. Tudo indica, porém, que o esforço dos Representantes será em vão, pois o Senado, maioritariamente republicano, decerto não aprovará o «congelamento». No entanto, desta ideia, é amplamente partilhada pela opinião pública dos EUA e pelos bispos católicos, pelo que o simples facto de a proposta ser debatida nas duas câmaras do

Congresso — ainda que saia derrotada — é considerado já um indicio importante do alto nível a que a polémica sobre armas nucleares chegou nos EUA. Esta questão do congelamento surge quando a Casa Branca e o Pentágono encetam nova batalha no Congresso acerca dos planos anunciados por Reagan quanto ao contestado míssil MX. Espera-se que Reagan saia vencedor também desta batalha. Mas o facto de cada passo do programa armamentista de Reagan suscitar tão profundas polémicas demonstra que o estado de espírito do povo norte-americano se encontra longe da consolidação com a Administração Reagan, aspecto significativo nesta altura em que o ano eleitoral de 1984 se aproxima a passos rápidos.

Trilateral desunida

A Comissão Trilateral encerrou ontem os seus trabalhos em Roma. A fase final do encontro foi marcada por uma viva polémica entre os delegados americanos: de um lado, Henry Kissinger, defen-

dia a política de Reagan e considerava que Washington deve manifestar uma grande «firmeza» no diálogo com a URSS; do outro lado, Brzezinski, que criticou implacavelmente Reagan. Segundo o antigo conselheiro de Carter, Reagan não encara de frente os quatro sectores estratégicos em que os EUA devem concentrar esforços.

Estes sectores, disse, são os «euromísseis» onde o Ocidente deve apresentar uma frente mais unida, o Extremo Oriente, onde é necessário recuperar o diálogo estratégico com a China e o Japão, a América Central onde os Estados Unidos «deverão compreender os problemas sociais e políticos que estão na base da crise actual e tentar resolvê-los numa óptica regional» e ainda o Médio Oriente onde a passividade norte-americana depois da apresentação do plano Reagan deixa margem a iniciativas de Moscovo.

As questões económicas do mundo ocidental foram analisadas por Robert McNamara e as conclusões a que os 350 delegados chegaram estão contidas

num relatório que será entregue aos chefes de Estado das «nações mais ricas», antes da projectada cimeira de Williamsburg (EUA).

Madrid

O chefe da delegação soviética ao Encontro de Madrid, Anatoli Kovaliov, declarou que o projecto renovado de documento final, apresentado pelos países neutrais e não-alinhados, pode servir de base para a conclusão definitiva do documento final da Conferência. Sublinhou, contudo, que este documento não tem em conta uma série de considerações importantes da URSS e de outros países socialistas, precisando portanto de aperfeiçoamento.

Kovaliov afirmou que a URSS se pronuncia pela realização do próximo encontro pan-europeu em Bucareste e defendeu a realização de conversações circunscritas para marcar o local da futura Conferência sobre o reforço das medidas de confiança, de segurança e para o desarmamento.

Por último, o dirigente trabalhista britânico, Michael Foot, voltou ontem, a defender nos Comuns o programa de desarmamento do seu partido. A sessão dos Comuns foi tumultuada, pois a polícia dispersou pela força os pacifistas que se tinham reunido nas galerias.

Apelos à Paz

A URSS lançou, por ocasião do Primeiro de Maio, um apelo a todos os povos do mundo para que estes impeçam a corrida aos armamentos e afastem a ameaça militar, defendem e promovam o desarmamento.

Com um apelo dirigido também aos povos do mundo para que estes afastem a ameaça de catástrofe nuclear, terminou ontem em Havana um seminário internacional sobre o complexo militar-industrial.

Entretanto ontem à noite inaugurou-se em Upsala, Suécia, a conferência cristã mundial, que, até domingo próximo, reunirá 160 participantes de cerca de 60 países. O chefe do governo sueco fez votos para que esta reunião pacifista tenha êxito no seu debate consagrado à atitude das igrejas face à arma nuclear e aos perigos de guerra.

Por último, o dirigente trabalhista britânico, Michael Foot, voltou ontem, a defender nos Comuns o programa de desarmamento do seu partido. A sessão dos Comuns foi tumultuada, pois a polícia dispersou pela força os pacifistas que se tinham reunido nas galerias.

Toda a “antena da CIA” terá morrido em Beirute

Todos os membros da antena da CIA (Central Americana de Informações) em Beirute teriam perecido no atentado à bomba perpetrado contra a Embaixada dos Estados Unidos, segundo a cadeia televisiva americana «ABC».

Esta afirmava ontem que, para além do principal especialista da CIA para o Médio Oriente, Robert Clayton Ames — cuja morte foi anunciada oficialmente em Washington na terça-feira — pereceram outros três agentes da CIA na explosão que destruiu na passada segunda-feira a Embaixada americana em Beirute, ou seja, todos os membros da secção da central de informações que se encontravam na capital libanesa.

Entretanto foram já retirados 41 corpos dos escombros, entre os quais os de 24 membros do pessoal da Embaixada (9 americanos), e 25 pessoas (entre as quais oito americanos) são ou dadas como «desaparecidas consideradas como mortas», segundo os termos do embaixador dos Estados Unidos, Robert Dillon.

Este último indicio ainda, durante uma conferência de imprensa dada em frente das ruínas da Embaixada, que serão necessários «vários dias antes de se conhecer a extensão exacta das perdas».

Entretanto, os serviços da Embaixada reataram as suas actividades em instalações próximas da missão diplomática destruída, indicou ainda Robert Dillon.

Por último, o movimento religioso extremista e anexionista «Kach» do rabino Meir Kahana, considera que o atentado contra a Embaixada constitui «um castigo divino» para a Administração Reagan «por causa da política anti-israelita que tenta promover».

Em comunicado publicado em Jerusalém o movimento «Kach» refere-se a uma passagem do Génesis, estipulando que a protecção divina será concedida aos amigos de Israel e que os seus inimigos serão castigados. Mo movimento «Kach», recorda-se, pretende conseguir a saída de todos os árabes de Eretz Israel (Israel Bíblico) pela força ou através de compensações financeiras.

Golá

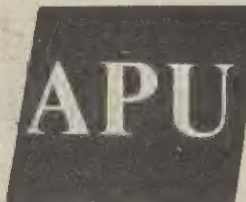
O primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, afirmou em Jerusalém que só a lei de anexação, pronunciada pelo Knesseth em 14 de Dezembro de 1981, prevalece quanto ao estatuto do planalto de Golá.

Begin aludia à mensagem recentemente dirigida pelo presidente americano, Ronald Reagan ao presidente sírio Hafez El Assad, na qual afirmava o empenhamento dos Estados Unidos em relação à resolução 242 das Nações Unidas. Essa resolução reclama nomeadamente a restituição do Golá à Síria.

Ararat

Yasser Arafat, presidente da OLP, chegou ontem à tarde a Bucareste, proveniente de Budapeste, indicam na capital romena.

Arafat iniciou imediatamente após a sua chegada a Bucareste conversações com Nicolai Ceausescu, chefe do Partido e do Estado romenos, acrescentaram.



legislativas 83 “Estamos fartos...”

«Por exemplo, eu estou aqui, de gravata, mas não me apresento assim nos comícios. Imaginem eu aparecer de gravata nos comícios. Não é isso que resolve os problemas...»

Álvaro Cunhal fala para três dezenas de jornalistas da Imprensa estrangeira, na sua maioria enviados especiais às eleições da próxima segunda-feira. Foi ontem, das 18 às 20 horas, numa «suíte» do 14.º andar do «Alfa». Sala repleta, ambiente quase irrespirável (fumam muito os jornalistas!). O dirigente comunista comenta as «operações de marketing» dos partidos de direita, em resposta a uma questão da Nicole, do «El País». «São partidos em ebulição, divididos, desorientados (...) os seus disfarces, as caras novas não enganam. É que a questão fundamental é da política, do programa a apresentar ao nosso povo...»



Duas horas depois, na Praça Bocage, em Setúbal, invadida por milhares de sadinos («foi o maior comício de sempre ali realizado pela APU» — disse a concelha do PCP local), Cunhal aparece com o seu casaco verde, sobre uma camisa branca, aberta. O mar de gente na praça impressiona. Mesmo depois da actuação dos «Trovante» aparecem mais pessoas. O secretário-geral do PCP retema, durante os trinta minutos do seu improviso, as ideias básicas da campanha.

Aproveita então para criticar «alguns comentadores» que falam da excessiva repetição de temas e frases. E responde, num tom algo idêntico, ao da conversa mantida com a Imprensa estrangeira. «Não podemos deixar de dizer que nós temos uma alternativa, temos soluções. Não podemos deixar de dizer que sem os comunistas, sem os outros democratas, sem os trabalhadores não se resolvem os problemas nacionais. Não podemos deixar de dizer que o PS prepara uma aliança com o PSD. E devemos dizer uma vez mais que quando falamos de comunistas no Governo não fazemos propostas a Mário Soares, a Reagan, à NATO, à CEE, ao PSD ou ao CDS. Falamos para o nosso povo...»

«Tão remota...»

Mas a conversa com os jornalistas estrangeiros, se não fugiu à regra, às ideias fundamentais da política defendida pelos comunistas, percorreu, todavia, E lamenta: desde há anos que tentamos, que propomos aos dirigentes socialistas um en-

contro para discutir estas e outras questões. Eles recusam sequer sentarem-se conosco em volta de uma mesa.

Sobre o «slogan» do PS, nesta campanha, à volta da «maioria absoluta» Cunhal ri. Tão remota, tão remota — diz e acrescenta que se trata apenas de exercer pressão sobre o eleitorado, procurando sobretudo captar votos à esquerda.

E o «acordo de estabilidade política» — avançado por Mota Amaral e retomado por Soares? pergunta outro jornalista. Cunhal argumenta que os objetivos desse acordo passam pela imposição de condições gravosas para os trabalhadores, pela limitação de direitos fundamentais adquiridos, conquistados com o 25 de Abril.

E lembra que o PCP defende, desde há muito (cita a Conferência Nacional do partido para a «Salda da Crise», em 1977), uma política de austeridade, «mas nacional», ou seja, envolvendo primeiro as camadas de maiores recursos. Não podem ser os trabalhadores a pagarem sozinho a crise, à custa ou a favor da mera acumulação capitalista — frisa.

«Voto não — preferencial»...

E fala do *consortismo notável* na sociedade portuguesa, sobretudo nas grandes cidades (artigos de luxo, objectos supérfluos, geralmente importados), em detrimento de outras áreas do país profundamente carenciadas. Dai o défice enorme da economia portuguesa, porque não há uma política de produção de poupança e contrária aos desperdícios e às importações não fundamentais.

Outra pergunta respeita ao «estalinismo». E outro momento de bom-humor. Quase toda a gente concorda que nem os próprios jornalistas têm do conceito uma definição rigorosa. Mas Cunhal adianta que a «personalização», as «deparações», têm ocorrido, em Portugal, basicamente nos outros partidos. E refere um pormenor da «directiva colectiva» do PCP. «Se estivermos sés camaradas da direcção reunidos, se três tiverem uma posição diferente dos restantes quatro, mesmo que eu tenha a opinião da minoria, o meu voto não é preferencial».

Sobre a URSS recorda o seu papel histórico neste século, na evolução da humanidade. E frisa: não há revoluções a copiar. Não defendemos nenhum modelo concreto, seja o jugoslavo, o soviético ou o cubano... Não há modelos.

A propósito do Grupo de Operações Especiais, criado para impedir raptos que não existem, diz haver «serviços de informação clandestinos em vários departamentos do Estado português».

Fala também da Igreja. «Antes

do 25 de Abril — diz — as posições da sua hierarquia eram muito más. Hoje, e embora mantenha as linhas fundamentais da ideologia oficial da Igreja Católica, tem uma posição menos fechada, menos agressiva em relação ao movimento operário.»

Fala das sondagens, «fabricadas, sem fundamento real, destinadas a pressionar o eleitorado». Assinala que a nossa vida política e social é «muito instável» o que não facilita essas operações, tecnicamente ainda deficientes entre nós. Não acredita que o PS tenha mais votos que o PSD e o CDS juntos. E sobre a APU diz ser quase certo que terá mais votos que nas últimas legislativas. Mas, sublinha, uma subida ligeira que seja, tem um significado importante. O nosso eleitorado é muito mais interviente, nos planos económico e cultural que o dos restantes partidos. E isso deve ser tido em conta.

E volta a Setúbal, onde Odete Santos, 41 anos, advogada, em quarto lugar na lista distrital, manifestou confiança na meta dos «duzentos mil votos e dos dez deputados» para a APU e gritou bem alto, sob aplausos fortes, que da política de direita dos últimos governos todos «estamos fartos, estamos fartos, estamos fartos».

E mais um pormenor. Quando Cunhal falava, ouvi, a meu lado, no meio da assistência, um setubalense, de meia idade, (trabalhador de serviços?). Este breve comentário sobre os dirigentes políticos e sobre o secretário-geral do PCP. E este ainda é o geral de todos.

E termino, que a conversa vai longa, com uma ajuda do meu bom camarada do «DL» Pedro Alvim. Ele assistiu em Sintra, no Teatro Carlos Manuel (complementarmente à sessão de Vasco Gonçalves. Há quase dez anos, em Setembro de 73, eu e o Pedro fizemos juntos a reportagem de um indelével comício da CDE, com socialistas e comunistas juntos, erguendo, todos, os punhos contra o fascismo. Dez anos depois é o que se sabe...

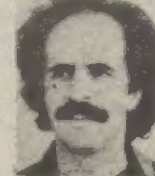
O Pedro chamou-me a atenção para duas coisas do Vasco. Primeiro «ele pediu que não gritassem o seu nome, e antes entoassem a sigla, APU — Povo Unido». Depois, quase no fim, pediu também: esclareçam os outros, os que não estão elucidados, façam um porta a porta com ideias claras, pois que eles, que estão no Poder, fazem esse porta a porta de maneira indecorosa, entrando pela televisão em nossas casas e mostrando as coisas de um só lado...»

ASDI faz balanço «o voo sinistro das aves derapina»

«A morte do chefe iniciou o voo macabro das aves de rapina».

Foi assim que Magalhães Mota se referiu à situação no PSD, durante uma conferência de imprensa convocada pela ASDI para fazer um balanço da campanha eleitoral. Depois de ter acusado o PSD de se ter esquecido, na campanha, que é Governo, e de ter escondido a figura do dr. Pinto Balsemão, Magalhães Mota recordou palavras ditas, depois do Congresso de Montemor — «O crime não compensa». Recordou a dissidência de 1979, afirmando: «O dr. Sá Carneiro acreditou demasiado em que tinha o controlo pessoal da situação — menosprezando os reparos de todos quantos lhe apontavam os perigos das infiltrações da extrema-direita... A morte do chefe iniciou o voo sinistro das aves de rapina. E é chocante (sobretudo para quem conheceu o homem e as suas qualidades, acima das diferenças que nos foram separando), ver como a sua memória é ultrajada numa macabra feira do seu espólio político».

Opinião expressa por Magalhães Mota sobre a praga eleitoral: Lucas Pires: «Jovem presidente de verbo fêto e inteligência arguta que é essencialmente uma incógnita». APU: (depois de estranhar as críticas ao PS e seus aliados): «Resta saber se não haverá uma aposta secreta na continuidade conservadora». Bloco Central: «A fragilidade da direcção política do PSD levanta sérias incógnitas sobre esta questão». Abstenção: «Isso faz-nos lembrar as campanhas de má-memória do anarco populismo militarista de 1975. Abstenção nunca é uma resposta em democracia».



Eugénio Alves

No dia 25 Bispos da RFA tomam posição sobre armas nucleares

Os bispos católicos da RFA deverão aprovar no próximo dia 25 a sua pastoral sobre as armas nucleares. Espera-se que a pastoral se afaste das posições conservadoras da actual chancelaria democrata-cristã-alemana. Depois dos bispos oeste-alemães, será a vez de os franceses e os holandeses se pronunciarem. Segundo a revista norte-americana «Newsweek», os bispos franceses tomarão uma atitude «dura» nesta matéria, enquanto os holandeses tenderão a juntar a sua voz à dos pacifistas.

O debate nuclear está a preocupar as comunidades cristãs e católicas de todo o mundo. Recorde-se que os bispos católicos americanos foram uma espécie de pioneiros neste debate. Das suas reuniões saiu um projecto de carta pastoral, extremamente condenatório da política nuclear da Administração Reagan. Numa tentativa de atenuar as críticas episcopais, a Administração Reagan enviou ao Vaticano o conhecido general Vernon Walters, um dos principais responsáveis pelo golpe dos generais brasileiros em 1964.

Depois desta visita, o Papa convocou os bispos dos EUA para um encontro com os seus colegas europeus no Vaticano. Dessa conferência resultou um abrandamento da posição dos bispos americanos, que, no entanto, continuam a condenar o uso das armas nucleares.

É muito provável que o Vaticano tenha dado instruções rigorosas nesta matéria aos episcopados nacionais. Se assim for, todos os bispos que se pronunciarem sobre a questão tenderão a adoptar uma linha moderadamente condenatória do nuclear. O suficiente para sossegar as consciências cristãs (que invocam o respeito pela vida humana para condenarem o aborto...) mas não tanto que a Igreja Católica surja como um factor de desestabilização da política dos EUA em relação à URSS.

Depois da denúncia de Almiron Sena Extrema-direita argentina ameaça editora do “Diário 16”

A empresa madrileña editora do «Diário 16» e da revista «Cambio 16» informou ter recebido ameaças da organização terrorista argentina «AAA».

Segundo a agência EFE a telefonista da empresa recebeu terça-feira um telefonema de um indivíduo que afirmou falar em nome da organização terrorista direitista Argentina e deixou a mensagem: «Não vais ganhar nada com isso. Vamos matar to-

dos os vossos chefes». O casocomeçou em 11 de Abril com a publicação na revista «Cambio 16» de uma extensa reportagem sobre o chefe da segurança do líder da direita espanhola. Manuel Fraga Iribarne.

Citando documentos e testemunhos de origem argentina, a revista afirmava que o guarda-costas de Iribarne, Rodolfo Eduardo Almiron Sena naturalizado espanhol, era um antigo

agente da Polícia argentina, acusado no seu país de estar dirigido um dos grupos operacionais da organização terrorista direitista «AAA» (Aliança Anticomunista Argentina) responsável de dezenas de atentados e assassinios cometidos na Argentina entre 1973 e 1975.

Os advogados do Partido da Aliança Popular apresentaram uma denúncia contra a revista «Cambio 16», acusando-a de pu-

blicar «informação falsa e caluniosa» e o juiz instrutor ordenou o sequestro das edições de 11 e 18 de Abril, que se publicavam os artigos relativos às actividades de Almiron na Argentina. O Ministério do Interior do governo de Madrid ordenou que fosse retirada a licença de porte de arma de Almiron e este abandonou terça-feira as funções que desempenhava no partido de Fraga Iribarne.

Com três cosmonautas a bordo URSS enviou para o espaço nave Soyuz-T8

A União Soviética enviou ontem para o espaço uma nova missão, pela primeira vez constituída por três elementos, para trabalhar a bordo da estação orbital Salyut-7.

Até agora, as emissões enviadas para aquela estação espacial eram de apenas dois elementos.

Os bispos anglicanos da África do Sul lançaram um apelo a favor de uma rápida independência da Namíbia.

Os bispos, reunidos em Sínodo, na Cidade do Cabo, lançaram igualmente um apelo à retirada de «toda a presença militar» da Namíbia e manifestaram o seu apoio ao Conselho das Igrejas da Namíbia, bem como à aplicação imediata da Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (sobre a independência da Namíbia).

Num manifesto, os bispos anglicanos pedem ao governo da África do Sul e às demais partes envolvidas na questão namibiana que tomem medidas urgentes com vista a facilitar a independência do território.

Os bispos visitaram a zona da Namíbia por ocasião de outro Sínodo, realizado de 11 a 15 de Abril em Windhoek.

meses na estação orbital soviética.

Strelakov é graduado pela Escola Politécnica de Moscovo, participou em 1980 num voo simulado da Soyuz-T3 e é considerado como um dos melhores especialistas no ajuste, provas e manutenção dos aparelhos de uma nave espacial em voo.

O engenheiro de voo na Soyuz-T8 tem o título de «herói da União Soviética», e a medalha de Lénine, a maior condecoração existente neste país.

O terceiro membro da tripulação, Serebrov, possui também estas condecorações.

Especialista em Hidrodinâmica, Alexander Serebrov trabalhou durante nove anos na investigação desta matéria e encontra-se desde há sete anos a trabalhar juntamente com Strelakov trabalhos de desenho espacial.

Realizou o seu primeiro voo espacial em 1982, quando foi um dos dois cosmonautas escolhidos para «escollar» na sua viagem a segunda mulher cosmonauta, Svetlana Savitskaya.

legislativas 83

QUINTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 1983

Adesão à CEE: o que pensam os partidos

O processo de negociações para a adesão de Portugal à CEE, apesar dos avanços registados em dossiers significativos, tem evoluído mais lentamente do que o perspectivado pelos diferentes governos portugueses.

Isto mesmo afirmou esta semana em Hannover o primeiro-ministro, Pinto Balsemão, quando discursava na sessão solene de abertura da feira local.

Desde que em 28 de Março de 1977 o então primeiro-ministro português, Mário Soares, apresentou em Bruxelas, o pedido oficial de abertura de negociações para a adesão de Portugal, passaram seis anos e os dossiers determinantes estão longe da negociação final (agricultura, pescas e questão orçamental).

Eram seis anos de negociações foi possível obter uma visão de conjunto dos problemas colocados a Portugal e à CEE com a entrada portuguesa na organização e chegar a acordo em dez capítulos.

Estes dossiers foram divididos em dois pacotes para efeitos de negociação, sendo de realçar a importância do segundo, negociado na reunião ministerial de 21 de Setembro do ano passado, onde foi possível encontrar uma solução para o sensível problema do comércio bilateral de têxteis.

Com este acordo ficaram negociadas as aplicações das regras comunitárias no sector industrial português, coberto na quase totalidade por três dos capítulos negociados: união aduaneira, relações externas e comunidade europeia do carvão e do aço.

No segundo pacote das negociações encontravam-se também incluídos os dossiers de direito de estabelecimento e fiscalidade, nos quais ficou definido, nomeadamente, um período transitório de sete anos para a abertura da banca ao sector privado e de três anos para a introdução em Portugal do imposto sobre o Valor Acrescentado.

O primeiro pacote foi mais fácil de negociar pois incluía matérias menos controversas, integradas em cinco dossiers: EURATOM, política regional, movimentos de capitais, questões económico-financeiras e transportes.

Apesar dos acordos de princípio encontrados em torno destes capítulos, o mais importante dos quais se refere sem dúvida ao estabelecimento do acordo de comércio de têxteis para a CEE, antes e depois da adesão, ficou por definir o regime do investimento estrangeiro em virtude de dúvidas de interpretação entretanto surgidas, pretendendo a CEE uma liberalização mais rápida do que a considerada aceitável pelas autoridades portuguesas para os movimentos destes capitais.

Um outro ponto por definir é a eventual participação do escudo no Sistema Monetário Europeu, sobre o qual não existe uma posição definida pela parte portuguesa.

Falta agora negociar os capítulos mais sensíveis e determinantes do processo global de negociações, integrados no terceiro pacote (agricultura e pescas, questões orçamentais e harmonização de legislações), para além do processo de globalização dos acordos já alcançados para permitir a redacção final do tratado de adesão.

As negociações dos capítulos integrados no terceiro pacote tem evoluído lentamente, em virtude das dificuldades internas da comunidade que se prendem com a reforma agro-orçamental.

Tudo se resume em saber quem vai pagar o alargamento da comunidade a Portugal defendendo a maioria dos países membros um aumento dos recursos financeiros da organização independentemente da adesão dos países ibéricos, mas também para fazer face ao acréscimo previsível de encargos para o orçamento comunitário.

Por outro lado, a política agrícola comum prevê apoios fundamentalmente às produções dos países do norte, pelo que a sua reestruturação deverá contemplar o vector mediterrânico da comunidade, para o que são necessários maiores recursos financeiros.

Outro vector onde as dificuldades são evidentes é nas pescas, pois a CEE só em Dezembro definiu a sua política comum e por outro lado Portugal dispõe de uma grande extensão de águas territoriais sem capacidade para as explorar.

O processo de negociações tem sido marcado por sucessivas acelerações e paragens, pelo que todas as perspectivas de calendário têm falhado a ponto de ninguém apontar agora datas com segurança para a adesão de Portugal. Poderá ser em 1 de Janeiro de 1985 mas há quem fale em 1986.

Entretanto, em Dezembro de 1980, numa atitude sem precedentes, a comunidade assinou com Portugal um protocolo de ajuda financeira de pré-adesão no valor de 275 milhões de unidades de conta (150 milhões de créditos bonificados do BEI e 125 milhões de dadas do orçamento).

Estas verbas têm sido aplicadas na agricultura, pequenas e médias empresas, formação profissional e desenvolvimento regional.

PS

«O Partido Socialista vai reexaminar todos os dossiers do processo de negociações para a adesão de Portugal à CEE» — anunciou Mário Soares.

O líder socialista afirmou que o seu partido mantém a posição inicial de ser um princípio favorável ao processo de adesão à CEE, mas não a qualquer preço.

Para os socialistas, a integração na CEE tem de resultar em vantagens palpáveis para a economia portuguesa. «A Europa tem de ajudar seriamente o desenvolvimento de Portugal» — frisou Soares.

O secretário-geral do PS, em declarações à ANOP, criticou os governos de Pinto Balsemão por terem mantido confidenciais as negociações, «para não dizer segretas», não cumprindo neste caso o estatuto da oposição.

Mário Soares disse que nem só relativamente aos partidos da oposição tem existido marginalização e falta de informação, pois o

Continua na pág. 15

PS

A Igreja e o vira minhoto

BRAGA, 21 — «Não, há senão duas escolhas possíveis: ou se quer continuar com a política que tem sido seguida pela AD, ou se aposta numa alternativa de esquerda e essa só pode ser o PS». É nesta dicotomia que assenta o apelo ao voto de Mário Soares. Em todas as intervenções do líder socialista, longas ou curtíssimas, nos lugares ou nos grandes centros urbanos, aquela afirmação está presente. Foi assim, ontem, no vira minhoto, de Fafe a Braga, passando por Póvoa de Lanhoso, Amares e Vila Verde. Um dia menos quente em termos de acolhimento que outras jornadas como as de Viseu e Santarém. E Salgado Zenha? Foi anunciado, faria uma intervenção no comício final, mas... nem a sua silhueta se viu.



«Ninguém arre-da pé» — gritou o presidente da Câmara e candidato — Mesquita Machado. Os guarda-chuvas abriam-se, ninguém abandonou a praça — o Rossio da Sé.

Eram milhares de pessoas, talvez cinco, e as bategas caíram fortes. Com um discurso longo, inaceitável, sobretudo por causa do estado do tempo, Mesquita Machado ataca forte a AD, dispara também sobre a APU e aponta o caminho: votar PS.

Entre os presentes vêem-se cartazes com a sua fotografia e a indicação «A certeza do Futuro», logo abaixo do nome: Mesquita Machado. Rostos da crise de Soares, também alguns. Bandeirolas muitas, aparentemente são mais as brancas que as vermelhas. É a «desmarxização»... pela cor.

Rego: o Papa

Vem o conjunto de música popular «Raízes» — uma de discurso, outra de cantorias — e logo a seguir a palavra é de Raul Rego, cabeça de lista pelo distrito. A crise da República, a defesa

da democracia, a liberdade e esta convicção: «no dia 25 de Abril vamos entrar a AD».

Enquanto isto, cai nova chuva e Mário Soares abraça-se dos jornalistas com esta: «o Rego já não é bispo, é papa, tem aquela coisa por cima (guarda-chuva) e tudo».

No final, a intervenção do líder. Preocupação por um lado e esperança por outro é o que Mário Soares tem encontrado nas populações, segundo as suas próprias palavras. «Há uma grande incerteza quanto ao próximo futuro», acentua. Mas, «nós, sabemos que perante o fracasso da AD, perante o desespero do PCP/APU que não convence se não franjas marginais da sociedade portuguesa, sabemos que o povo se refugia numa esperança que é o PS».

Fazer tudo para não desiludir, é a promessa. Para isso, Soares diz que o seu governo será «do povo para o povo e estará ao serviço dos mais humildes e dos mais desprotegidos». Esta tónica na caracterização do Governo tem estado, aliás, presente em todas as intervenções que faz nas zonas rurais. «É a nossa clientela» — costuma sublinhar.

Outra linha do discurso centra-se no ataque à radicalização. As bipolarizações à esquerda e à direita falharam, impõe-se o consenso. «Propomos uma política que não seja de cima para baixo, mas que resulte de um consenso».

Há duas maneiras de fazer política — afirma Mário Soares — de forma autoritária e de forma democrática. «O PS governará da segunda maneira, fazendo apelo a todos os democratas, a todos os patriotas, aos homens competentes, para que nos ajudem a recuperar a economia deste País». «Apoiado, apoiado» — grita a assistência.

«E as alianças?» — Aqueles que acusam o PS de querer aliar-se à direita, coisa que não é possível, só têm um caminho a seguir: dêem-nos o seu voto. Porque se nós tivermos maioria não precisaremos obviamente de fazer alianças com ninguém para governar. «Então, é possível ou não?»

«Se o PC se empenha tanto em retirar votos ao PS é porque quer um Governo de direita» — afirma ainda o líder socialista. Daí o apelo: «... Pressionem o PC para que mude de política e abandone o sectarismo que tanta desestabilização tem provocado em Portugal».

No fim do comício, um militante que estava sobre o palanque saudou o seu líder com pancadas nas costas: «Temos de ser os maiores. Os comunas, rua com eles. Vão prá Sibéria».

«Vá beijar outro»

Enquanto, no comício, espera a vez de intervir, o líder socialista é alvo de uma atenção especial. De um homem. Faz-lhe uma festa na cabeça e ferra-lhe dois beijos. São tão rápidos que Mário Soares só tem tempo de desabafar. «Eu gosto dos beijos das mulheres, agora de homens não... Ainda por cima um matulão daqueles, de 30, 40 anos». «Vai beijar outro» — conclui para os jornalistas já em risos despregados.

Antes de chegar ao local do comício, Soares percorreu algumas ruas da cidade atrás de «Zés-Perceiras» e de uma banda de música. Parecia uma procissão.

«Mas essa «penetração» pode ter a ver também com a falta de politização que leva as pessoas a votarem-se apenas para o virtual vencedor...»

«A interpretação sociológica é sua, eu...»

«Mas gostava de ouvir a sua opinião».

«Eu só constato o facto, não sei explicar bem».

«Posso dar-lhe propostas?...» A caminhada pela Rua Garrett abaixo, começa há poucos minutos. Lucas Pires, acompanhado por Nuno Abecasis, o líder centrista, é efusivamente cumprimentado por um empregado: «No dia 25 estarei a votar em si», promete.

Nuno Abecasis é o cicloro. «Chico, para aqui...», «Chico, para ali...». E ele quem escolhe o itinerário da coluna centrista através da baixa lisboeta. Tenta levá-lo para o passeio da direita.

Lucas Pires segue-o, mas alguns minutos depois, regressa ao passeio da esquerda. «O homem anda com tendências esquerdistas...», lança um jornalista em direcção a Abecasis.

Este ri a bom rir com a piada e responde: «Até parece que sim...».

«Vitorino iguala Cassius Clay...»

A porta de uma loja de modas, uma jovem com autocolante do PSD na lapela. Lucas Pires pára e dirige-se-lhe: «Somos um partido cristão. Temos que convencer os concorrentes...» A jovem não se deixa desarmar: «Já estou convencida!», responde, firmemente, acatando, no entanto, a propaganda eleitoral que Lucas Pires lhe estende.

Garrett acima, perfila-se a figura do cantor Vitorino, quando sente o que ali vem, parece o Cassius Clay dos velhos tempos com o seu, bem conhecido jogo de pernas. Esquiva uma, esquiva centro, consegue esquivar todas as propostas de papinhos e autocolantes. A sua música é outra...

«Posso dar-lhe um papel?», Desta feita a pessoa a quem Lucas Pires se dirige é uma senhora com o saco de compras na mão. «Não obrigada, já tenho...», responde apontando com o dedo para o saco. O jornalista segue o movimento do dedo e surpresa: no saco nem um papel, apenas laranjas e maçãs.

«Vamos ganhar, não vamos?», Na frente de Lucas Pires, uma senhora já de idade, «Vamos, tem que ser...», devolve o líder centrista.

Está-se a poucos metros dos Armazéns do Chiado. Abecasis quer à viva força que se vá lá. E talvez por se tratar de uma ideia fixa enganosa, e em vez de tratar Francisco Lucas Pires por «Chico», trata-o por «Chiado». Até Abecasis se ri...

«Não te metas nisso, não seas tonta...»

Nos armazéns há uma prova de vinho. Em homenagem de Lucas Pires e do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, abre-se uma garrafa de verde bem geladinho. Abecasis, educado, não esquece a imprensa. Copo na mão, brinda-a: «À vossa!». Foi bonito e a malta

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Anda à caça do voto». E em acrescento:

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

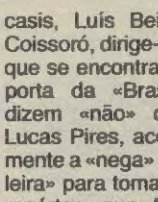
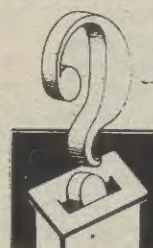
Continua na pág. 16

legislativas 83

CDS

Madame a Política desceu o Chiado

Do Largo do Chiado aos Restauradores, passando pela Rua Garrett, e Rua do Carmo, não é longe. Apé, ai uns 10 minutos. Ontem, o trajeto fez-se em muito mais. Pelas mãos de Francisco Lucas Pires, madame a política descia, à rua e, na sua sede de comprar muitos votos, em troca de papelinhos, autocolantes, sorrisos e «como está?», parou aqui, entrou ali, demorou acolá. A gente era tanta, os encontros e cotoveladas tão omnipresentes, que o «sacerdote» do «sacrário» que é Lisboa, Nuno Abecasis, até perdeu o Norte. Vejam só: em vez de chamar «Oh, Chico!», a Lucas Pires, enganou-se e tratou-o por «Oh, Chiado».



Luís Humberto Marcos

popelina, o líder centrista é, efusivamente, cumprimentado por um empregado: «No dia 25 estarei a votar em si», promete.

Nuno Abecasis é o cicloro. «Chico, para aqui...», «Chico, para ali...». E ele quem escolhe o itinerário da coluna centrista através da baixa lisboeta. Tenta levá-lo para o passeio da direita.

Lucas Pires segue-o, mas alguns minutos depois, regressa ao passeio da esquerda. «O homem anda com tendências esquerdistas...», lança um jornalista em direcção a Abecasis.

Este ri a bom rir com a piada e responde: «Até parece que sim...».

«Vitorino iguala Cassius Clay...»

A porta de uma loja de modas, uma jovem com autocolante do PSD na lapela. Lucas Pires pára e dirige-se-lhe: «Somos um partido cristão. Temos que convencer os concorrentes...» A jovem não se deixa desarmar: «Já estou convencida!», responde, firmemente, acatando, no entanto, a propaganda eleitoral que Lucas Pires lhe estende.

Garrett acima, perfila-se a figura do cantor Vitorino, quando sente o que ali vem, parece o Cassius Clay dos velhos tempos com o seu, bem conhecido jogo de pernas. Esquiva uma, esquiva centro, consegue esquivar todas as propostas de papinhos e autocolantes. A sua música é outra...

«Posso dar-lhe um papel?», Desta feita a pessoa a quem Lucas Pires se dirige é uma senhora com o saco de compras na mão. «Não obrigada, já tenho...», responde apontando com o dedo para o saco. O jornalista segue o movimento do dedo e surpresa: no saco nem um papel, apenas laranjas e maçãs.

«Vamos ganhar, não vamos?», Na frente de Lucas Pires, uma senhora já de idade, «Vamos, tem que ser...», devolve o líder centrista.

Está-se a poucos metros dos Armazéns do Chiado. Abecasis quer à viva força que se vá lá. E talvez por se tratar de uma ideia fixa enganosa, e em vez de tratar Francisco Lucas Pires por «Chico», trata-o por «Chiado». Até Abecasis se ri...

«Não te metas nisso, não seas tonta...»

Nos armazéns há uma prova de vinho. Em homenagem de Lucas Pires e do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, abre-se uma garrafa de verde bem geladinho. Abecasis, educado, não esquece a imprensa. Copo na mão, brinda-a: «À vossa!». Foi bonito e a malta

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

«Mas não te chateies, nunca mais cá aparecem até às próximas eleições...»

Continuação da pág. 14

mesmo tem acontecido com os parceiros sociais, associações patronais e sindicais.

Acrescentou que não foi aberto em Portugal um debate público sobre as vantagens e os inconvenientes da adesão de Portugal à CEE, classificando este facto de «muito grave», representando além disso uma grande responsabilidade para o actual Governo.

«Sem informação actualizada não há, não pode haver, entusiasmo nem sequer interesse pela adesão, sendo isto que se tem estado a passar sob os governos da «AD», frisa Mário Soares.

O líder socialista acrescenta que «o ean e as esperanças depositadas por amplos sectores nas virtualidades da adesão estão a desaparecer, o que representa um perigo nas actuais condições da sociedade portuguesa».

Mário Soares salientou que os dossiers «têm sido negociados nas costas dos interessados, sem que se conheçam em concreto os custos da adesão».

O PS considera que a adesão à CEE representa um choque para a economia portuguesa, que vai obrigá-la necessariamente a modernizar-se e a desenvolver-se.

«A concorrência internacional tem essa virtualidade, tanto no domínio da produção agrícola e das pescas como na indústria e das novas tecnologias», diz Soares.

O secretário-geral socialista considera que o tratado de comércio livre, assinado com a CEE em 1972, tem quase todas as desvantagens para Portugal (desarmamento aduaneiro e penetração das empresas estrangeiras no mercado interno), sem as correspondentes vantagens.

Os problemas económicos portugueses não serão resolvidos por um golpe de magia: a adesão à CEE. Resolvem-se com mais produção, com o desenvolvimento tecnológico, com mais trabalho e melhor produtividade e sobretudo com uma nova mentalidade de empresários, gestores públicos e até dos próprios trabalhadores — diz Mário Soares.

PSD

«O processo de negociações para a adesão de Portugal à CEE efectivamente só arrancou em 1979, no Governo que liderarei», afirma o candidato do PSD a primeiro-ministro, Mota Pinto, em declaração à ANOP.

Mota Pinto afirma que o arranque se verificou com a existência de um vice-primeiro-ministro dos Assuntos Económicos e Integração Europeia, com a publicação de um decreto que estruturou a Comissão para a Integração Europeia e a nomeação do respectivo presidente, Pires de Miranda, bem como a criação do Conselho de Ministros para a Integração Europeia e a instalação do «bureau» da Comunidade em Lisboa.

«Nos governos socialistas o assunto esteve completamente estagnado» — frisou.

Para Mota Pinto as negociações começaram verdadeiramente em 1979 tendo sido «grandemente implementadas nos Governos de Sá Carneiro e Balsemão».

O líder social-democrata considera que as dificuldades encontradas referem-se sobretudo a problemas da Comunidade, «sem as quais as negociações poderiam já estar fechadas, como é reconhecido pelos próprios negociadores comunitários».

«Os dossiers encerrados, cerca de 12, correspondem a uma defesa denodada e lúcida dos interesses portugueses, como tem sido por exemplo o dos têxteis» — acrescenta.

«De qualquer modo — diz Mota Pinto — é pura demagogia dizer que vão ser reabertos todos os dossiers, na medida em que eles apenas estão tecnicamente encerrados, só o sendo politicamente na negociação final e global do processo de adesão».

O candidato do PSD a primeiro-ministro considera que a adesão de Portugal à CEE «não é a panaceia que resolva integralmente os problemas económicos nacionais».

«Há desde logo uma justificação política fundamental para a adesão: pertencemos ao bloco dos países que praticam a democracia política ocidental, isto é, a única democracia que se conheceu — disse Mota Pinto.

Nas suas declarações à ANOP o vice-presidente da Comissão Política dos social-democratas frisou que no plano estritamente económico, «a abertura a uma Comunidade de Comércio Livre, com políticas económicas comuns e com liberdade de circulação dos factores económicos, só pode ser rejeitada pelos que querem erguer altas muralhas que envolvam o país, como mais uma vez Álvaro Cunhal, em debates recentes, ao produzir a incrível afirmação de que fomentar as exportações é salazarismo».

Para o PSD, o interesse nacional é acatado, no quadro comunitário, pelo facto de Portugal participar nas decisões no quadro das políticas comuns.

Concretizando, Mota Pinto salienta o facto de Portugal passar a dispor de um mercado de 300 milhões de pessoas para os seus produtos e beneficiar de uma política agrícola que permite a modernização dos sectores primários, garantindo o acesso a fundos de desenvolvimento da comunidade.

A adesão também criará condições para investimentos estrangeiros vantajosos para Portugal, com a inerente criação de novos postos de trabalho, para além de garantir o acesso e o trabalho da

Continua na pág. 16

ARTISTAS! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

PSICÓLOGOS! DESFILE APU

dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos.

legislativas 83

Metamorfose impossível

«A partir da noite das eleições vai-se pôr o problema de saber que Governo terá Portugal e que futuro reservamos para Portugal nos próximos anos. Na minha opinião esse futuro nunca pode passar pela admissibilidade de uma solução do tipo bloco central. Nunca pode passar por nós e um partido como o PS que temos». Esta rejeição foi ontem lançada por Pedro Santana Lopes no decorrer de uma sessão dos socioprofissionais do PSD, no Hotel Roma.

Perante uma audiência de cerca de uma centena de pessoas, aquele dirigente social-democrata conduziu a sua intervenção balizada pela constante evocação de Sá Carneiro e pelos fantasmas do Enanismo. Ficou-se também a saber que havia dois PSDs: o PSD/Antes e «depois de Montechoro», talvez PSD(AM) e PSD (DM).



«Se não fosse o Presidente da República e as alianças que tinha e tem num parceiro da AD, não estaríamos agora em eleições».

lamentou-se Santana Lopes que fez logo de seguida uma referência aos amigos e conselheiros do Presidente que trabalham afanosamente no Instituto Damiano de Góis, onde, segundo o orador, o PR tem instalada a sua «artilharia».

Santana Lopes foi claro ao afirmar que, se o PSD for o partido mais votado será possível construir uma maioria com o CDS, mas se tal não acontecer, «não poderá deixar de ir para a oposição e dizer ao Sr. Presidente da República que as eleições foram provocadas por ele e que resolva o problema que arranjou».

O responsável democrata-cristão pensava muito provavelmente num bloqueamento da vida política a partir da impossibilidade de formar uma maioria PSD/CDS se os resultados forem desfavoráveis a estes dois partidos, da negativa a um bloco central «com este PS» especialmente com o PSD em posição de subalteridade relativamente aos socialistas, e da irreducibilidade de Mário Soares em fazer acordos com a APU, caso a esquerda disponha de uma confortável maioria, como tudo indica que venha a acontecer.

Fantasmas

Para Santana Lopes os adversários do PSD estão aí por toda a parte, «espalhados pelo Instituto Damiano de Góis e pela UNESCO», são o Presidente da República e os seus conselheiros. Ele diz que «o projecto» — refere-se a Eanes — continua a desenvolver-se «e o maior brinde que poderíamos dar a esse projecto era a existência de um bloco do tipo bloco central».

E nem percebe como o dr. Mário Soares, que tem aspirações a ser Presidente da República aceita candidatar-se a Primeiro-Ministro. Se o PS não tem lá melhor para Primeiro-Ministro que Mário Soares para chegar ao ponto de queimar a sua candidatura, então está mal».

O bloco central foi tema para grande parte da intervenção de Santana Lopes. Explicou aos seus militantes que, no caso de se formar esse bloco central «daqui por um ano e pouco cresceriam os apelos ao Messias salvador e não nos admirava nada se nessa altura esse mesmo candidato a Messias viesse dizer que, para ser o salvador que queriam teria que fazer uma alteração à Constituição que lhe permitisse ficar mais cinco anos».

«É o tal projecto de referendo que o dr. Medeiros Ferreira diz que tem pronto».

O Presidente da República não é todavia o único fantasma a povoar os sonhos do dirigente social-democrata. Apelo aos eleitores que vão votar no PSD que não façam um fim-de-semana prolongado porque não seria de admirar que na próxima segunda-feira «algumas camionetas por esse país, mais ou menos averelhadas, se aviassem».

Alás, Lopes afirmou-se de uma forma generalizada às pontes que se fazem nos diversos feriados em nome de uma política de apelo ao trabalho. E apelou à austeridade. «Não há moralidade para exigir mais trabalho enquanto não se puserem meia dúzia de galifarras que aí andam na ordem». E citou os muitos gabinetes públicos de gestão, os telefones particulares para as secretárias, os carros do Estado, etc. Mas genericamente Santana Lopes propõe começar na Presidência da República «que diz que não tem dinheiro mas tem muito» e acabar na mais pequena repartição.

Tanto quanto se pôde entender os «galifarras» estão à esquerda e «mais à direita». Não se entendeu bem se no

PSD também haveria «galifarras» porque o orador só falou da banda da direita «mais à direita» e da esquerda. Mas é natural que os socialistas-democratas estejam impulsionados, de contrário não fariam sentido que Santana Lopes tivesse dito que «só PSD é capaz de pôr Portugal na ordem».

Mas é importante sublinhar que esclareceu também que o PSD capaz desta tarefa não era o PSD de antes de Montechoro mas o PSD depois de Montechoro. Temos assim que neste momento há dois PSDs: o PSD (AM) e o PSD (DM). As diferenças Santana Lopes não as explicou.

O mesmo inimigo

Manuela Aguiar, outro dos participantes na sessão começou por dizer que o inimigo era o mesmo: «aquele que se chamou MFA, aquele que continuou no «gonçalvismo», que se prolongou no CR e depois nos conselheiros de Belém e o que se aproveitou de uma crise para destruir uma maioria».

Disse também que se uma coisa que não está ainda explicada é que em Janeiro não tivessem conseguido um Governo com Mota Pinto para governar até 1984.

Distribuindo os seus ataques ora para Belém, ora para o CDS ora para o PS, Manuela Aguiar afirmou que o grande afrontamento actual é entre os que querem fazer de Portugal um País da Europa e os que

querem fazer de nós uma vanguarda do Tercer Mundo. Evocou muito a AD, que desajaria ver reconstituída, mas só admitte na AD os que estiveram com Sá Carneiro e com Soares Carneiro. «A minha AD é aquela liderada por Sá Carneiro e por Freitas do Amaral».

Manuela Aguiar diria também que o mal da AD foi não ter «um líder natural» e o que mais a assusta neste País «foi ver os meus compatriotas não terem reagido fortemente contra o Presidente da República quando ele dissolveu a Assembleia da República».

Sobre o Governo falou-se muito ao de leve. Aliás já se tinha notado que este Governo de gestão é desconhecido e nenhum dos partidos que o constituem lhe assume agora a paternidade. Até o atacam, isso ainda aconteceu ontem com Santa Lopes que dirigiu uma severa crítica a Viana Baptista por declarações que este prestou.

Mas voltando a Manuela Aguiar diremos que ela defendeu com grande vigor o projecto de Sá Carneiro para dizer que vão continuar o projecto Sá Carneiro com Mota Pinto. Na prática trata-se de transformar politicamente Mota Pinto em Sá Carneiro. Apesar de tudo o que já se tem visto, parece uma metamorfose impossível.

Augusto Vilela

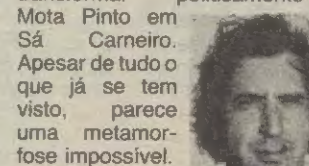
É esta a medida do PPD?

Continuação da pág. 15

vale a pena trabalhar e os outros apanharem os votos...». E arrematia com esta verdade de La Palisse: «Se entendem que os políticos são todos maus, então têm que votar nos menos maus...».

«Espectacular e grandioso»

Mota Pinto fez dois discursos diferentes. No de Portimão, mais sereno, mais discreto, definiu o PPD/PSD. «Quem quiser escrever uma enciclopédia sobre os partidos, quando chegar ao PPD/PSD, terá de escrever partido da juventude, partido da justiça, partido da democracia, da firmeza e do patriotismo». Explicou, uma por uma, cada uma destas «noções». Em Faro, e perante o «tom» das intervenções, Mota Pinto principal: «Este comício é um comício espectacular e grandioso. É um comício à medida do PPD». Enveredado, depois, por um breve resumo dos discursos habituais. As interven-



Augusto Vilela

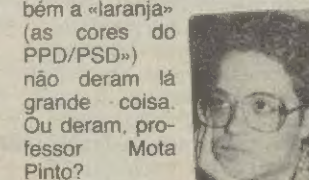
ções anteriores tinham sido muito longas.

No primeiro balcão um cartaz e, por vezes, os gritos de «Mendes Bota».

«Aqui não somos o primeiro partido, mas essa roda do corrimão vai mudar...», dizia em Portimão. Tudo leva a crer que o baile ainda será mais «mandado» pelas forças de esquerda. Cristóvão Norte, no comício de Faro, dizia: «Há pessoas que não são capazes de dar uma laranja e se sublembrem que o programa do PS ia ser aplicado, dava-lhes um ataque cardíaco... Mas votam no PS». Talvez eles não deem uma laranja, mas também a «laranja» (as cores do PPD/PSD) não deram lá grande coisa.

Ou deram, professor Mota Pinto?

Fernanda Mestrinho



legislativas 83

Só o Partido Socialista defende negociações com o FMI

O Partido Socialista é o único dos concorrentes às eleições de 25 de Abril que defende, abertamente, a negociação de um acordo de estabilização económico-financeira com o Fundo Monetário Internacional.

CDS também admite a necessidade de «entabular conversações» com o Fundo, face à situação económico-financeira do País, se bem que considere existirem outras alternativas.

«Parece-me que é inevitável negociar um acordo com o FMI, mas não conheço suficientemente os «dossiers» pelo que, só mais tarde, se o PS for Governo, poderei ter uma opinião definitiva» — disse Mário Soares à Anop.

O secretário-geral do PS frisou que o próximo Governo vai ter que analisar a situação económico-financeira, considerando necessário ouvir as opiniões do governador e dos vice-governadores do Banco de Portugal.

«AD deixou o País à beira da ruína e por isso peço oportunamente que se efectue uma reunião do Conselho de Estado para se analisar a situação» — disse o líder socialista.

«O envidiamento externo do País é impressionante e vai obrigar o próximo Governo, qualquer que ele seja, a medidas de estabilização financeira duras e graves» — disse o secretário-geral socialista.

Durante a campanha eleitoral o PS vem defendendo a necessidade de implementação de um

programa de estabilização financeira nos primeiros 18 meses de Governo, o qual deverá ser coordenado com um plano de desenvolvimento a quatro anos.

Os partidos da Aliança Democrática discordam do diagnóstico da situação económico-financeira feito pelo PS, considerando «catastrófica» a perspectiva de Mário Soares.

O candidato do PSD a Primeiro-Ministro, Mota Pinto, disse que «o que é necessário para o equilíbrio das nossas contas externas é adoptar um conjunto de medidas tecnicamente identificadas, sem imposições exteriores, seja de quem for».

«Nem outra podia ser a minha posição — acrescentou Mota Pinto — pois sempre tenho vincado os valores da independência nacional no exercício da acção governativa».

Para o PPD/PSD é necessário continuar a recorrer a créditos externos para reduzir o desequilíbrio das contas externas e o desemprego, quer através de um melhor aproveitamento da capacidade produtiva instalada (trabalho por turnos, por exemplo) quer através de uma política de emprego concertada.

Para Mota Pinto «deve ser a economia a estar ao serviço do homem e não o inverso».

A posição do CDS expressa através do vice-presidente da Comissão Política, Gomes de Pinho, frisou que eventuais acordos com o FMI têm «carácter instrumental e podem ou não ser

necessários em função de um conjunto de circunstâncias de natureza eminentemente técnica».

«Os acordos com o FMI não são a única alternativa para a economia portuguesa» — disse o líder centrista.

«Na minha opinião — acrescentou — o País deve encará-los na perspectiva da implementação de uma política económica e financeira sã, que defenda os nossos interesses e viabilize um processo de desenvolvimento, tendo em conta os objectivos dos agentes económicos e sociais portugueses».

«Tudo indica que na presente situação haverá que entabular negociações com o FMI, com vista a alargar a cooperação existente e facultar ao País os meios financeiros necessários, para viabilizar uma adequada política de saneamento financeiro, que é urgente levar a cabo» — frisou.

A Anop também solicitou uma declaração ao líder do PCP, Alvaro Cunhal, tendo o partido comunicado que não era possível concretizá-la por falta de tempo.

O PCP sempre se manifestou contra os acordos e as negociações com o Fundo, considerando-os uma forma de dependência da economia portuguesa relativamente ao principal centro capitalista mundial.

Nos pequenos partidos só os da esquerda revolucionária se têm manifestado relativamente a

este problema, sendo todos contra as negociações com o Fundo.

O PCTP/MRPP, por exemplo, vem exigindo a anulação de certos acordos internacionais, nomeadamente com a NATO e com o FMI.

O FMI é normalmente classificado de «agente do imperialismo norte-americano» pelos diferentes partidos desta área política — Anop.

Continuação da pág. 16

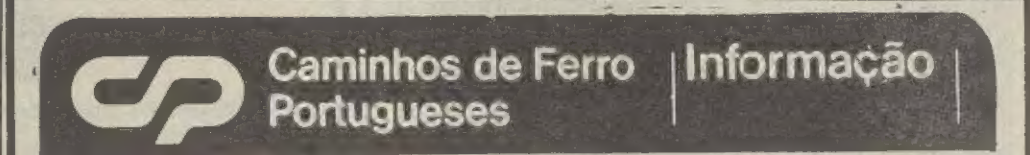
PPM, tem-se manifestado contra a falta de informação sobre as negociações para a adesão de Portugal à CEE, apesar de alguns situados à direita do leque partidário defenderem a integração, embora com algumas reservas.

Na área da esquerda revolucionária existe unanimidade quanto a recusa da adesão, porque se considera que no quadro da CEE os pequenos agricultores, comerciantes e industriais portugueses vão ser preteridos em benefício das grandes multinacionais.

O PSR, por exemplo, considera que da adesão nada de positivo resulta para a economia portuguesa, mas frisa que não é esta a razão fundamental da sua oposição ao processo.

O partido «coloca-se noutra óptica, totalmente diferente, de organização social e relacionamento europeu», defendendo «uma economia planificada a nível sectorial e regional, assente numa Europa socialista, de Portugal, a Suécia».

Estas organizações são unânimes na crítica ao governo por não divulgar o conteúdo das negociações nos diferentes dossiers.



COMUNICADO DO CONSELHO DE GERÊNCIA N.º 9

ASSUNTO: Comunicado do SMAQ (Sindicato Nacional de Maquinistas dos Caminhos de Ferro Portugueses) de 15-4-83. Resposta do Conselho de Gerência.

1. No dia 15 do mês corrente o Sindicato dos Maquinistas emitiu um comunicado através do qual a respectiva Direcção pretende apresentar publicamente, e aos seus filiados, as razões que teriam conduzido aquele Sindicato a suspender em 10-4-83 a greve então em curso.

De acordo com o mesmo comunicado, as «razões» de tal suspensão fundamentar-se-iam essencialmente nos seguintes pontos:

- garantias dadas por Sua Excelência o Ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes quanto a um aumento de massa salarial;
- garantias dadas por um membro do Conselho de Gerência da CP (Dr. Jorge Saraiva) quanto ao levantamento das suspensões dos maquinistas implicados em processos disciplinares, e relativamente a uma reduzida pena disciplinar em vez de eventual despedimento.

2. No que respeita às garantias que teriam sido dadas por Sua Excelência o Ministro, já este, em diversas declarações públicas, desmentiu categoricamente e inequivocamente, tal compromisso, pelo que o Conselho de Gerência nada tem a acrescentar. Apenas lamenta que dirigentes sindicais inicialmente, em declarações públicas, tivessem afirmado que tais garantias lhes tinham sido dadas por um membro do Conselho de Gerência. Regista-se, portanto, a rectificação pública agora feita pelo Sindicato.

3. Quanto às garantias sobre os processos disciplinares que a Direcção do Sindicato afirma terem sido dadas por um membro do Conselho de Gerência (Dr. Jorge Saraiva), nada mais resta a este Conselho que repudiar tais afirmações da Direcção do Sindicato, por serem falsas, injustas e indignas. Ao mesmo tempo, o Conselho de Gerência põe as seguintes questões:

- Porque não exigiu o Sindicato, como seria óbvio, e como sempre tem feito, em idênticas situações, que essas garantias lhe tivesse sido dadas por escrito, dado que envolviam, a serem verdadeiras, tão grande responsabilidade para o referido membro do Conselho de Gerência?
- Por que razão, só decorridos alguns dias, o Sindicato veio a público anunciar tais garantias?
- Por que razão o Sindicato, já depois de suspensa a greve, quer em reuniões com o Conselho de Gerência, na sede da Empresa, quer no Gabinete de Sua Excelência o Ministro, na presença deste, de Sua Excelência o Secretário de Estado dos Transportes Interiores, do Chefe de Gabinete, e ainda do Conselho de Gerência, nunca proferiu tal afirmação, mesmo quando expressamente instado nesse sentido, tendo até nessa altura tido o cuidado de desmentir que tivesse alguma vez feito referências sobre o assunto, em relação ao Sr. Dr. Jorge Saraiva?
- Por que razão o referido Sindicato se recusou a prestar declarações aos órgãos de Comunicação Social, juntamente com Sua Excelência o Ministro e o Conselho de Gerência, tal como se pretendia, perante os quais teria oportunidade para esclarecer toda a situação?
- Como se compreende que, em momento nenhum, o Sindicato tenha apresentado, quer verbalmente, quer por escrito, como seria normal e óbvio, perante Sua Excelência o Ministro, as razões que agora veio, surpreendentemente, trazer a público no seu comunicado?

4. Os aspectos referidos são mais que suficientes para desmascarar a Direcção do Sindicato dos Maquinistas e o pretexto que pretende arranjar para justificação da levandade com que criou tão delicadas situações para os seus filiados.

5. Entende-se o embaraço da Direcção do Sindicato e a necessidade que tem de mobilizar os seus filiados para o plenário que anunciou para o próximo dia 23, não devendo contudo lançar confusões, mas sim assumir publicamente a sua responsabilidade, com honestidade e dignidade, sem criar bodes expiatórios.

Lisboa, 20 de Abril de 1983.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Jaime Antunes, da ANOP

Continuação da pág. 15

mão-de-obra portuguesa, sem discriminações e com liberdade de emprego, aos países da comunidade — concluiu o candidato social-democrata.

PCP

«A ideia da adesão de Portugal à CEE visa a destruição das conquistas do 25 de Abril e não a resolução dos problemas da economia portuguesa», considera o PCP, num depoimento solicitado pela ANOP.

Os slogans de «Europa connosco» «Portugal está com a Europa», «A prioridade das prioridades», «A primeira das prioridades», «A prioridade», confirmam, segundo o PCP, que a ideia da adesão visou «desenvolver uma grande operação política e de propaganda, com vista à destruição das conquistas do 25 de Abril e à submissão da economia portuguesa à divisão internacional do trabalho, ditada pelos monopólios dos países mais desenvolvidos da CEE».

No depoimento afirma-se que a «integração tem sido um fiasco, como se sabe».

Na opinião do PCP, os dossiers já «arrumados» revelam que nem os interesses mínimos foram acautelados, tal foi a pressa de cumprir datas (políticas) por parte dos negociadores portugueses.

«As cedências e a submissão em pontos capitais são, além do mais, vergonhosas» afirma o PCP.

O que se impõe, com urgência, é o estabelecimento de novos acordos com a CEE, mutuamente vantajosos, pondo de lado a ideia da integração, assegurando, por outro lado, a diversificação das relações económicas externas: países árabes, socialistas e novos países africanos.

«Com a adesão, os produtos portugueses seriam batidos interna e externamente, o que é fácil de verificar se atentarmos no que sucederia se a livre circulação de mercadorias e actividades se fizesse já com a vizinha Espanha» — afirma-se no depoimento.

«Por outro lado, os produtos dos países terceiros concorrerem com os nossos, no nosso próprio mercado. É sabido também que, de acordo com as actuais regras da CEE, Portugal é um contribuinte líquido, isto é, pagaria mais do que receberia dos diversos fundos» — considera o PCP.

No quadro da CEE «Portugal seria uma economia apêndice onde seriam instaladas as indústrias pesadas e de tecnologia avançada, com vista a utilização de mão-de-obra barata».

Para o PCP a integração na CEE representaria a curto prazo a destruição dos sectores mais frágeis da economia nacional e a eliminação de milhares e milhares de pequenas e médias explorações agrícolas e empresas comerciais e industriais.

A médio e longo prazo a adesão à CEE — prossegue o PCP — seria o não desenvolvimento de indústrias pesadas e de ponta em Portugal, a contenção definitiva do Plano Siderúrgico Nacional, a estagnação ou absorção pelo capital estrangeiro do sector da construção naval, a transformação da zona agrícola em florestas e a exploração da zona económica exclusiva por frotas pesqueiras de países mais desenvolvidos.

Os comunistas consideram que a adesão de Portugal à CEE só «ajudaria a resolver os problemas, isto é, engrossar as fortunas e o poder económico dos Mellos, Quinas e quejandos e dos seus representantes políticos».

CDS

O vice-presidente da Comissão Política do CDS, Gomes de Pinho, diz que a adesão de Portugal à CEE «não é uma panaceia para a resolução dos problemas portugueses».

Essa adesão, acrescenta, «constitui uma inevitabilidade face ao desenvolvimento da interdependência económica no espaço europeu e à posição que a Europa ocupa como país fornecedor e cliente de Portugal».

Gomes de Pinho, que falava em nome do CDS, frisa que a adaptação da economia portuguesa às novas realidades «constitui um desafio à modernização das empresas nacionais, à melhor organização da produção e a uma mais concreta e empenhada participação dos trabalhadores no esforço produtivo».

«Trata-se igualmente de um processo privilegiado para atenuar as assimetrias de desenvolvimento existentes e de afirmação da capacidade da iniciativa privada e das regras da economia de mercado vigente em todos os países da Europa Ocidental, hoje ainda em Portugal bastante distorcidas», acentua o dirigente do CDS.

Para Gomes de Pinho, em termos globais e dentro dos limites de um processo de natureza negocial, «têm-se obtido resultados positivos, até pelo empenhamento do Governo na mobilização de largos sectores sociais».

Apesar de considerar difícil emitir uma opinião técnica sobre o processo de negociações, Gomes de Pinho salienta a abertura política manifestada pelos principais países da CEE, «apesar da crise que a economia mundial atravessa e que impõe restrições evidentes aos princípios da livre circulação de pessoas e bens, que estarão na base do projecto de unidade económica europeia».

Para o CDS o país deve encerrar os acordos em negociação com a CEE numa perspectiva de «implementação de uma política económico-financeira sã, que defenda os nossos interesses e viabilize um processo de desenvolvimento, tendo em conta os objectivos dos agentes económicos e sociais portugueses».

Pequenos partidos

Os pequenos partidos de esquerda, nomeadamente a UDP e o PSR, têm defendido a realização de um referendo sobre a adesão de Portugal, à CEE para explicarem porque são contra.

Os pequenos partidos concorrentes às eleições, a excepção do

Continua na pág. 17



DESPORTO

Escândalo em Varsóvia

O árbitro holandês Corver interrompeu o jogo entre o Widzew Lodz (da Polónia) e a Juventus (de Itália), da 2.ª «mão» das meias-finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus. A interrupção deu-se imediatamente após o jogador polaco Sulit ter obtido o gol de empate da sua equipa, aos 53 minutos de jogo.

A Juventus, que na 1.ª «mão» disputada em Itália tinha ganho por 2-0, colocara-se em vencedora por 1-0 (aos 35 minutos), com um gol de Paolo Rossi a passe de Michel Platini.

O árbitro Corver mandou as equipas para as cabinas quando um dos seus fiscais de linha ficou com uma ferida profunda na cabeça ocasionada pelo atropelamento de uma garrafa logo após a marcação do gol de empate do Widzew Lodz.

O jogo só foi retado 15 minutos depois. A Milícia teve que actuar nas bancadas para garantir a segurança necessária à continuação do encontro.

UEFA: vencedores serão inéditos

As três taças europeias de futebol terão este ano vencedores inéditos apesar de apenas um dos seus finalistas apurados (o Aberdeen) aparecer pela 1.ª vez nesta fase da competição. Real Madrid (10 finais), Benfica (5) e Anderlecht, Hamburgo e Juventus (4 cada um) pertencem ao grupo dos clubes normalmente envolvidos em decisões europeias. O Hamburgo chegou pela 2.ª vez à final da Taça dos Campeões. Perdeu, em 1980, com o Nottingham Forest depois de já ter ganho a Taça das Taças de 1977 (2-0 ao Anderlecht) e ter sido finalista desta competição em 1968 e da Taça UEFA em 1982. A Juventus demorou dez anos a atingir novamente a final da competição principal (derrotada em 1973, pelo Ajax) mas durante esse período venceu a Taça UEFA de 1977, após duas tentativas fracassadas, em 1965 e 1971. O Real Madrid (seis vezes campeão) eleva para 11 o seu número de vitórias e vai tentar frente ao Aberdeen a vitória na decisão da Taça das Taças de 1971 com os igualmente britânicos do Chelsea e mais recentemente na da Taça dos Campeões de 1981 com o Liverpool. O Benfica, cinco vezes finalista da Taça dos Campeões e detentor de duas, esperou 15 anos para voltar a estar em condições de conquistar um troféu da UEFA, agora frente aos belgas do Anderlecht finalistas derrotados pelo Arsenal (nesta prova em 1970) e da Taça das Taças (em 1977) e vencedores da segunda competição (em 1978 e 1979).

A excepção do Benfica, qualificado graças ao gol apontado no terreno adversário pelo jugoslavo Filipovic (após o nulo da Luz) todos os jogos da 2.ª «mão» confirmaram as indicações da ronda inaugural

O Hamburgo, que empatara a um gol em Atocha, bateu a Real Sociedad por 2-1, com um gol duplo de Von Heesen na parte final, enquanto a Juventus empatava (2-2) um encontro acidentado em Lodz para confirmar o triunfo obtido antes em Turim (2-0).

Na Taça das Taças o Aberdeen concedeu uma vitória honrosa aos belgas de Waterschei (1-0) que em nada ameaçou a vantagem alcançada na primeira ronda (5-1), enquanto o Real Madrid venceu claramente o Austria por 3-1, após o empate a dois golos de há 15 dias.

O Anderlecht, que fora a única equipa a vencer fora na 1.ª mão, voltou a ganhar ontem em Bruxelas, aos checos do Bohemians desta vez por 3-1.

Após as meias-finais, o Benfica é a única equipa que permanece invicta nas competições europeias de 1982-83, o que permite ao seu treinador (o sueco Sven-Goran Eriksson) ostentar um recorde de 22 jogos consecutivos sem derrota nesta competição que ganhou no ano passado ao comando do IFK Göteborg

Campeonato francês

O Nantes, batido pelo Ruão por 1/0, conserva o 1.º lugar da classificação geral do campeonato da França depois da 32.ª jornada, cujos resultados foram os seguintes: Ruão - Nantes, 1/0; Estraburgo-Bordeus, 0/0; Laval-Paris SG, 1/0; Saint Etienne - Monaco, 2/0; Auxerre - Lens, 0/0; Metz - Brest, 1/0; Tours - Nancy, 1/2; Sochaux - Mulhouse, 1/1; Toulouse - Lyon, 4/1; Lille - Bastia, 2/0.

Classificação geral: 1.º Nantes, 48 pontos; 2.º Bordeaux, 42; 3.º Paris SG, 39; 4.º Monaco, 37; 5.º Lens e Laval, 36.

O Real Sporting Club Anderlecht, que se qualificou para disputar com o Benfica a final da Taça UEFA, festejou as bodas de diamante no passado dia 3 de Fevereiro. Vandenbergh, Lozano, Czerniatinsky e Vercauteren (os autores dos golos da vitória sobre o Waregem nesse dia de festa) são nomes que nada têm a ver com os dos modestos habitantes do bairro suburbano de Anderlecht, que fundaram o clube em 1908.

Inicialmente, apenas Sporting Club Anderlecht, obteve a designação «Real» em 1933, dois anos antes de alcançar pela primeira vez a 1.ª divisão, de onde aliás nunca mais saiu.

O clube que conquistou ao Union Saint-Gilloise a hegemonia do futebol belga ascendeu ao 1.º plano na década 1949-59 sob a orientação do treinador inglês Bill Gromlie, que também foi seleccionador belga entre 1949 e 1952 e que começou a sua actividade no clube conquistando três títulos consecutivos.

Apesar do seu domínio a nível interno, o Anderlecht demorou até conseguir singular internacionalmente o seu baptismo europeu foi assinalado por uma «goleada» (0-10) frente ao Manchester United em 1956.

A Gromlie sucedeu o francês Pierre Sinibaldi que, mais tarde se tornou famoso ao comando do Reims e que formou no Anderlecht uma nova geração de futebolistas, a maioria dos quais nascidos no próprio bairro, até ao advento do profissionalismo, nos anos 70. Nesta altura, o clube contou com dois dos melhores futebolistas belgas de sempre: o «goleador» Paul Van Himst (o actual treinador) e o centro-campista Josef Jurion, com os quais o Anderlecht voltou a ser campeão em 1962 e, consecutivamente, entre 1962 e 1964.

Na temporada 1969/70, o Anderlecht chegou pela 1.ª vez à final da Taça das Feiras, perdendo por 3-4 com o Arsenal. Em 1971, sob a orientação do austríaco George Kessler, o clube obteve pela 1.ª vez a dupla campeonato taça, partindo para a melhor década da sua história, graças (sobretudo) à classe do seu melhor holandês Robbie Rensenbrink. Após vencer (consecutivamente) quatro Taças da Bélgica (entre 1972 e 1976) o Sporting conquistou a sua primeira Taça das Taças em 1975-76, derrotando o West Ham na final. No ano seguinte, voltou a chegar à final, mas perdeu frente ao Hamburgo, contudo em 1977-78, após eliminar esta equipa alemã federal numa ronda preliminar.

reconquistou o troféu frente ao Austria de Viena.

De qualquer modo, o primeiro triunfo internacional do Anderlecht só ocorreu um ano após a retirada do seu melhor jogador de sempre (Van Himst) que regressou agora para conquistar como técnico aquilo que nunca conseguiu enquanto futebolista.

Ao derrotar ontem os checoslovacos do Bohemians, o Anderlecht (18 vezes campeão da Bélgica) atingiu pela 5.ª vez uma final europeia.

Uma história

A grave decisão tomada em 26 de Setembro do ano passado pelo presidente do Sporting Anderlecht (Constant Vandendock) está na origem do êxito que os adeptos do clube comemoram: a qualificação para a final da Taça UEFA. Nesse dia, Vandendock deu finalmente ouvidos às exigências dos adeptos e decidiu dispensar os serviços do técnico jugoslavo Tomislav Ilic. Estava-se a um dia da partida para a final da Taça UEFA, o jogo da 1.ª eliminatória da Taça UEFA, com o Kuopio, e a equipa precisava de um estímulo novo. O homem chamado como salvador foi Paul Van Himst (40 anos) velha glória do futebol belga e do próprio Anderlecht, cujo temperamento vivo e optimista alterou profundamente o estado de espírito então reinante no seio da equipa.

Van Himst, o popular «Popoli» dos adeptos belgas, quando recentemente comentava o seu êxito, era bastante modesto: **Não existe nada para explicar a jogadores com a classe destes. O que era preciso era saber comunicar-lhes a alegria de jogar. Então, num grupo como este, o problema era simplesmente uma questão de ambiente.**

Referia-se sem dúvida ao magnífico «presente» que Vandendock lhe dera: uma equipa de avançados reconhecidos entre os melhores da Europa, como Erwin Vandenbergh, o melhor marcador dos últimos três campeonatos e Bota de Ouro de 1980, e Alex Czerniatinsky, revelação do campeonato anterior.

Vandenbergh e Czerniatinsky, os dois pontos-de-lança da selecção no Mundial de 1982, tinham sido adquiridos meses antes ao Liège e ao Antuérpia, respectivamente, mas não liéria de conseguir o seu primeiro êxito, um técnico que nunca abdicou do seu conceito de futebol, apoiado numa defesa de cinco jogadores. Quando Van Himst pegou na equipa, o Anderlecht ocupava um modesto 8.º lugar

na classificação geral, mas desde essa data e à excepção da eliminação dos oitavos de final da Taça belga, em Janeiro, o Anderlecht manteve-se imbatível a nível nacional até ao dia 2 de Abril último, quando perdeu em Gand.

O mais internacional jogador belga de todos os tempos (com 81 internacionalizações) contou sobretudo com o apoio de Ludo Coeck, grande líder da equipa que, com os seus dez anos de actividade consecutivos no Parc Astrid, muito contribuiu para a saída de Ilic, manifestando desde o início a sua oposição aos métodos do jugoslavo.

Ilic proibiu rigorosamente todas as lateralizações do jogo. Hoje, nós podemos finalmente jogar a bola à vontade no meio-campo, tentando variar ao máximo a construção das jogadas ofensivas a partir da intermediária — explicou Coeck. Por outro lado, Van Himst alterou também a composição da defesa, recuperando o dinamismo Olsen para a posição de «libero» e colocando o jugoslavo Peruzovic no lugar onde mais gosta de actuar («stopper»). Deste modo, o Anderlecht voltou a ter uma defesa de apenas quatro elementos com os laterais Broos (um veterano que foi colega de equipa de Van Himst) e de Groote (que nos últimos meses chegou a titular da selecção).

O meio-campo, que conta com Coeck para as tarefas mais defensivas, Vercauteren para o contra-ataque e Lozano para o ataque apoiado, voltou a ter liberdade para criar, servindo uma autêntica bateria de goleadores extremamente eficazes: Vandenbergh, Czerniatinsky e Brylle.

A equipa conta ainda com um dos melhores guarda-redes do futebol belga (Munaron) e dois outros jogadores de extrema utilidade (Hofkens e Fremann) que tanto podem jogar na defesa como no meio-campo, além dos avançados dinamagregues Andersen e Larsen.

O Anderlecht rapidamente regressou à luta pelo título que vem travando há meses com a forte equipa do Standard de Liège, não se vislumbrando a cinco jornadas do fim qual das duas conquistará o campeonato. Em 29 jogos, o Anderlecht obteve 18 vitórias, sete empates e quatro derrotas, totalizando 69 golos marcados e 30 sofridos. O melhor marcador é (sobretudo) Vandenbergh, com 19 tentos, novamente à frente da lista dos marcadores nacionais.

Depois do mundial, transferido para a primeira mão da final da Taça UEFA, o Anderlecht volta ao campeonato com jogos em Beveren (dia 8), com o FC Liège no Astrid (dia 15), no campo do Racing White (dia 22) e, por fim, novamente no Astrid, com o Cercle Brugge. O campeonato português só recomeça dia 15 de Maio.

de Liège, Erwin sentiu grandes dificuldades para se ambientar ao Heysel, cujas bancadas lhe exigiram cedo de mais justificação para a elevada soma paga pelo clube.

Vandenbergh chegou a ser conhecido por «o deprimido», mas a troca de treinador foi proveitosa até neste caso pessoal: a minha verdadeira carreira no Sporting começou com a chegada de Van Himst — afirmou ele, depois do jogo com o Sarajevo, na primeira mão dos oitavos-de-final da Taça UEFA, em que marcou dois dos seis golos da equipa belga.

Futuro próximo

Nos dez jogos da Taça UEFA disputados até agora, o Anderlecht apontou 27 golos (Vandenbergh 6, Lozano 4, Brylle 4, Czerniatinsky 3, Vercauteren 3, Coeck 2, Larsen 2, Groote 1, Olsen 1 e um autogolo, sofreu nove, três dos quais do FC Porto. A equipa portuguesa, eliminada por uma pesada derrota no Parc Astrid (0-4) na 1.ª mão, e o Sarajevo (depois de já ter sido «goleado» na Bélgica) foram as únicas duas que conseguiram bater o Anderlecht nas cinco eliminatórias anteriores da competição, respectivamente por 3-2 e 1-0.

Nos restantes jogos europeus, o Anderlecht obteve oito vitórias, três das quais no exterior: 3-1 em Kuopio (Espanha), 2-1 em Valência (Espanha) e 1-0 em Praga, ao Bohemians.

Em relação ao Benfica, seu adversário na final da Taça UEFA, o Anderlecht parece ter um fim de temporada mais sobrecarregado pois encontra-se nos últimos metros da corrida para o título, quando está apenas com um ponto de vantagem sobre o Standard. E, enquanto o Benfica já não volta a jogar antes da 1.ª mão da final (dia 4 de Maio) o Sporting belga enfrenta no dia 1 o Antuérpia. No dia 27, os seus principais jogadores (De Groote, Coeck, Vercauteren e Vandenbergh) estarão envolvidos num importante jogo do grupo 1 do campeonato da Europa perante a RDA, enquanto a maioria dos futebolistas do Benfica actuam em Moscovo frente à URSS.

Depois da primeira mão da final da Taça UEFA, o Anderlecht volta ao campeonato com jogos em Beveren (dia 8), com o FC Liège no Astrid (dia 15), no campo do Racing White (dia 22) e, por fim, novamente no Astrid, com o Cercle Brugge. O campeonato português só recomeça dia 15 de Maio.

O presidente François Mitterrand confirmou a decisão do governo francesa de anular a digressão da equipa francesa de «râguebi» pela África do Sul, prevista para Junho próximo. Numa carta dirigida a Albert Ferrasse, presidente da Federação Francesa de Râguebi (FFR), que lhe tinha pedido na véspera a sua arbitragem, o chefe de Estado indica que a decisão de anulação tomada pelo chefe de Governo não pode ser posta em causa. A razão desta decisão (precisa Mitterrand na sua carta) tem a ver com a discriminação racial que afecta as populações da África do Sul e em particular os desportistas.

A ideia que temos do papel da França no mundo, a posição tantas vezes acentuada do Comité Internacional Olímpico, a do Comité Nacional Olímpico Desportivo, tal como a atitude constante do governo da República (expressa em circunstâncias idênticas em 1979) mostram claramente onde se encontra o nosso dever.

Na terça-feira, o Comité Directivo da FFR, que se opunha ao pedido de boicote da África do Sul (feito junto de todas as federações desportivas amadoras pela ministra do Desporto, Edwige Avice) tinha decidido pedir a arbitragem do Presidente da República. Ferrasse indicou (entretanto) que a Federação Francesa de Râguebi se inclinava perante a decisão presidencial.

posição esquerda

Barreirense: posição muito firme sobre os incidentes nas Antas

Em conferência de Imprensa que teve a presença de representantes do Queluz e do Benfica (clubes perfeitamente aoidários com o Barreirense) a colectividade do «D. Manuel de Melo» relatou uma torrente de factos insólitos ocorridos quando da disputa dos jogos para a fase final do campeonato nacional de basquetebol, no Pavilhão das Antas, afirmando que tudo foi antecipadamente preparado para criar um clima de terror, de agressões e provocações que obrigaram os jogadores visitantes a abdicarem de lutar para, pelo menos, salvarem a vida.

Os técnicos barreirenses Manuel Fernandes e Quaresma tal como os seccionistas que acompanharam o «cinco» de basquetebol do clube nas deslocações às Antas, condenaram veementemente factos absolutamente estranhos: fomos atingidos por um terror verdadeiramente orquestrado: desde pedras a água quente, desde lixívia a urina!». E declararam: o FC Porto distribuiu pelo Pavilhão elementos que disse pertencerem à organização mas mais não eram que «jaguões» que fazem parte da sua segurança.

— Os actos de vandalismo foram previamente estudados. Era uma autêntica organização de terror: porue (fundamentalmente) o Barreirense era o clube a abater, por possuir a melhor equipa.

E, enquanto a Associação de Basquetebol de Setúbal vai tomar posição enérgica junto da Federação da modalidade e a Câmara Municipal do Barreiro apresenta público protesto às autoridades que superintendem no nosso Desporto, pedindo imediata impugnação do campeonato e inquérito extremamente vigoroso, fica no ar a ideia de se organizar um «torneio de desagravo», em que participem Barreirense, Queluz e Benfica, os três símbolos que contestam vivamente o comportamento do público no pavilhão das Antas, considerando-se lesados na atribuição do título.

Boavista: problema com terrenos

Um grupo de 50 sócios do Boavista começou a recolher assinaturas para o pedido de uma assembleia-geral em que a actual direcção esclareça sobre o embargo do prédio da Cerceia. O elenco directivo chefiado por Valentim Loureiro colocou uma acção em tribunal contra aquela empresa de imobiliários, exigindo uma indemnização no valor de 5 mil contos, embarcando assim o prédio construído nas traseiras da bancada lateral. A cerca utilizou o muro do Bessa indevidamente e deveria ter construído o prédio em terrenos mais afastados.

Entretanto, a Cerceia e a direcção do Boavista entraram num acordo, em que aquela empresa de imobiliários se comprometeu a dar a verba exigida. Contudo, o grupo de sócios do Boavista exige uma assembleia para o esclarecimento total desta situação, já que no seu ponto de vista) o recebimento dessa quantia, estatutariamente, é ilegal.

Mitterrand proíbe râguebi francês de ir à África do Sul

O presidente François Mitterrand confirmou a decisão do governo francesa de anular a digressão da equipa francesa de «râguebi» pela África do Sul, prevista para Junho próximo. Numa carta dirigida a Albert Ferrasse, presidente da Federação Francesa de Râguebi (FFR), que lhe tinha pedido na véspera a sua arbitragem, o chefe de Estado indica que a decisão de anulação tomada pelo chefe de Governo não pode ser posta em causa. A razão desta decisão (precisa Mitterrand na sua carta) tem a ver com a discriminação racial que afecta as populações da África do Sul e em particular os desportistas.

A ideia que temos do papel da França no mundo, a posição tantas vezes acentuada do Comité Internacional Olímpico, a do Comité Nacional Olímpico Desportivo, tal como a atitude constante do governo da República (expressa em circunstâncias idênticas em 1979) mostram claramente onde se encontra o nosso dever.

Na terça-feira, o Comité Directivo da FFR, que se opunha ao pedido de boicote da África do Sul (feito junto de todas as federações desportivas amadoras pela ministra do Desporto, Edwige Avice) tinha decidido pedir a arbitragem do Presidente da República. Ferrasse indicou (entretanto) que a Federação Francesa de Râguebi se inclinava perante a decisão presidencial.

Depois da primeira mão da final da Taça UEFA, o Anderlecht volta ao campeonato com jogos em Beveren (dia 8), com o FC Liège no Astrid (dia 15), no campo do Racing White (dia 22) e, por fim, novamente no Astrid, com o Cercle Brugge. O campeonato português só recomeça dia 15 de Maio.

Universidade Livre: amizade em Espanha

A equipa de andebol de sete do Núcleo Desportivo da Universidade Livre (NDUL) defrontou recentemente, em Espanha, as suas congéneres de várias Universidades. Além dos jogos (derrota, 13-27, com a Universidade de Informática de Madrid; empate 19-19, com a Universidade Politécnica de Madrid; derrota, 18-26, com a Universidade de Valência) o programa da colónia portuguesa incluiu recepções, visitas guiadas e outras ocasiões de contacto com a cultura e o povo espanhóis.

Esta deslocação ao país vizinho veio encerrar a primeira fase de um intercâmbio desportivo internacional que o NDUL pretende efectuar regularmente, para promover o desporto universitário e as relações de amizade entre estudantes portugueses e estrangeiros. Recorde-se que as equipas espanholas acima referida participaram, em Dezembro de 1982, em Lisboa, no 1.º Torneio Internacional Universitário, organizado pelo NDUL.

DESPORTO

Futebol: juvenis perdem na Europa

Portugal perdeu, em Paços de Ferreira, com a Bélgica, por 3-2, depois de ter estado a ganhar ao intervalo por 2-1, em jogo a contar para o grupo 6 do campeonato da Europa de Juvenis. Depois de desmantelada a selecção portuguesa que, no passado dia 23 de Março, bateu (na Bélgica) esta mesma equipa por um conclusivo 6-0, em virtude de ter apresentado futebolistas com idades superiores a 16 anos, Portugal apresentou agora um conjunto de jovens muito habilidosos, mas apenas com um treino de conjunto.

A turma comandada por José Augusto iniciou a partida da melhor forma, obtendo dois golos no espaço de três minutos. Aos seis minutos, Litos driblou quantos adversários lhe apareceram pela frente e à entrada da grande área belga disparou um tiro fortíssimo, fazendo passar a bola entre as mãos do guarda-redes belga. O mesmo Litos (aos nove minutos) depois de uma primorosa jogada individual de Rui Lopes, recebeu um passe lateral e, em posição frontal, disparou violentamente e sem hipótese de defesa para Hubert. Parecia estar aberto o caminho para a «goleada», até porque aos 29 minutos, Litos isolou Pedro Miguel e só a oportuna saída do guarda-redes belga evitou que a contagem aumentasse.

Porém, dois minutos depois deste lance, um contra-ataque belga conduzido por Niils lançou o desespero na turma portuguesa, que já acusava nítidos sinais de fadiga. Niils driblou quatro adversários, isolou-se e fez o 1.º gol dos belgas, perfeitamente à vontade.

No segundo tempo tudo se modificou. Enquanto na 1.ª parte a equipa lusitânica tinha tido um grande «patrão», que vagabundeando pelo campo todo, marcou, jogou e fez jogar, no período complementar o mesmo Litos «estoiro» fisicamente e o nosso futebol ressentiu-se claramente da sua falta de produtividade.

Os belgas reagiram muito bem e exploraram da melhor forma a

quebra física dos portugueses para dominarem completamente o jogo o Niils fez o empate (aos 68 minutos) no golo mais espectacular da partida para, quatro minutos depois, colocar a Bélgica na posição de vencedora, igualmente num tento de bela execução técnica. Para além de Niils, o «capitão» De Nil foi o que mais se destacou na Bélgica, enquanto na turma portuguesa sobressaíram Litos (apenas na 1.ª parte) José Carlos (com boas defesas) e o lateral esquerdo, Fernando Mendes, que se revelou a grande altura, não só pela forma como defensão, mas sobretudo pelas iniciativas que tomou ao ataque.

Jogo no estádio da Mata Real (em Paços de Ferreira) perante cerca de três mil espectadores. Árbitro: Jean Marie Macheret (Sulga), coadjuvado pelos portuenses Fernando Alberto (peão) e Joaquim Gonçalves.

Portugal: José Carlos (FC Porto); António Carlos (FC Porto); Rui Humberto (Oriental); Cruz (FC Porto) e Fernando Mendes (Sporting); Guedes (Benfica), Basto (Boavista) e Rui Lopes (Benfica); Litos (Sporting) Faustino (Sporting) e Rui Ribeiro (FC Porto) aos 58 minutos e Pedro Miguel (Naval Primeiro de Maio), Luis Miguel (FC Porto) aos 72 m.

Bélgica: Hubert (Anderlecht); Schouttens (Harelbeke), Karagiannis (Patroiseiden), Marchandise (Anderlecht) e Giet (Standard de Liège); De Nil (Molenbeek), Van Born (Beveren) Van Craenenbroeck (do Molenbeek, aos 66 m) e Perdius (Hasselt); Schaessens (Bersch Sport) Moyaux, do Waterloo, aos 40 m; Niils (Winterslag) e Bielen (Waterschei).

Após este jogo a classificação ficou assim ordenada: 1. França, 5 pontos (5/1); 2. Bélgica, 5 (7/6); 3. Espanha, 4 pontos (6/1); 4. Portugal, 0 (2/12).

Jogos que ainda falta disputar: 27/4/83 — França - Espanha; 26/10/83 — Bélgica - Espanha; 23/11/83 — França-Bélgica; 30/11/83 — Espanha - Portugal.

7/12/83 — Portugal - França. Jogos já disputados: 1/12/83 — Espanha - Bélgica, 3-0; 23/2/83 — França - Portugal, 3-0 (2-1); 9/3/83 — Portugal - Espanha, 0-3 (4-1); 9/3/83 — Bélgica - França, 1-1; 23/3/83 — França - Espanha, 2-0 (0-6); 20/4/83 — Portugal-Bélgica, 2-3.

Jogos que Portugal perdeu na Secretaria da UEFA por deficiente inscrição de jogadores (com mais idade do que a permitida), sendo-lhe averbadas derrotas por 3-0.

Rol de castigos

Foram imensos os castigos aplicados ontem pelo Conselho de Disciplina da Federação. Destacamos apenas as multas que tocam ao Amora (7500 escudos) e Portimonense (4500 escudos) por comportamento incorrecto do público e a suspensão

directo do público e a suspensão por um jogo de Quim Manuel e Beca (Marítimo), Costa (Porto), Queiró (Boavista), Teixeira (Estoril), Dito e Valter (Sporting de Braga), Raul Sousa, Moninhos e Serra (todos do Sporting de Espinho), Pinto (Varzim), Pires e Quim (Rio Ave), Alberto (Amora), Murça, Raul Águas e Paulo Rocha (Portimonense), Carlos Xavier (Sporting) e Mota (Vitória

de Setúbal). No 2.º escalão, por comportamento incorrecto de parte do público, o Belenenses foi multado em 3000 escudos.

Venglos chega no sábado

O checoslovaco Joseph Venglos, novo treinador de futebol do Sporting, chega no sábado a Lisboa, Venglos, recentemente contratado para substituir Oliveira no cargo de técnico da equipa principal do Sporting, fará, no próprio dia da chegada, uma observação dos jogadores actualmente ao serviço do clube.

Após essa observação e depois de Venglos transmitir à direcção as suas opiniões serão apressadas negociações que vêm decorrendo para a renovação de alguns contratos.

Campeonato da Inglaterra

O Norwich venceu o Arsenal por 3-1 em jogo disputado ontem em Londres

Campeonato da Escócia

O Glasgow Celtic perdeu em casa com o Dundee United por 2-3, ontem em Glasgow. A classificação ficou assim ordenada: 1.º Celtic, 49-2; Dundee United, 48; 3.º Aberdeen, 44; 4.º Rangers, 32.

Placard

Voleibol:

Espanha-Portugal

A selecção feminina de voleibol de Portugal foi derrotada pela sua congénere espanhola por 0-3 na 1.ª jornada do torneio de qualificação para o campeonato da Europa, a decorrer em Granada (Espanha). Os resultados parciais foram 15-7, 15-3 e 15-1, com uma duração de 18, 13 e 15 minutos, respectivamente. A agência EFE refere que a equipa espanhola não teve qualquer dificuldade para vencer e que nenhuma jogadora portuguesa se destacou do pobre jogo geral

Volta a Espanha

Classificação geral após a etapa da volta à Espanha, ontem disputada: 1.º Dominique Gaigne, França, 6 h, 45 m, 17 s.; 2.º Hennie Kuiper, Holanda, 6 h, 45 m, 17 s.; 3.º Bernard Hinault, França, 6 h, 45 m, 23 s.; 4.º Juan Fernandez, Espanha, 6 h, 45 m, 26 s.; 5.º Giuseppe Peppo, Itália, 6 h, 45 m, 34 s.; 6.º Julian Giorsope, Espanha, 6 h, 45 m, 37 s.; 7.º Jesus Suarez Cuevas, Espanha, 6 h, 45 m, 39 s.; 8.º Guy Nulens, Bélgica, 6 h, 45 m, 43 s.; 9.º Arsenio Gonzalez, Espanha, 6 h, 45 m, 43 s.; 10.º Juan Carlos Alonso, Espanha, 6 h, 45 m, 44 s.



COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL EM LOURES

PROGRAMA DO DIA 24 DE ABRIL

GRANDE PREMIO DE LOURES
Contra-relógio — ODIVELAS/LOURES 23 km
9 horas — Partida de Odivelas
9,45 h — Chegada a Loures

XADREZ
10 horas — Simultânea de xadrez, com Luís Santos (Campeão Nacional)
No Parque Municipal

LARGADA DE POMBOS
10 horas — Junto aos Paços do Concelho

PATINAGEM ARTISTICA
15 horas — No rruque do Parque Municipal

CONCERTO DE BANDAS
Nos Paços do Concelho
14,30 h — Concerto de bandas
Banda de Loures, Odivelas, Sacavém e Caneças
16 h — Rancho Folclórico da Bemposta

CICLOTURISMO
16,30 h — Chegada dos cicloturistas do III Porto-Loures. (Junto aos Paços do Concelho)

ENCERRAMENTO
17 h — Desfile de Colectividades e Bandas

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 17 DE 24 DE ABRIL DE 1983

Correio de Coimbra: X11 1X1 111 1112; Correio do Vouga: X11 111 111 111; Ecos da Cacia: X11 111 111 1112; Folha do Domingo: X11 111 111 111X; Jornal da Beira: X11 111 111 111X; Jornal de Sintra: X11 111 111 111X; Jornal de Vila Real: X11 111 111 111X; Notícias de Chaves: X11 111 111 111X; Notícias de Guimarães: X11 111 111 111X; X112; Reconquista: X11 111 111 111X; RDP/Secção Desportiva: X11 111 111 111X; Jornal a Voz das Beiras: X11 111 111 111X; RDP/Centro-Desporto em Análise: X11 111 111 111X; A Voz do Domingo: X11 111 111 111X; A Voz de Lamego: X11 111 111 111X; RDP/Tempo de Desporto:

111 1X1 1X1 11X2; O Mensageiro: X1X 112 111 111X; Música e Não Só: X1X 111 111 112; RDP/Ponto de Encontro: X1X 211 11X 21X2; Bola Branca: X11 1X1 1X1 11X; Rodapé: X12 2X2 12X 21X2; Reportagens Externas: X11 111 112 11X1; RDP/Telefonia Elegante: 121 22X 111 2212; RDP/Sais de Banho: 21X 11X 111 111X; RDP/Diafónico: 1X2 111 111 111X; Defesa de Espinho: X11 111 111 111X; Diário de Lisboa: X11 112 111 111X; Notícias de Évora: X11 111 111 111X; Notícias de Felgueiras: X11 111 111 111X; Jornal do Sul: X11 111 111 111X; Alvo Desportivo: 111 111 111 111X

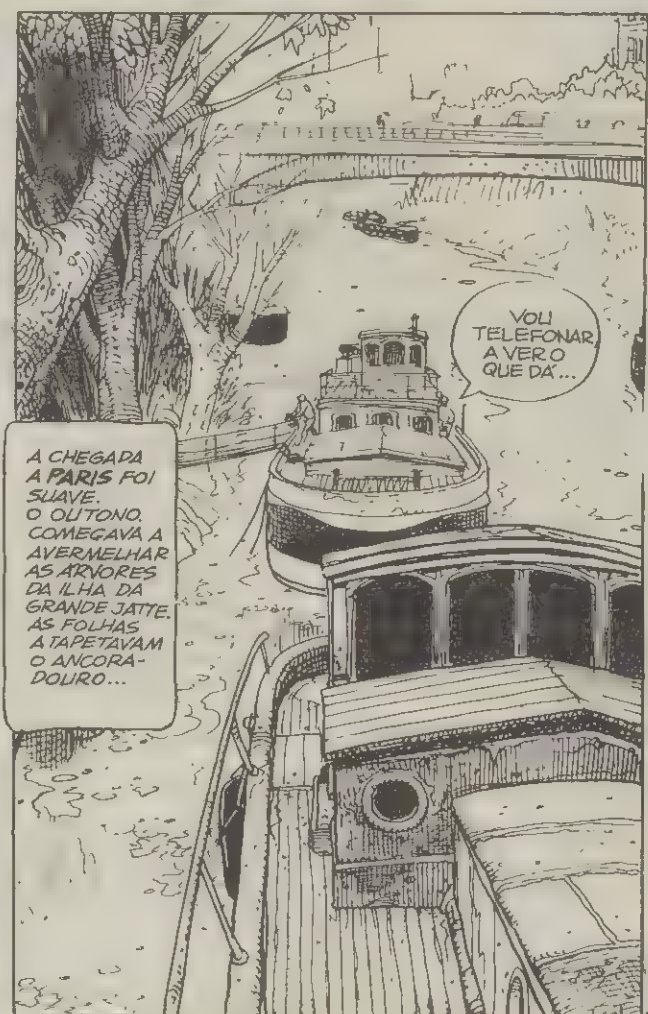
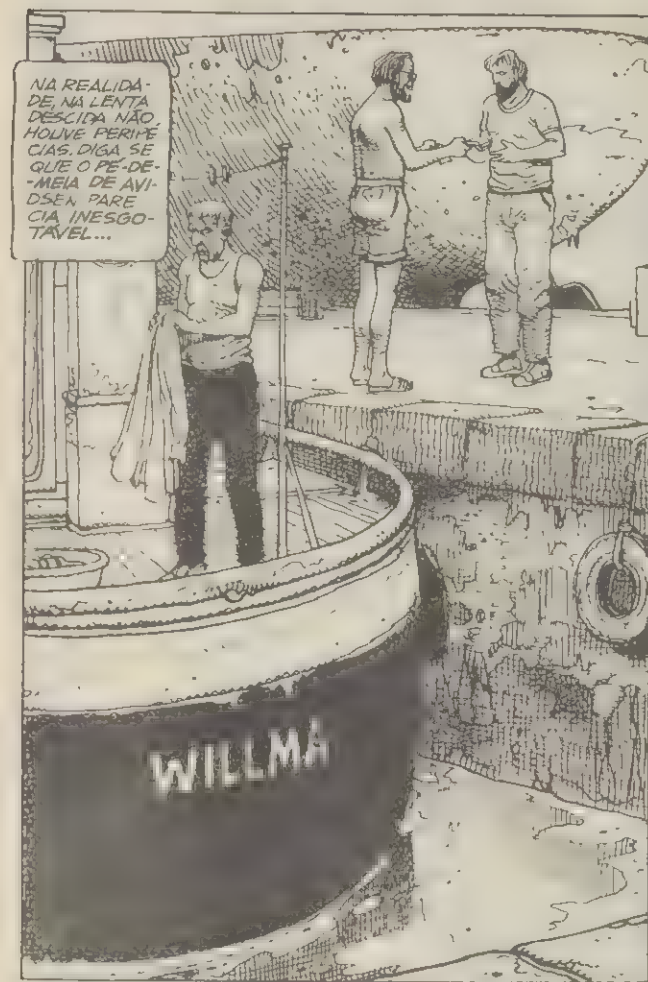
111 111 1111; O Comércio de Leixões: X11 211 112 112; Estúdio 64: 11X 12X 121 11X2; Jornal da Graça: X1X

ESCRITORES!
DESFILE APU
dia 23
encontro às 14 horas
Duque Palmela/Braancamp
A Comissão APU convida-vos

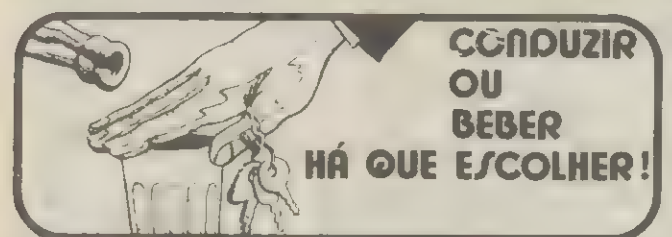
As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

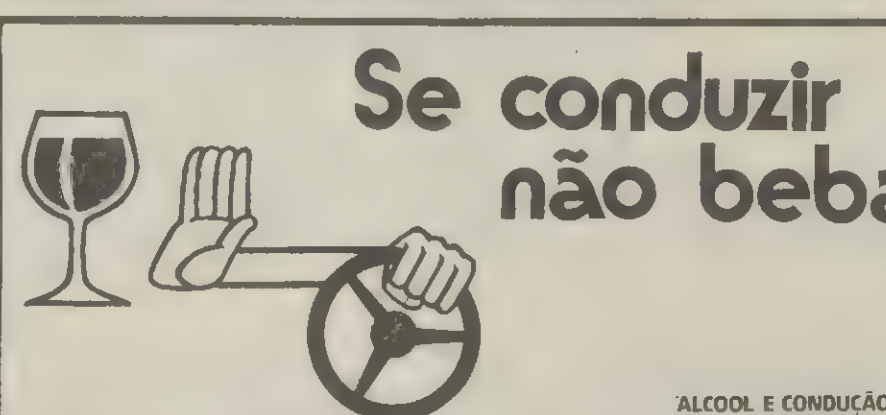
Texto: Pierre Christin



Copyright Dargaud/Menbence/DL



Em OLHÃO o Diário de Lisboa esta a venda no Quiosque da Praça Patrão Lopes



Three Mile Island pode ser reativado

O governo pode autorizar a reactivação de um dos dois reactores da central nuclear de Three Mile Island (Pensilvânia), sem ter que tomar em consideração as consequências psicológicas deste acto, decidiu o Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

Em 1979, a brusca subida de temperatura no coração de um reactor originou em Three Mile Island, o mais grave acidente ocorrido numa central nuclear, e houve que evacuar milhares de pessoas. O reactor número um da central nada sofreu.

Um grupo de cidadãos de Middletown, povoação próxima, tinha pedido à justiça que ordenasse um estudo para avaliar as consequências psicológicas do recomeço de funcionamento da central.

Depois de diversas decisões de justiça a seu favor, este grupo de cidadãos viu o seu pedido rejeitado pela mais alta instância judicial americana.

Crianças egípcias cobaias de laboratórios

Laboratórios farmacêuticos suíços experimentaram os efeitos cancerígenos de um pesticida em crianças egípcias, acusaram ontem a Associação para a Informação do Consumidor e a Sociedade Internacional de Associações para o Consumidor (IOCV).

Os laboratórios suíços admitiram que, em 1976, realizaram experiências em crianças egípcias para analisar os efeitos de um produto chamado Galecron, considerado cancerígeno, anunciaram aqueles organismos.

As crianças que serviram de cobaias foram posteriormente sujeitas a análises de urina para determinar o grau de perigosidade da substância.

A empresa suíça respondeu às acusações que lhe foram feitas, e que eram acompanhadas de provas irrefutáveis, alegando que se tratava de "crianças voluntárias" e manifestou o seu "profundo pesar" pela ocorrência.

Depois destas experiências, em 1976, o laboratório Ciba-Geigy decidiu interromper a venda de Galecron mas, em 1978, o produto reapareceu no mercado.

"Síndrome de Ondine" impede criança de dormir

Uma criança de Pavia, Itália, sofre de uma doença de origem desconhecida que a impede de respirar enquanto dorme — revelou o diário italiano "La Repubblica".

A doença, conhecida por "síndrome de Ondine", consiste numa insuficiência respiratória provocada pelo mau funcionamento do sistema metabólico que «vigia» a respiração durante o sono.

Nos últimos 30 anos, apenas foram registadas três dezenas de casos desta doença, que se julga ser provocada por um vírus.

A criança, Stefano Bedini, tem que dormir duas noites por semana numa clínica onde fica ligada a um pulmão artificial.

Quando dorme em casa, os pais vigiam-lhe o sono para lhe ministrarem oxigénio quando surge a asfixia.

Os médicos italianos fizeram numerosas tentativas para curar a criança, que, por várias vezes, esteve em riscos de vida, mas receberam desencadear alterações neuropsíquicas e cardiovasculares.

canal da mítica

MARIO CASTRIM

No entanto, o mundo rola...

Ontem o porto mais elevado da audiência esteve às duas horas da tarde, durante o jogo do Craiova-Benfica. Pode dizer-se que tal acontecimento dominou o panorama da Informação da TV. Mesmo depois do jogo terminado, as suas imagens acompanharam-nos durante todo o dia, chegando ao máximo de ocupar o miolo do Telegiornal. Os derradeiros ecos da actualidade nacional ainda lhe diziam respeito: mostravam cenas da multidão concentrada no aeroporto, com um adepto a dizer à reportagem da RTP: Para mim, o Benfica é o prazer maior da vida.

A concentração fora incentivada pelo repórter da TV em Craiova, quando anunciou a hora da chegada a Lisboa. Talvez neste momento já esteja arrependido, não sei. É sempre muito perigoso ignorar, ou esquecer, a força destes terríveis brinquedos que se chamam futebol e Televisão.

Pelos modos, os romenos também jogavam forte no embate. Assistimos a um frenesi a um excesso de entusiasmo a que não estamos habituados por parte dos países do Leste. Um simples

pormenor: enquanto o golo do Benfica foi repetido apenas duas vezes, os espectadores viram o golo do haiova doze vezes só no decorrer do jogo!

...E no entanto, o mundo rola. Rola com a frieza glacial que o Viana Baptista, herdeiro do espírito odioso de Ângelo Correia, dá conta, ele próprio, do despedimento de três maquinistas e ameaça com o despedimento de mais umas dezenas. Parou a suspeita de que se pretende chiar, desde já, um novo foco de insão, de perturbação, de descontentamento. A direita acha que ainda não lucrara o suficiente com uma grave situação equívoca...

Rola com a notícia que nos vem de Monção: o troço da estrada, tão útil à região nas suas ligações com a Espanha, ainda não está iniciado, ao contrário das promessas feitas por Pinto Balsemão quando ali esteve. Pois pois, promessas eleitorais, passada a campanha não se lembram mais...

Rola com o tempo de antena dedicado às eleições, ontem a

cargo do PS, do PSD e do CDS.

O primeiro contou com a presença do dr. Jaime Gama e do dr. Vítor Constâncio (mas lá no PS chamam-se mesmo doutores uns aos outros?) sem falar, é claro, no dr. Mário Soares que nos apareceu, mais uma vez, a ler. Que, como se sabe, não é o seu forte. Perde todo o folclore.

O PSD trouxe, hierático e marinho Mota Amaral Santo Antão dos Açores, depois Alberto João Jardim, truculento como sempre. Apareceu um susto quando apareceu Jorge Cobanco fuge que lá vem o «Calé Conosco!», mas não, era apenas para dizer que votava no PSD — e eu cismo nas estranhas razões que levam certos partidos a proclamar coisas que só fariam interesse em esconder. Quanto a Teresa Tarouca já agora podia aproveitar e cantar um fadinho. Profissão de fé, assim a seco, que gosto é que tem?

Depois de José Vitorino (ah quando ele escrever a sua peregrinação, que êxito não vai ter!) veio Mota Pinto sempre cadaveral, a dissertar sobre o «sucesso eleitoral».

Explicou que «sucesso eleitoral» haverá, se o PSD for o primeiro. Mas se não tiver a maioria absoluta (giríssimo, aquele se...) haverá que pôr a questão das alianças. Se a soma dos deputa-

dos do PSD e do CDS der maiona absoluta (queias!) privilegia a aliança com este partido. Se não «pugnará por uma mais dilatada convergência democrática» a mesma «convergência democrática» (PSD, PS, CDS...) que paralisou os propósitos totalitários do extinto MFA; que derrubou Vasco Gonçalves; que impôs a Revisão Constitucional e a Lei de Defesa Nacional, que baniu o Conselho da Revolução...

Certamente, Mota Pinto não se deu conta do prejuízo que causava ao PS lembrando assim, a toda a gente aquilo que às vezes muita gente esquece, ou seja, a participação de Mário Soares em certas estranhas combinações.

Quanto ao CDS, lá esteve com o sempre chato e comprido Morais Leitão e com Lucas Pires. Este pôs em evidência a coligação que se preparará entre o PS e o PSD: «A coligação do Partido Socialista com o PSD é o único modo de permitir o regresso do Partido Socialista ao poder».

Enfim, na sessão de ontem, alguma coisa ficou esclarecida quanto à provável atitude do PS, depois das eleições, muito embora, a respeito disso, este partido, ontem, nada tivesse acrescentado. Foi como se nos conhecessemos a personagem apenas pela sombra que ela projecta na parede. Pois, O Mundo rola...

54 58 55

TELEFONE HOJE, ADQUIRA OU COMPLETE A SUA ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA - VERBO, 20 VOLUMES/19 PRESTAÇÕES. DEPOIS DAS 21H30: 2435912 OU APARTADO 2938 1100 LISBOA CODEX

SEM FIADOR

VENHAM DIVERTIR-SE CONNOSCO...

A VIDA É UMA FESTA...!

(Tout Feu Tout Flamme)

...E É MESMO, NA COMPANHIA DO ESPANTOSO

Yves Montand

ISABELLE ADJANI-LAURENT HUTTON



na nova e inesquecível comédia do realizador que só faz êxitos JEAN-PAUL RAPPENEAU

Produção de PHILIPPE DUSSART-Musica MICHEL BERGER com a participação de ALAIN SOUCHON e JEAN-LUC BIDEAU

Mais uma selecção especial do

ESTREIA HOJE

400 minutos

Hoje



Na RTP-1 exhibe-se mais um episódio da telenovela «Origens»

Das 13.30 às 17.30 Cíclo Preparatório TV
18.17 Tempo dos Mais Novos
18.55 Autovisão
19.25 O Tempo
19.30 Telegiornal
20.30 Campanha Eleitoral - POUS, PDC e APU.
21.00 Telenovela - «Origens»
21.30 Notas & Notas
22.50 Golo Rei
23.10 Último Jornal



Interpretado por John Duttine e Charles Kay, a RTP-2 apresenta, esta noite, mais um episódio da série «Uma Vida, um Desafio»

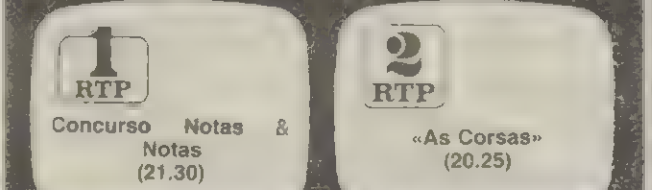
Amanhã



08.00 Bom Dia Portugal; 09.50 Desenhos Animados; 10.00 Gente e Ideias; 10.30 «Cronica da Vida no Campo»; 11.30 O Escritor e a Sociedade - Fernando Namora; 12.00 - Baía Comigo - 13.00 Jornal da Tarde; das 13.30 às 17.30 Cíclo Preparatório TV; 18.22 Tempo dos Mais Novos; 18.55 Tur 83; 19.25 O Tempo; 19.30 Telegiornal; 20.30 Campanha Eleitoral - PCTP/MRPP - CCMLP - PSD - PCTP - MRPP - PSR e LST; 21.00 - «Origens» - 21.30 Quenda Telegiornal; 22.00 Viva o Goro; 22.30 - A Vida de Hill Street; 23.20 Último Jornal

09.30 Teletexto; 14.47 TV/2 Notícias; 18.00 - Pelo Preço da Chuva - 19.30 Desenhos Animados; 20.00 Viagem Através do Homem; 20.30 Hoje Convidamos; 21.45 Imagem das Letras; 21.15 Jornal da Noite; 22.35 - «Cabo da»

GRUNDIG a segurança de um grande nome seleccionou para si...



Concurso Notas & Notas (21.30)

«As Corsas» (20.25)

Sugere para hoje

Ofeleia sente imensas dificuldades em gravar a sua parte na canção. Sara diz a Duarte que deixará Portugal no dia seguinte e que lhe dá plena poderes para resolver o assunto, mesmo com um mínimo de lucro. Júlia, entretanto, dirige-se também ao escritório de Duarte e pede para ser recebida. Cruza-se com Sara no escritório e anuncia-se como a tia de Sara Teles, Duarte, perturbado, recebe-a imediatamente. Filipe diz às amigas que vai tentar que Nando faça uma desintoxicação e que se for necessário denunciá-lo a Polícia. Elas chamam-lhe a atenção e perigo que correrá. Cassilda encontra-se com Francisco e propõe-lhe comprar o hotel por cinquenta mil contos. Emília vai ver se Julieta está bem e fica espavorado quando esta não lhe responde.

ASSISTENCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO Rua Bento Jesus Caração 17 - Cruz Quebrada - Telet. 2112871

rôteiro cultural

TEATRO

A estreia de «Dança de Roda», de Arthur Schnitzler, está prevista para amanhã, às 21.30 horas, no Teatro da Caixa Operária (Rua Voz do Operário, 64, junto ao Largo da Graça, em Lisboa). O espectáculo é encenado por Antonino Sommer, com música de António Vitorino de Almeida e representação dos actores Zita Duarte, João Lagarto e José Manuel Mendes. Os espectadores têm lugar de 4.ª a sábado, às 21.30, e aos domingos às 17 horas. Marcações pelos telefones 723666 e 682836. «Dança de Roda» é produzido pelo Contra-Regra-Centro de Actividades Culturais, dirigido por Eduarda Dionísio e Antonino Sommer.

O TELA - Teatro Experimental de Leiria apresenta a sua última criação, «Misteriosa Viagem», nos dias 22, 23 e 24 de Abril, em Lisboa, no Teatro do Nosso Tempo, à Praça José Fontana. Sexta e sábado os espectáculos serão às 21.45 e no domingo às 16 horas. «Misteriosa Viagem» tem texto e encenação de Carlos Fragairete, é interpretada por Celina Rebelo, Conceição Catarino, Constantino Alves, Dália Moreira e Rosália Ferreira.

«Rô-cô-cô faz o galo», criação colectiva do grupo de teatro Aueioma, estreia

Música

António Vitorino de Almeida vai estar hoje nas Caldas da Rainha, para um serão musical a realizar, às 21.30 horas, na Casa da Cultura.

O Programa 2 da RDP realiza amanhã, às 21.30, no Estúdio A do Quêlhas um recital de canto e piano em que participam Elsa Saque e Nella Maissa. A primeira parte será preenchida com música francesa de Fauré e Ravel e a segunda com cantores de autores portugueses: Lopes Graça, Luís de Freitas Branco e Artur Santos. Entrada livre.

A Juventude Musical Portuguesa organiza amanhã, às 18.30, no auditório do Instituto Alemão (Campo dos Mártires da Pátria) um concerto com os cantores líricos Elvira Ferreira e José Manuel Araújo, e o pianista João Pedro dos Santos. Do programa fazem parte obras de Bellini e Verdi.

A Sociedade de Língua Portuguesa vai ensaiar nova experiência: a música. Assim, um quarteto de cordas (2 violinos, 1 violoncelo e 1 viola), composto por jovens, dará um primeiro concerto no sábado, às 16.30. Entrada livre.



Zita Duarte e João Lagarto em «Dança de Roda» (foto de ensaio) com a estreia marcada para amanhã

Cinema

O ciclo «Encontro com o Cinema Português» prossegue hoje, às 18 horas, na Cinemateca, com a exibição de «Passagem ou a Meio Caminho» (1980), primeira experiência para o cinema, como realizador, do actor e encenador Jorge Silva Melo, que actualmente tem em montagem «Mais Dia, Menos Dia», o seu segundo filme de fundo.

O ciclo Fassbinder, que o ABC Cine-Clube de Lisboa tem estado a promover, encerra amanhã, às 18.30, na Sociedade Portuguesa de Autores, com a exibição de «Bolwiser», produzido em 1976 para a TV e nunca exibido comercialmente no nosso país.

Com a apresentação de «Nem Pássaro, nem Peixe», de Solveig Nordlung, e a «Lei da Terra-Antelope 76», do Grupo Zero, o A.R.CO prossegue hoje uma programação dedicada a filmes portugueses produzidos entre 1974 e 1982, iniciativa que conta com a colaboração da Distribuidora Filmmelms e do Instituto Português de Cinema. Para sexta e sábado, o A.R.CO programou o já referido «Passagem ou a Meio Caminho». Sessões às 21.45 horas.

O Ciclo Jorge Ivens prossegue na Cinemateca. Hoje, às 21.30, serão exibidos os

filmes «A Ponte» (1928), «Chuva» (1929) e «Mistral» (1965). Amanhã, às 18.30, «O Pequeno Circo» (1963), o público infantil num pequeno circo chileno; «O Comboio da Vitória» (1964); a campanha eleitoral de Allende para as presidenciais de 1964; «Notas de Viagem» (1961), a vida quotidiana em Cuba, depois da Revolução; «Povo Armado» (1961), preparação militar da população cubana para a defesa do regime revolucionário. Amanhã ainda, mas às 21.30, serão exibidos «O Céu, a Terra» (1965), a vida quotidiana no Vietname, Norte e Sul, e «Longe do Vietname» (1967), filme colectivo sobre as repercussões internacionais da guerra do Vietname, dirigido por Alain Resnais, Jean-Luc Godard, Joris Ivens, William Klein, Claude Lelouch e Agnes Varda.

Exposições

No Espaço TEC-Teatro Experimental de Cascais, situado na Av. Marechal Carmona, 6, vai realizar-se de 23 de Abril a 1 de Maio uma exposição-venda de gravura contemporânea portuguesa. A exposição é inaugurada no sábado, às 17 horas, seguindo-se um sessão de projecção de slides, intitulada «Lucas de Leyde, gravador do Séc. XVI».

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 603055 Centro Comercial de Alvalade SALA A As 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00 N. ac. men. 13 anos UMA COMEDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERAO	CINE 222 579460 Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha) As 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 18 a CAES DE PALHA As 24 ASHANTI 2.ª Semana	IMPÉRIO 555134/5 Al. Afonso Henriques, 35 As 15.15, 18.30 e 21.30 - N. ac. men. 18 a BRIGADA DO VICIO 2.ª Semana
SALA B As 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15 - N. ac. men. 13 anos VICTOR VICTORIA	CITY CINE 49999 R. Tomás Ribeiro, 34 As 14.30, 16.45, 19.00 - N. ac. men. 13 a O GENDARME E AS GENDARMETAS As 21.30 A PASSAGEM	LONDRES 801313 Av. de Roma, 7-A As 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a O VEREDICTO 8.ª Semana
ALVALADE 897480 Av. de Roma As 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 18 a FANNY HILL, A SUECA ENDIABRADA	CINE BLOCO 556824 Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 SEM SOMBRA DE PECADO - N. ac. men. 13 a 13.ª Semana	POLITEAMA 326716 R. Portas S. Antão, 109 As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a O XERIFE INDOMAVEL As 21.30 FORÇA DE INTERVENÇÃO, ANTIDROGA
APOLO 763319 Av. Julio Dinis, 10-A As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 DO FUNDO DO CORAÇÃO - N. ac. men. 13 anos 4.ª Semana	CINE CAMÕES 324194 Rua do Loreto, 15 As 14.15, 16.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a OS QUATRO CAVALHEIROS DE KUNG-FU	MONTECARLO 681117 Av. Pedro Álvares Cabral, 37 As 14.15, 16.30, 21.30 - N. ac. men. 13 a OS REPETENTES EM FERIAS As 19.15 e 24 O HOMEM CERCADO
AVIS 547163 Av. Duque de Ávila, 45 As 15.30, 18.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a BONGO MAN	CONDES 322523 Av. da Liberdade, 2 As 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a BRIGADA DO VICIO	MONUMENTAL 555131 P. Duque de Saldanha As 21 - N. ac. men. 13 a DOUTOR JIVAGO As 15.15, 18.15 - 18 a A FURIA DO HEROI
BERNA 776098 Av. Marquês de Tomar As 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a E. T., O EXTRATERRESTRE 18.ª Semana	EDEN 320768 P. dos Restauradores, 21 As 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a ATLÁ	NIMAS 574362 Av. 5 de Outubro, 42-B As 14, 16.15, 18.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a O REGRESSO DO ESPÍO
CALEIDOSCÓPIO 795093 Campo Grande As 14, 16.30, 19 e 21.30 - Para Todos O GRANDE RESTAURANTE	ESTÚDIO 555134 Alm. Afonso Henriques, 35 As 15, 17, 19 - N. ac. men. 13 anos O MISTÉRIO DA ILHA DOS MONSTROS As 21.30 FUGA PARA A FELICIDADE	ODEON 328283/4 R. Condes, 12 e 20 As 15.15, 18.15 e 21.30 - N. ac. men. 13 a A CASA DO CEMITERIO 2.ª Semana
CASTIL 530194 Rua Castilho As 15.30, 18.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA 5.ª Semana	ESTÚDIO 444 779095 Av. Defensores de Chaves, 83-B As 15, 17, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a UMA SEMANA DE FERIAS 2.ª Semana	PATHE 821933 R. Francisco Sanches, 122 As 14, 17 e 21.30 - N. ac. men. 13 a BOBBY 2.ª Semana

outros cinemas

Lisboa ALFA-1 - «E. T. O Extraterrestre» - às 21.30 (13 anos) ALFA-2 - «Os Salteadores da Arca Perdida» - às 21.30 (13 anos) CINE-ESTUDIO ACS - «Fuga para Atenas» - às 21.30 (13 anos) MUNDIAL - «E. T. O Extraterrestre» - às 21.30 (13 anos) QUINTETO - «O Pulco e a Vida» - às 21.30 (13 anos) OLIMPIA - «O Purificador Sexual» - sessões permanentes (18 anos) CAPITULO - «Orgia Fantástica» - às 21.30 e 23.00 (18 anos) ZODIACO - «Butch Cassidy e Kid» - às 21.30 (18 anos) 2000 - «Quarto da Manhã» - às 21.30 (13 anos) RESTELO - «Decameron n.º 3» - às 21.30 (18 anos) ROYAL - «O Império dos Sentidos» - às 21.30 (18 anos) PROMOTORA - «O Invenível» - às 21.30 (18 anos) CINEMATICA NACIONAL - «A Ponte» - às 21.30 (13 anos)	Linha de Cascais ALGES - Stadium - «Querida Esposa» - às 21.30 (18 anos) PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «A Noite dos Mil Ochos» - às 21.15 (18 anos) SEIRAS - Odeon-Cine - «A Mulher do Lado» - às 21.15 (18 anos) PARADE - Royal-Cine - «Uma Razão para Viver» - às 21.30 (13 anos) SAO JOAO DO ESTORIL - Cinelândia - «Freitas de St. Angel» - às 21.15 (18 anos) ESTORIL - Palácio - «A Rainha Africana» - às 21.30 (13 anos) CASCAIS - Oxford - «Os 5 Magníficos» - às 21.30 (18 anos) CASCAIS - Impels - «Yol» - às 21.30 (13 anos)	Porto VALE FORMOSO - «A Pele de um Malandro» - às 21.30 (18 anos) LUMIERE-A - «Sem Sombra de Pecado» - às 21.30 (18 anos) LUMIERE-L - «A Tempestade» - às 21.45 (13 anos) BEBE - «Amor Impossível» - às 21.45 (18 anos) FOCO - «Romance em Nova Iorque» - às 21.30 (13 anos) PEDRO CIMA - «A Diva e os Gangsters» - às 21.30 (13 anos) CHARLOT - «Fuga para a Felicidade» - às 21.30 (18 anos) JULIO DINIS - «A Vingança dos Bárbaros» - às 21.30 (18 anos) OLIMPIA - «As Noites Quentes de Caligula» - às 21.30 (18 anos) CASCAIS - Oxford - «Os 5 Magníficos» - às 21.30 (18 anos) CASCAIS - Impels - «Yol» - às 21.30 (13 anos)	Outra banda ALMADA - Inconvul - «Os Miseráveis» - às 21.15 (13 anos) ALMADA - Académia - «Caçada de Duros» - às 21.15 (13 anos)
--	--	--	--



Uma cena do filme «A cidade branca». Realizado por Alain Tanner. Em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378 R. Flores de Lima, 16 SALA 1 As 14, 16, 18, 20 e 22 ANGUSTIA DE VIVER POR FAVOR NAO MEXAM NAS VELHINHAS SALA 2 As 14, 16, 18, 20 e 21.15 PERIGO IMINENTE A RODA DA FORTUNA SALA 3 As 14, 16, 18, 20 e 22 CONTOS DA LOUCURA NORMAL As 24 A GOLPADA SALA 4 As 14.30, 16.45, 19 HOUSTON TEXAS As 21.15 CIDADE BRANCA	S. JORGE 579144-579344 Av. da Liberdade, 175 S. JORGE SALA 1 As 14.45, 17.30 e 21.15 - N. ac. men. 13 a 4.ª Semana S. JORGE SALA 2 As 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a VICTOR VICTORIA 11.ª Semana S. JORGE SALA 3 As 14.15, 16.15, 18.30 e 21.45 - N. ac. men. 13 a NA CALADA DA NOITE 15.ª Semana	STAR 804210 Av. Guerra Junqueiro, 14-C As 15, 18.15 - N. ac. men. 13 a OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS As 21.30 - N. ac. men. 13 a A VIDA E UMA FESTA... TERMINAL 371573 Estação do Rossio As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 - N. ac. men. 13 a TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA 2.ª Semana TIVOLI 570595 Av. da Liberdade, 188 As 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a O GRANDE ZORRO VOX 880808 Av. Fr. Miguel Conreiros, Lote 879 As 21.30 - N. ac. men. 13 a OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS As 14, 16.30 e 18 - M. 5 e O GENDARME E AS GENDARMETAS XENON 368480 Av. da Liberdade, 9 As 21.30 - N. ac. men. 13 a UNS E, OS OUTROS As 14, 16.30 e 19 - N. ac. men. 13 a OS DOIS FUGITIVOS
---	---	--

farmácias

Lisboa PERMANENTE ALCANTARA: Nogueira, R. Alcantara, 5-A-B (T. 637563); CAMPO PEQUENO - AVENIDA DA REPUBLICA: Alcântara, R. República, 74-A (T. 771378); BAIRRO ALTO: Pinheiro, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); CAMPO DE OURIQUE: Port. Ito, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); CHILE: Bastos, R. Moraes Soares, 91-D (T. 644350); CONDE REDONDO: Salas, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); 11-A (T. 311219); LUMIAR: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); PRAÇA DE LONDRES: Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 688680); SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa, E. de Benfca, 429-431 (T. 780027); SÃO SEBASTIAO: São Sebastião, L. São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALDANHA: Carreira, Av. Duque d'Alva, 32-C (T. 543480); PONTINHA: Pimental, Z. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 771873); RIO SECO: Blotter, R. C. (T. 548842); ALGÉS: Dias & Saraiva, R. Major Afonso Pires, 19 (T. 2240078); PERMANENTE: Mirandela, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034); JOÃO DE DEUS, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SALD



DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

O TEMPO
MARES DE HOJE

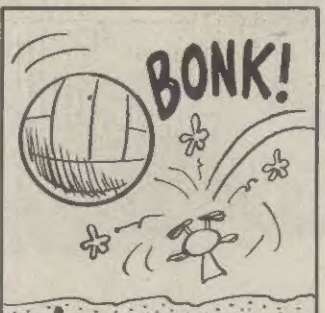
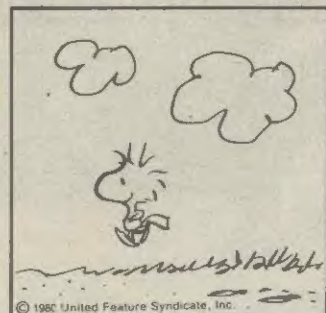
PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.06 3,2 m	4.25 1,5 m
23.33 3,5 m	16.53 1,7 m
Dia 22	
12.26 3,4 m	5.51 1,4 m
24.47 3,7 m	18.13 1,5 m

TEMPERATURAS DO AR
AS 9 HORAS DE HOJE

VIANA DO CASTELO	11.º
BRAGANÇA	4.º
VILA REAL	7.º
PORTO	9.º
PENHAS DOURADAS	0.º
COIMBRA	9.º
CABO CARVOEIRO	13.º
PORTALEGRE	6.º
LISBOA	14.º
ÉVORA	9.º
BEJA	11.º
SAGRES	14.º
FARO	15.º

tempo

PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ, DIA 21
Céu geralmente muito nublado,
vento moderado do Quadrante Oeste;
aguardar.



últimas

Anuladas credenciais ao delegado da ANOP em Moçambique

A República Popular de Moçambique anulou as credenciais do delegado da ANOP em Maputo, Xavier de Figueiredo.

De momento, não foram dadas oficialmente explicações para tal medida.

A título particular, uma fonte do Ministério da Informação declarou à ANOP que a atitude tomada em relação a aquele jornalista em nada deveria afectar as boas relações entre Maputo e Lisboa ou entre a ANOP e a Agência de Informação de Moçambique (AIM).

O ofício recebido por Xavier de Figueiredo, a comunicar-lhe o cancelamento das credenciais, não estabelece qualquer prazo para que venha a deixar Moçambique.

Em Lisboa, na sede da ANOP, foi-nos dito que ainda hoje esperavam declarações mais completas procedentes de Maputo.

Segundo a Direcção de Informação da agência, «ignoramos-se, de imediato, as razões» que levaram à anulação das credenciais de que era portador Xavier de Figueiredo.

A POLÍCIA SUL-AFRICANA confirmou hoje a correspondentes estrangeiros a morte de Orlando Cristina, dirigente da Resistência Nacional Moçambicana. Cristina foi abatido, domingo, com arma de fogo, em Pretória — disse a Polícia. Também nos Estados Unidos, outro dos dirigentes do movimento de resistência, Artur Vilanculos, confirmou à imprensa a morte de Orlando Cristina, embora inicialmente dizendo que não tinha pormenores sobre a mesma.

Pedidos 6 anos para Khron

Continuação da pág. 1

pelos seus actos». Antes de ser forçado a entrar na sala do Tribunal, conforme o referido pelo nosso enviado a Vila Nova de Ourém, Fernandez Khron conseguiu ainda ler uma parte da declaração que trazia escrita.

Nela, o homem que tentou matar o Papa, em Fátima, proclamava a «incompetência radical deste Tribunal e da justiça portuguesa» para o julgar como criminoso devido ao seu «gesto ritual em Fátima». Khron foi impedido de continuar a ler a declaração, no momento em que se referia aos «crimes da descolonização portuguesa, que entregou territórios portugueses a criminosos totalitários».

Fernandez Khron declarou, entretanto, ao jornal espanhol «El País», que «mais do que tentar assassinar o Papa, pretendo deixar-se matar aos pés do Papa, numa espécie de auto-imolação».

Erupção do Etna destrói “por vingança” construções ilegais

A vingança do Etna consoa-se lentamente, porque o vulcão, «esse Deus desconhecido e terrível», não perdona e desde há 20 dias vem castigando sem piedade com os seus dedos de fogo.

A erupção tem a forma de uma mão: a palma é a cratera e os dedos marcam direcções que os rios de lava tomam no seu trajecto de destruição.

A uma altura de 1800 metros, na encosta meridional, restaurantes e refúgios foram pasto das chamas, mas também as casas de férias de centenas de habitantes de Catania, a cidade siciliana mais próxima do vulcão, as quais estão a ser «vingadas» pelo Etna porque foram construídas ilegalmente sem a autorização das comunas.

As centrais telefónicas da periferia da polícia, do quartel dos

carabineiros, e os bombeiros, vêm-se bombardeados por dezenas de chamadas simultâneas pedindo informações sobre o caminho da lava que avança a uma média de cinco metros por minuto.

A rádio local, nos seus noticiários, dá informações acerca das casas que foram destruídas pelo vulcão e que tinham sido construídas clandestinamente nos últimos cinco anos.

Urbanização clandestina

Em torno do Etna existem 18 comunas, mas como assinalou o jornal comunista «L'Unità», a construção desenvolveu-se na mais completa ilegalidade, isto é, sem intervenção directa das municipalidades.

Desde que começou a erup-

ção, há já vinte dias, a lava desceu quase dois quilómetros e neste momento encontra-se a seis quilómetros de Nicolosi, a localidade mais próxima que conta com 4400 habitantes no inverno e mais de 25 mil durante o Verão.

Os veraneantes construíram as suas casas de férias em cima da «capa» de basalto, com jardins, galerias e garagens. O vulcão acabou com uma economia baseada na afluência turística quase contínua, comentou o delegado da zona do Partido Comunista, Walter Rizzo.

Segundo Rizzo, 200 pessoas que trabalhavam em restaurantes próximos do Etna ficaram desempregadas, incluindo igualmente os operadores de teleférico, cujas estruturas foram também destruídas. Além disso, prosseguiu o delegado do PCI,

dezenas e dezenas de estabelecimentos comerciais tiveram que fechar por falta de clientes.

Mas o Etna atingiu com maior gravidade: a 1800 metros, onde certos especuladores não pensavam que chegasse, também o vulcão esteve presente com o seu castigo de fogo, destruindo terrenos comprados a menos de cinco centavos de dólar por metro quadrado, prontos para a construção.

Na localidade de Nicolosi, Turi Tarse, conselheiro comunal comunista, deu outros detalhes sobre a vingança do Etna: nas grutas do monte Rosi, sem se ter dado qualquer autorização, extraía-se areia finíssima para a construção à razão de cinco dólares o metro cúbico.

Era uma exploração abusiva que atingiu um valor superior a

quatro milhões de dólares em quatro anos, adiantou.

De acordo com as denúncias do PCI, os senhores da areia, como eram chamados, mobilizaram grupos mafiosos da Catania para que abafassem o escândalo na zona de exploração, incluindo a Guardia Forestal.

Segundo a municipalidade de Catania, foram detectadas mais de 182 construções ilegais na zona que agora está a ser directamente ameaçada pelo Etna.

Caminhos municipais construídos por 10 milhões de dólares também foram destruídos e ameaçam ficar cortados.

A junta comunal de Catania fez, por isso saber, que a vingança do Etna é oportuna para pôr fim ao abuso de certas explorações ilegais, como as dos senhores da areia.

Edoardo da Forno — IPS/«DL»

Onde pára a dioxina de Seveso?

O Gabinete Europeu da União dos Consumidores (BEUC) decretou um boicote à multinacional suíça Hoffmann-La Roche, até que esta revele o paradeiro dos resíduos de dioxina resultantes da catástrofe ocorrida há sete anos em Seveso, na Itália.

Esse boicote será hoje reforçado pelo apoio do Comité Italiano de Defesa dos Consumidores, se um pedido de esclarecimento desta instituição no mesmo sentido, não for satisfeito até ao fim do dia de hoje pela empresa suíça.

A Hoffmann-La Roche, recorda-se, é acusada pelo BEUC e numerosas associações ecologistas internacionais, de ter transportado de Itália para França e ocultado em local desconhecido os resíduos tóxicos, violando os direitos fundamentais dos consumidores e as normas sobre protecção do meio ambiente.

O ministro italiano de Protecção Civil, Loris Fortuna, anunciou entretanto que se encontrará hoje oficialmente com os representantes de fábrica «Icimesa», de Seveso, responsável pela fuga de dioxina, e da empresa «Mannesmann», que transportou e depositou o veneno em lugar secreto.

O objectivo da reunião é apurar o que estas empresas sabem sobre a dioxina, em cumprimento da promessa do Governo italiano de que esclareceria o caso.

Nova pista?

Entretanto, um semáforo parisiense apresentava ontem uma nova pista sobre o paradeiro dos resíduos de dioxina, veneno dez mil vezes mais tóxico que o cianeto.

O semáforo, «Le Canard Enchaîné», reproduz um registo da alifândega italiana de 10 de Setembro de 1982, data em que o

carregamento dos resíduos atravessou a fronteira francesa.

No registo, a localidade de Port de Bouc, perto de Marselha, em França, é apontada como o lugar de destino dos 41 bidões de veneno. O jornal, com base nesse facto, levanta duas hipóteses: ou o responsável pelo transporte Bernard Paringaux, encarregou neste porto uma firma especializada de lançar os resíduos no Mediterrâneo ou no Atlântico, ou um contratempo obrigou Paringaux a enviar a carga para Saint Quentin, Norte da França, o que explicaria as formalidades alfandegárias ali realizadas.

O semáforo pergunta ainda se não se trata de um subterfúgio para confundir possíveis investigações. O facto dos resíduos terem passado por Port de Bouc aumenta o leque de pessoas informadas do transporte e destino dos resíduos tóxicos.

Bernard Paringaux, o único incriminado no processo que decorre em Saint Quentin, afirmou num interrogatório judicial: «Não me deixam falar, ali existem documentos verdadeiros», frase que, para «Le Canard En-

chaîné», permite toda a espécie de suposições. Fontes judiciais informaram que o juiz encarregado do caso poderá citar os responsáveis pela firma Hoffmann-La Roche, proprietária da fábrica de Seveso.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO - 23 360 - 48 000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 45 780 - 9 000 CONTOS
3.º PRÉMIO - 37 806 - 3 000 CONTOS

Todos os 3 prémios grandes foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, nos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

23.359 - 455.400.800
23.361 - 455.400.800

PRÉMIOS DE 100.000 CONTOS

117; 1.853; 2.118; 4.694; 6.304; 6.398; 6.680; 10.032; 10.153; 10.500; 11.514; 13.047; 16.765; 17.015; 20.351; 20.609; 20.660; 27.741; 31.051; 32.009; 35.907; 36.781; 37.031; 38.658; 40.701; 44.153; 47.743; 49.754; 51.710; 52.682; 53.452; 53.809; 54.267; 54.909; 57.181; 59.806; 70.210; 73.907; 76.487; 74.589; 75.009 e 77.740.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

24.000.000 - 043; 115; 345; 489; 639; 673; 746; 799 e 974
30.000.000 - 980; 720 e 698
6.000.000 - 38 e 88
3.600.000 - 0 (terminação)

PRÉMIOS DE 2.000.000 (CENTENAS)

23.201 a 23.400; 37.801 a 37.900 e 45.701 a 45.800
--

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 21/10/83

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPÕS A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Suplemento literário

Dois poemas quase desconhecidos da juvenília de Carlos de Oliveira

Luís de Miranda Rocha

Os dois poemas de Carlos de Oliveira de que aqui se trata foram publicados em 1938 num pequeno opusculo ou libretto titulado *Canções da Revista «Febres ao Leu»*. Na capa vêm duas indicações. Numa delas diz-se «que João Alegre escreveu e mais musicaram» (as canções). Da outra consta que (o espectáculo, subentendido) foi «apresentado pelo Febres Sport Club por intermédio do seu grupo dramático «Os Girassóis»». (Na capa vem ainda o desenho dum girassol assinado pela inicial C. e datado de 1937. É possível que o desenho tenha sido feito pelo próprio Carlos de Oliveira. Na contracapa vem a indicação de que o opusculo ou libretto foi feito na Tip. Central de Cantanhede. Quando? Não consta. Mas terá sido no ano de 1938, já que foi nesse ano que o espectáculo de «Os Girassóis» se realizou. (1)

O opusculo, ou libretto, de formato 9,5 X 15,5 aproximadamente, tem, além da capa, 16 páginas. Em cada uma das 16 páginas, há exposição da primeira e da última, vem uma composição em verso, de João Alegre, com indicação do autor que fez a música. Trata-se, tal como no caso de João Alegre, de nomes os mais deles desconhecidos, certamente, pelo menos fora do meio local: dr. Raposo Marques, Joaquim Saro Negro, dr. José Pratas, Cesário Magliano, Tavares Perácio, Raul Ferrão. Destes, somente talvez Raul Ferrão será

hoje nome não de todo caído no esquecimento. E numa das composições vem o nome de Fernanda Pereira como «voz».

Na série das 16 composições, os poemas de Carlos de Oliveira são o primeiro e o último. Na ausência de qualquer indicação, supõe-se que não chegaram a «entrar» no espectáculo.

Tanto Balada como o soneto Febres trazem indicação de lugar e data: «Febres, Natal de 1937». Carlos de Oliveira nasceu em 10 de Agosto de 1921. Os poemas foram escritos, portanto, quando o autor tinha pouco mais de 16 anos de idade (3), e residia então em Coimbra, vindo a Febres por altura de férias e de vez em quando. (4) Os poemas terão sido certamente escritos — ou acabados de escrever — nas férias de Natal desse ano. E já não são o que é costume designar-se por estreia literária do autor, visto que, durante o ano de 1937, ele tinha publicado avulsamente no jornal estudantil do Liceu D. João III, *Alvorada* (5), e, mais, entrara em livro colectivo *Cabeças de Barro* juntamente com Artur Varela e Fernando Namora.

Não temos ao nosso alcance ver o referido jornal, nem o livro. Servimo-nos pois dum súmula da bibliografia recentemente publicada pela revista *Vértice*. Ali se diz que Carlos de Oliveira colaborou no *Alvorada*, que se publicou entre 1935 e 1938. No livro, a sua participação fez-se através de três contos e um poema. Ainda no ano de 1937 (em Março) colaborara Carlos de Oliveira

Balada

Moçilas frescas, sadias,
Almas cantando alegrias
Corpos morenos, da luz
Sóis os poemas vibrantes
Das terras fartas, pujantes,
Destas aldeias que seduz!

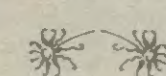
Vossas vozes, raparigas,
Gorgeiam ternas cantigas
— as cantares da nossa aldeia —
ao romper das madrugadas
ou nas ledas desfolhadas,
em noites de lua cheia!

São-moças! — tão portuguesas
Voss'alma, vossas belezas,
vosso amor e vossas penas,
que às vezes, sinto desejos
de macular com mil beijos
as vossas faces morenas!

Cachopas cantai, cantai!
Vossa voz morre num ai
Dentro do meu coração!
E esta boca tão impura
Pobre dela! — só murmura
Uma tímida oração!

Febres, Natal de 1937.

CARLOS DE OLIVEIRA



Febres

amplos adormecem, sonolentos,
de morte em êxtase, também,
coricim duns fulgores sangrentos
— sol derrama, a naufragar, além...

Inda a soar, em mil lamentos,
encio sem par da terra rica!
do bronzeo que se perde aos ventos,
a nossa alma eternamente fica!

lentamente os pinheirais...
encio a grmer em ternos ais
poesia desta minha aldeia!

o ao ombro passa um cavador
soltou a minha eterna dor:
me dera comer da tua ceia!

Feb. de 1937.

CARLOS DE OLIVEIRA



São-moças! — tão portuguesas
Voss'alma, vossas belezas,
vosso amor e vossas penas,
Que às vezes sinto desejos
De macular com mil beijos
As vossas faces morenas!

Cachopas cantai, cantai!
Vossa voz morre num ai
Dentro do meu coração!
E esta boca tão impura
Pobre dela! — só murmura
Uma tímida oração! (a)

É uma sequência de quatro estrofes, de sextilha, em heptassílabos, cada estrofe rimando o verso 1 com o verso 2, o verso 3 com o 6, e o 4 com o 5, num procedimento de patente correcção clássica.

Mas esta correcção, obviamente, nem de longe faz com que o poema se proponha com algum motivo de interesse poético ou estético. Uma percepção do corpus verbal oferece logo às primeiras ocorrências uma impressão desanimadora. Um substantivo como «moçilas» e adjectivos como «frescas, sadias» aparecem-nos inevitavelmente conotados com uma visão rural, otocentista e algo arcaizante do mundo — que, por certo, e pelo menos, nos deixa indiferente. E esta impressão reforça-se negativamente na flexão da terceira estrofe: «Moças! — tão portuguesas». Também um vocábulo como, «cachopas» — muito usado ainda hoje no falar corrente dos meios rurais portugueses, sobretudo do Norte, e do Centro, e designadamente da Gândara — não desanuviava tal impressão, longe disso. Compreende-se facilmente que Carlos de Oliveira tenha excluído «Balada do livro Turismo» que viria a publicar cerca de quatro anos depois.

Outro tanto não diríamos do soneto Febres:

Os campos adormecem, sonolentos,
a tarde morre em êxtase, também,
sob a coria duns fulgores sangrentos
que o sol derrama, a naufragar, além...

Trindades a soar, em mil lamentos,
no silêncio sem par da terra rica!
— Gemido bronzado que se perde aos ventos,
que em nossa alma eternamente fica!

Abanam lentamente os pinheirais...
É a brisa a gemer em ternos ais
toda a poesia desta minha aldeia!

Enxada ao ombro passa um cavador
e eu desabafo a minha eterna dor:
— Quem me dera comer da tua ceia!

Continua na pág. 2

Ler Sartre finalmente

Michel Contat

«**E**NTRA-SE num morto como num molinho», escrevia Sartre no início da sua biografia de Flaubert: «O essencial é partir de um problema». O problema que Sartre põe, sem dúvida, aos jovens de hoje, é a política. Não a de um político ou de um cidadão: a de um escritor. Ninguém ligaria tanta importância às opiniões políticas de Sartre, tão severamente depreciadas depois da sua morte — os famosos erros contados no seu passivo, se não fossem transportadas por uma obra, se Sartre não fosse o autor de *la Nausee*, de *l'Être et le néant*, de *Saint Genet, l'Idiot de la famille*.

Dever-se-á dissociar os empenhamentos e os livros, quando o homem que lhes vivia a unidade já não está entre nós para a manifestar? O Sartre artista deve ser relegado para a sombra do Sartre político? É o que afirmam muitos daqueles que já não se reconhecem nas posições que tinham tomado na sequência do tempo da guerra fria — «**todo o anti-comunista é um cão**» — depois das lutas anticoloniais «**abater um europeu é suprimir ao mesmo tempo um opressor e um oprimido: restam um homem morto e um homem livre**» — e do após-Maio de 68 — «**elections, piège à cons**», — fórmulas cujo excesso nos parece hoje lamentável e decerto antiquado.

Seria, no entanto, desconhecer o que motiva tanto os livros como os empenhamentos: a busca de uma moral. Sartre criador

— o filósofo, o romancista, o dramaturgo, o autobiógrafo — não é concebível, é rigorosamente ininteligível, sem a exigência ética que o anima e que consiste em fundar para si próprio e para os outros o exercício, a prática da liberdade, isto é, a humanização da espécie. Esta procura, quando é pensada, problematizada e não somente vivida na confusão e na dor, constitui o intelectual. Ela é a nossa tarefa infinita.

Sartre não quis publicar em vida as notas que escreveu entre 1947-1948, tendo como objectivo o trabalho sobre a moral que o *l'Être et le Néant* prometia.

Neste trabalho inacabado, dois cadernos pareciam agora tão inigmáticos como ele o desejou, porque a moral autêntica é uma angustiante interrogação gravada na carne do mundo, e não uma série de prescrições abstractas.

Paralelamente também são publicados os *Cartas de la drôle de guerre*, que nos mostram Sartre em 1939-1940, na grande viragem da sua vida, procurando formular a sua moral e vivê-la no seio de uma realidade nova, a da guerra, que lhe abre os olhos para a socialidade e a historicidade. O Sartre político do após guerra surgirá do facto de o seu papel de escritor em contacto com os seus camaradas, ter sido posto em causa. O escolhido da sua moral da autenticidade está com efeito em só valer para aquele que exerce a sua liberdade através da escrita, na criação, isto é, no imaginário. A política, concebida como empenhamento moral será para ele o terreno onde encontrar-se com

os que não escrevem e têm que ver com o real esse real tão desejado pela criança imaginária que fizeram de Sartre e que ele nunca deixou de ser, embora o contestasse.

Jovens leitores que só têm de Sartre alguns conhecimentos escolares talvez vão abordá-lo, através desses inéditos ou das cartas a Simone de Beauvoir, que estão a ser publicadas pelos *Temps Modernes* e que em breve aparecerão no volume *Correspondence*. Estas cartas bastam para ganhar a simpatia dos que mais desconfiam de Sartre. Mas aqueles que não têm nada contra ele e que desejam penetrar na sua obra profusa, enredada, cheia de contradições fecundas, gostaríamos de dar um conselho: o de começar pelo princípio, quer seja pela obra fundadora, *la Nausee* em que se prende todo o problema do imaginário como que fugido à repugnante contingência do real, quer seja pelo fim, *l'Idiot de la famille*, a obra-prima em que se ligam todos os livros anteriores (e que, treze anos depois da sua publicação surge agora em formato de bolso).

Neste imenso e lógico ajuste de contas com Flaubert, o grande escritor do século precedente a quem Sartre censura a sua escolha do imaginário e a sua religião do nada, o escritor que mais iluminou o nosso século revela a sua própria força nocturna, a sua loucura de poeta consagrado a contestar politicamente as ambiguidades da escrita: três mil páginas descabeladas, que nos dizem que escrever resulta da impossibilidade de viver segundo a



Sartre

moral. Se os homens pudessem amar-se, não imaginariam, diz-nos este livro genial e monstruoso.

Esquecer Sartre por causa da política? Não, lê-lo finalmente fora das polémicas simplificadoras. É esta a possibilidade que se deseja à nova geração que

vai viver por sua conta os conflitos morais, políticos, estéticos que as luzes acesas por Sartre talvez permitam pesar melhor; se necessário contra ele. Para que mais serve este louco, um grande escritor?

(1) Col. «Tel», Gallimard.

GABRIEL GARCIA MARQUEZ

A O cumprir-se um ano de guerra das Malvinas, o escritor colombiano Gabriel García Márquez denunciou diversos acontecimentos insólitos e aberrantes que ocorreram de «histórias terríveis» daquele sangrento conflito que opôs a Argentina à Grã-Bretanha.

Desde violações de prisioneiros argentinos à ferocidade dos batallhões de «gurkhas» nepaleses, passando pela aplicação de drogas aos jovens recrutas argentinos se à castração de cerca de uma centena destes em consequência dos congelamentos dos seus testículos, eis alguns dos assinalados pelo Prémio Nobel da Literatura 1982 num artigo publicado pelo semanário mexicano «Proceso».

Entre outros episódios de que afirma haver tido conhecimento através de cartas e testemunhos de sobreviventes argentinos, García Márquez conta o caso de um soldado de 19 anos que, no final do conflito, telefonou para a sua mãe para lhe pedir se podia levar para casa um companheiro seu que havia perdido um braço, uma perna e que estava cego.

A mãe, ainda que radiante pelo regresso do filho, recusou-se a receber o companheiro de que lhe falava o filho. Posto isto, «o filho desligou então o telefone e suicidou-se com um tiro: o suposto companheiro era ele próprio» — conta García Márquez no seu artigo.

«Sabe-se agora — indica o escritor — que muitos recrutas de 19 anos que foram enviados contra a sua vontade e sem qualquer espécie de treino para fazer frente aos veteranos profissionais ingleses nas Malvinas, calçavam sapatinhas de ténis e iam muito pouco resguardados contra o frio, que em certas alturas chegou a atingir os 30 graus negativos.»

Escreve García Márquez:

«A muitos deles houve necessidade de lhes arrancar a pele gangrenada juntamente com os sapatos e 32 outros tiveram que ser castrados devido ao congelamento dos testículos, depois de haverem sido obrigados a permanecer sentados nas trincheiras. (...) Só em Santa Lucia, 550 jovens ficaram cegos por falta de óculos de protectores contra a ofuscação da neve.»

Segundo o escritor, por ocasião da visita do Papa, os ingleses libertaram e devolveram mil prisioneiros argentinos. «Cinquenta deles — assegura — tiveram que ser submetidos a tratamento devido aos rasgos anais causados pelas vias de que foram alvo por parte dos ingleses que os capturaram em Port Darwin.»

García Márquez acrescenta que a totalidade desses prisioneiros tiveram de ser internados em hospitais especiais de recuperação em consequência de o seu peso médio rondar os 40/50 quilos.

Citando a carta de uma testemunha, o romancista indica que «os jovens argentinos eram drogados pelos oficiais antes de serem enviados para os combates. Drogavam-nos, para que não sentíssemos fome e se mantívsemos o mais alerta possível». Contudo, afirma o escritor, «o frio a que foram submetidos era tão intenso que muitos morreram adormecidos». E ainda: «Talvez tenham sido os mais felizes, porque outros morreram de fome tentando tirar a carne petrificada das latas de conserva».

das

Malvinas

García Márquez faz um contraste entre essas «condições tão deploráveis e desumanas» a que estavam sujeitos os argentinos e as de que dispunham os britânicos, apontando que estes últimos dispunham de roupas térmicas, coletes antibala e a possibilidade de após oito dias na frente de combate, poderem descansar outros oito, alternadamente, a bordo do navio «Canberra».

Invocando fontes de informação pessoais, o escritor colombiano, residente no México, afirma que os sobreviventes argentinos recordam com pavor «a selvagemia da batalha de «Gurkhas», os lendários e ferozes decapitadores nepaleses que precederam as tropas inglesas na batalha de Porto Argentino (Port Darwin).»

«Avançavam gritando e degolando, escreveu a testemunha dessa carnificina impiedosa (assevera García Márquez). Estranho costume o deles, «Gurkhas», que uma vez com uma cabeça cortada a seguravam pelos cabelos e lhe cortavam as orelhas...»

O testemunho apontado por García Márquez precisa que «os «Gurkhas» defrontavam o inimigo com uma tal determinação que dos 700 has» desembarcaram apenas 70 sobreviventes» — e «a raiva destas bestas era tal, tão cega, que uma vez terminada a batalha de Puerto Argentino continuaram a matar os próprios ingleses.»

O escritor explica que se viu na obrigação de relatar algumas estas «histórias terríveis» face às celebrações do primeiro aniversário da guerra feitas pela Imprensa britânica — e em virtude de nenhum desses testemunhos ter podido ser publicado na Imprensa argentina «porque a censura militar o impedia».

García Márquez recorda que há um ano, «tal como a imensa maioria dos latino-americanos, exprimi a minha solidariedade para com a Argentina nos seus propósitos de recuperação das ilhas Malvinas.» Acrescenta, no entanto: «Mas fui muito explícito, ao salientar que essa solidariedade não podia ser entendida como um esquecimento da barbárie dos seus governantes.»

A esse respeito afirma que alguns argentinos, incluindo amigos pessoais, «não perceberam bem esta diferença». (...) «Confito, no entanto, que a lembrança dos acontecimentos inconcebíveis daquela guerra infame nos ajude a entendermos o melhor. Por isso não me pareceu supérfluo evocar-nos neste aniversário sem glória e perguntar uma, mil vezes mais (juntamente com as mães da Praça de Maio), pelos oito mil, dez mil, quinze mil desaparecidos na década passada» — assim conclui o artigo de García Márquez, Prémio Nobel de Literatura, no semanário mexicano «Proceso».

«Histórias Terríveis»



«Man with crutch» do norte-americano Duane Hanson

Dois poemas quase desconhecidos da juvenília de Carlos de Oliveira



Continuação da pág. 1

Sem dúvida que o soneto nos oferece mais motivos de interesse e pretextos de reflexão, para além do apesar do que o prejudica — não tanto o convencionalismo com que se confunde a sua extrema correcção formal, e mais certa visão não muito progressiva ou futurante do mundo que aí transparece.

Desde logo, parece interessante assinalar a expressa indicação titular. É de Febres que se trata, isto é, de um lugar concreto, uma localidade rural e gandraia com características próprias da paisagem — física e humana — que a distinguem.

Numa síntese muito breve pode dizer-se que, nas duas quadras e no primeiro terceto, o descritivo predomina e a descrição se processa em fidelidade a certo espírito simbolista de que estaria imbuído o autor na sua juvenília. Onde é que este espírito simbolista se patenteia? Na prevalência ou exigência impressiva, por exemplo. Na atenção perceptiva às solicitações visuais do espaço. Na percepção atenta aos atractivos do tempo, do seu processo, de algumas alterações que deste processo decorrem. O segundo e último terceto dialectizam a percepção que nos onze primeiros versos se expõe sem qualquer interferência subjectiva — para além de dois possessivos, um plural e outro singular, utilizados, porém, com alguma discrição.

Um pouco na linha da grande tradição, é bem crepuscular a visão do mundo que enforma o poema. É tal visão não apenas se traí pelo procedi-mento metafórico realizado, principalmente pelas imagens trazidas ao horizonte da nossa percepção. Tal visão expõe-se mesmo ao nível imediato de alguns vocábulos, da sua associação com outros, reforçando a sugestão irrecusável com que o labor semântico sem equívoco avança.

«Os campos adormecem, sonolentos, a tarde morre em êxtase, também», p. ex. «Também» não ocorre somente para rimar com «além»: ocorre mais, dir-se-ia, para fazer a sintaxe entre a realidade dos campos — da terra, terrena, — e da tarde — do mundo visível, da paisagem e dos seus reflexos

articulados com o ar, e no ar, produzindo um efeito sugestivamente visual, a um tempo terrestre e aéreo.

É nestes dois domínios — e alternadamente, ou simultaneamente — que o desenvolvimento perceptivo se processa a seguir. Desde logo, «sob a carícia de uns fulgores sangrentos, que o sol derama, a naufragar» (onde o adormecer dos campos e o morrer da tarde se projectam). Depois, «no silêncio sem par da terra rica» (onde se projectam «Trindades a soar», o soar ou o som das Trindades). Agora, perdido alguma coisa o sentido do acaso, do mar, do naufragar, do além, da distância para que o morrer da tarde aponta e que a proximidade espontânea da terra reduz, — a relação ou associação mais sugestiva é entre o ar e a terra, a terra e o ar. A propensão visual atenuou-se, cedeu à pressão da propensão auditiva tendente a ocupar um espaço onde não caberiam as duas em simultâneo e com igual intensidade. Ou esboça-se — mas não passa daí — uma síntese perceptiva.

É com o sentido nesta síntese que o eu se introduz. Mas introduz-se em três tempos ou gradações sucessivas. Primeiro, como que se metonimiza, o eu, a sua discrição, em «nossa alma» — que aqui ocorre numa acepção de receptor universal das mensagens que vêm, de longe, no vento que passa e que as traz — as mensagens, no caso, o som dos sinos tocando as Trindades ao anoitecer. Tais mensagens, sonoras (o toque dos sinos, «gemido brônzeo»), a «nossa alma» não apenas as recebe: deixa-se marcar por elas, grada-lhes a impressão, forte. A «nossa alma» desempenha aqui a função metafórica ou metonímica dos ouvidos. Poderão ser os ouvidos que ouvem, mas é na alma que se grava o som — e, indelevelmente, a nota magoadá que o marca e distingue: é um som de «mil lamentos», um «gemido brônzeo».

Depois, a «minha aldeia», «esta minha aldeia», «a poesia desta minha aldeia». A afirmação é possessiva, por mais discreta e envolvida por uma densa articulação, por mais mediada pela indicação da proximidade, da identidade, da identificação. E não é apenas a aldeia. Não é apenas a minha aldeia. É «esta minha aldeia». Mas o poeta só fala nestes termos ao 11.º verso, depois de uma série numerosa de notações e registos interferidos somente uma vez, e por um plural onde nenhuma afirmativa pessoal se faz empenhadamente.

Depois, ainda e por fim, é a declaração que se apresenta latente e impaciente desde o início. Trata-se agora dos três últimos versos, e nem é assim tão imediato. Há, antes de o eu aparecer e declarar-se, outra mediação, ou outro pretexto: um cavador que passa, enxada ao ombro. O quadro — bucólico, crepuscular, — estava deserto de humanidade, até agora. Agora, porém, a humanidade surge. Surge, todavia, também com alguma discrição. E, principalmente, surge não para ocupar a cena um tempo grandemente durável, e sim para «passar» apenas. É no tempo desta passagem que se revela o pretexto da seguinte reflexão ou inflexão. A passagem do cavador, o poeta projecta nele o seu imaginário e pensa e diz não que gostaria de ser ele, que nem seria caso disso, mas que gostaria de «comer a (sua) ceia».

Está aqui tratada uma tópica dramática essencial do neo-realismo: a identificação do eu que escreve com o operário, e a impossibilidade prática de processar tal identificação para além de certos limites simbólicos — os limites da própria escrita.

Poderá parecer excessivo falar disto nestes termos, dada a juvenildade do autor na altura de

que o poema data. Não pensamos assim, no entanto. Aos 16 anos, certamente, Carlos de Oliveira já tinha as suas preocupações intelectuais envolvidas pelos problemas ideológicos com que se debatiam mais esclarecidos e menos novos da sua geração. E o poema — na sua expressiva ingenuidade — é bem ilustrativo do que se pode designar por degrau mínimo de uma determinada assumpção: a dos princípios éticos (para não dizermos ideológicos, ou políticos) do que então e durante muito tempo eufemisticamente se chamou «novo humanismo».

Não foi certamente por isto — bem pelo contrário — que Carlos de Oliveira se distanciou deste poema, que este poema se distanciou de Carlos de Oliveira. Da atitude que aqui se representa — o essencial dela (os pretextos, as motivações, o fundo mobilizador) — nunca o autor viria a distanciar-se. Distanciou-se apenas — e mesmo assim muito mais tarde (por volta de 60, a partir de *Cantata*) — da ingenuidade com que afirmava ou declarava em 1937.

Afirmava-a ou declarava-a, aliás, em termos onde não havia grande coisa de inovador, ou mesmo renovador. Pesam aqui — como em tantas outras peças do tempo feitas pelos novos poetas — ascendentes inúmeros, todo o convencionalismo da expressão poética tradicional que ignorava ainda as lições subversivas do *Orpheu*, embora não se satisfizesse apenas na sua dialéctica verbal com as relações abstractas e conflituosas do eu com o mundo. Tais relações aparecem aqui mediadas por um factor mobilizador de futurantes preocupações e interesses: «um cavador» no caso, a quem o poeta de algum modo dirige uma voluntária declaração de simpatia.

Mas esta declaração é muito inflectida sobre o eu e as suas impossibilidades — o seu cerco, as suas prisões. O eu, aliás, declara-se neste envolvi-

mento: «eu desabafo a minha eterna dor». Que «dor» (de parte «eterna») é esta? A dor de o eu ser eu e não o outro que o inspira ou motiva, ou, pelo menos, lhe suscita um sentimento ou uma afectação de comovida humanidade. O desabafo nem é propriamente ao outro que se dirige. A mensagem não tem destinatário. O poema é uma auto-encenação. A passagem do cavador é como que fortuito. O fortuito está até na notação da «ceia» — vocábulo muito usado no meio rural, na Gândara, por exemplo. É a «ceia» porque é a hora disso, ao crepúsculo, às Trindades, ao entardecer, ao anoitecer, e são estas notações temporais que prevalecem, mesmo como condicionalismo favorável ao «desabafo» que aqui se faz.

É evidente que o poema de Carlos de Oliveira não é o que se possa dizer um bom poema. Já falámos das ingenuidades — patentes logo no vocábulo, na nomeação, na adjectivação — e na metáfora, na imagem, vulgares, correntes, convencionais. Mas de primeira quadra talvez se possa dizer que resistiu à erosão do tempo e apresentase-nos alguma coisa interessante 45 anos depois. Não tanto porém por qualquer novidade pronominal e mais pelo equilibrado bom gosto — convencional, tradicional, mas bom gosto — da linguagem, da sua elaboração. «Fulgores sangrentos», p. ex. por exemplo, é uma metáfora-imagem forte, intensamente sugestiva. «Os campos (...) sonolentos» propõem-se-nos ainda hoje com algum vigor. Inteligentemente, parecem consanguíneos a segunda quadra e os dois tercetos, embora alguns passos (o primeiro verso do primeiro terceto, por exemplo, «Abanam lentamente os pinheirais») possam impor-se autonomamente, abstraindo do contexto a que pertencem, e, que visivelmente os prejudica.

Parece pouco útil que se lembre estes poemas e deles se fale — se pensarmos no que estes poemas são: peças da imatura juvenildade do autor.

Os poemas, escritos aos 16 anos, nem o autor os considerará quando, três ou quatro anos depois, tratar de reunir materiais para o seu primeiro livro individual. Nas fases subsequentes por que passou a evolução de Carlos de Oliveira, sobretudo a última, a partir de *Cantata* (1960), a linguagem do autor aparece submetida a processos escriturais de tal modo elaborados que não é sem alguma estranheza que se vê o seu nome sob estas peças datadas de 1937. As peças, Carlos de Oliveira ter-se-á distanciado irreversivelmente delas e da fase que elas representam. Sucede aqui alguma coisa em nada diverso do que se passa com a generalidade dos escritores.

Na generalidade dos casos, porém, a produção juvenil dum autor, por mais ingénua e imatura, nem por isso deve ser lançada inadvertidamente no rol das inutilidades ou curiosidades mais ou menos inúteis. A qualidade poética e estética de tal produção pode ser duvidosa, ou discutível, ou mesmo evidentemente inferior. Mas há motivos de interesse a isso indiferentes. Pode tratar-se, por exemplo, de apreender como foi que o imaginário dum autor e da sua obra se formou, se foi formando, ou, pelo menos, do estado e da situação em que ele se encontrava na idade (imatura idade) do autor quando de tal produção.

No caso, pode dizer-se que um poema como *Balada* tem um interesse restrito que não excede em muito o plano da simples curiosidade. De qualquer modo, o poema poderá parecer-nos — e por certo que não erradamente — como alguma coisa significativa da adesão, já então, do autor, às formas clássicas e a temas, motivos e assuntos do cancionero popular. Tal adesão há-de Carlos de Oliveira patentear-la, não raro, ao longo de toda a evolução até *Cantata*, e dela só virá a distanciar-se formalmente (isto é, nas formas assumptivas de construção do poema) nos livros que se seguem:

Sobre o Lado Esquerdo, (1968), *Micropaisagem* (1968) e *Entre Duas Memórias* (1970).

Quanto ao soneto, forma erudita, ele pode documentar a predisposição do autor para uma poesia (uma prática poética, uma prática de linguagem) prioritariamente interessada no concreto, no real, e, a seguir, interessadamente inflectida sobre ela própria como labor e, por certo, não indiferente à sua efectiva produtividade — em relação ao poético e ao real, para onde, depois, simultânea e irresistivelmente se inclina, num labor de que resultará a obra que se conhece — e que, aos 16 anos, estaria apenas embrionária, ou nem isso, sequer.

MIRA, MARÇO DE 1983

NOTAS:

1) O opúsculo, ou libretto, foi-nos cedido por Silvino Ramos, presidente da direcção do Febrés Sport Club. Silvino Ramos não soube dizer-nos ao certo em que data o espectáculo se realizou. Trata-se no entanto duma questão de interesse secundário.

2) O escritor Fernando Namora disse-nos que colaborou no espectáculo, fazendo os cenários e um ou mais cartazes com o retrato da «estrela principal» da «compañia» («Os Girassóis»).

3) O jornal «Febras», número unitário datando de 1981, publicava uma nota assinada por Manuel Augusto dando conta do falecimento do autor, em 1 de Julho de 1981, em Lisboa, e dava-o como tendo sido escrito aos 14 anos de idade, o que não é correcto. Terá sido a segunda vez que este soneto foi publicado. Mas, entretanto, o jornal não teve mais irradiação do que localmente e junto da emigração.

4) Ver em «Vértice», n.º 450/1, de Set./Out., Nov./Dez. de 1982, especial, dedicada a Carlos de Oliveira, «Contribuição para uma bibliografia», págs. 737-761.

5) Idem, e «Um poema juvenil de Carlos de Oliveira», «Cinco notas à margem», de António Pedro Pita, págs. 643-645.

DESCIDA AO MUNDO DEGRADADO

«The Dean's December»
o último romance de Saul Bellow

«E u gosto às vezes de dizer que a vida de qualquer pessoa pode ser resumida em duas, três, dez graças. Uma das minhas predilectas é a da estreia de um cantor americano no Scala. Canta a sua primeira ária e é muito aplaudido. E o público grita: 'Ancora, vita, vital!' ele canta-a uma segunda vez e novamente o público pede bis. Canta uma terceira, canta uma quarta vez... Finalmente, ofegante e exausto, o cantor pergunta: «Quantas vezes querem que eu cante esta ária?» Alguém então lhe grita da plateia: «Até que aprenda!» É o que acontece comigo — sinto sempre que não fiz as coisas como devia, e por isso (passe a expressão) continuo a cantar...»

Saul Bellow (Nobel em 76) conta esta história com grande prazer. Sentado numa poltrona de couro preto, ele contempla, ao longe, pela janela do seu luxuoso apartamento, as águas escuras do Lago Michigan. Volta a cabeça e ri. A sua conversa, como os seus livros, é ao mesmo tempo coloquial e elevada, intelectual e apaixonada, repleta de seriedade académica e de histórias ouvidas nas ruas de Chicago. O próprio escritor possui uma certa semelhança com os heróis que foi criando: austero, vestido com elegância e profundamente atencioso, Bellow também é «um observador fâmico» de tudo quanto o rodeia.

Bellow (68 anos) escreveu nove romances, datando o último de 1982, «The Dean's December» — e criou em toda a sua obra um mundo de ficção deveras singular. Trata-se de um mundo animado por imaginosa e sagaz moralidade — e habitado por uma grande variedade de excêntricos, trapaceiros e loquazes vendedores da realidade. Quer seja o doce Moses Herzog, ou Eugene Henderson, esse ab-

surdo caçador de altas virtudes, quer o velho astuto Artur Sammler ou Albert Corde em «The Dean's December», são homens presos no torvelinho de uma crise espiritual, esmagados pela natural magnitude do mundo e temerosos da obstinada existência da morte. Rejeitando tanto o optimismo fácil como o pessimismo simplista, eles tendem, como Corde, a formular questões sobre os seus próprios problemas. Interrogam-se sobre se tais problemas se situam ou não nas «volumosas insanidades do século XX».

Como essas personagens que continuamente buscam um modo de aprender a realidade, Bellow manifesta a tendência para considerar a ficção como um instrumento para pesquisar a sociedade em que se encontra inserido. Ele encara o romancista como «um historiador imaginoso, capaz de se aproximar dos factos contemporâneos com maior proveito do que os sociólogos». Mas enquanto a loucura do mundo, patente em todo, da dispersão sexual à violência caótica, sempre teve ressonância na vida das suas personagens (o que facilmente se pode detectar, por exemplo, em «Mr. Sammler's Planet»), outros temas mais comezinhos, mais quotidianos, mais públicos, permaneceram sempre como um amplo pano de fundo. Tal sucede, por exemplo, em «The Dean's December» — e é precisamente aí que podemos detectar uma certa maneira de ser de Saul Bellow.

O que teria suscitado esta mais ampla visão sobre temas políticos e sociais? Antes de mais, e após ter escrito «To Jerusalem and Back», relato da sua viagem a Israel em 1975, Bellow descobriu que «era tão fácil escrever sobre assuntos de interesse geral como sobre assuntos de carácter particular, sendo unicamente necessário

mais confiança e audácia». A obtenção do Prémio Nobel em 1976 proporcionou-lhe, sem dúvida, uma parcela (talvez grande) dessa necessária confiança. Resultado: escrever um livro que só fosse uma narrativa-denúncia da vida de Chicago. Factos e mais factos. Porém, depois de ter preenchido centenas de páginas com anotações, decidiu abandonar a ideia e escrever um romance.

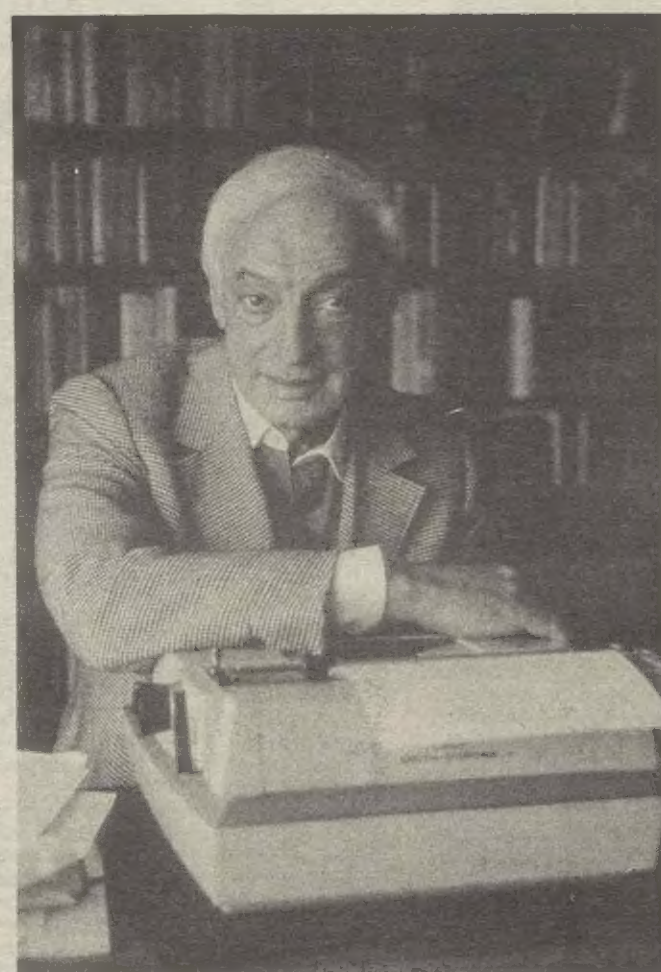
«Já há muito que eu tinha encontrado um método mais apropriado de abordagem, mais dentro do meu estilo, desenvolvido por um trabalho de muitos e muitos anos» — afirma Bellow. E depois: «No entanto, penso que comecei a escrever de maneira diferente. Na verdade, nunca tinha tentado um livro como este último. Limitara-me a ser pela vida fora um mero estudante amador de história e política. Constatei então que nenhum tipo de imaginação fora por mim até à data aplicado aos problemas de cidades corrompidas. Por mim e por outros. Todas as abordagens nesse sentido haviam sido feitas em bases técnicas, financeiras e burocráticas — e ninguém tomara em consideração o sentido das muitas vidas existentes nessas cidades...»

«Pensei que devia ser audacioso com este livro — prossegue Bellow, num certo tom de monólogo. — Quer-me parecer que muitos dos meus contemporâneos não aceitam correr riscos pessoais. Parecem peixes metidos em barricas. Escrevem, sim, sobre adolescentes afectados por isto ou por aquilo. Magoados. Nenhum problema. Aventuras sexuais também é assunto que não levanta problemas. Ofensas étnicas, discriminações, etc., não criam igualmente situações milindrosas. Às vezes, esses meus contemporâneos até parecem corajosos, desafiando pela escrita os poderes constituídos. Mas, geralmente, ficam-se na

deles... Ora eu penso que no meu último livro me lancei com toda a franqueza sobre a deterioração da vida nas cidades americanas. Sou pela verdade. Mas se alguém se convencer que pode durante toda a vida ser um amigo da verdade, que fique ciente do seguinte: um dia chega a hora em que tem de provar esse apego ou então de o abandonar».

Saul Bellow insurge-se contra certos «quarteis» do situacionismo literário. «Nem que provoque um ataque anti-aéreo...» Em consequência de distinções recebidas (um Prémio Pulitzer, três National Book Awards e, finalmente, o Nobel), Bellow tem a consciência de estar a remar contra a maré da literatura contemporânea. Há muito que rejeitou o nihilismo em moda cultivado por aqueles que designa por «depredadores», aqueles que acreditam (como disse num discurso de 1966) que ser esclarecido é «expor, desencantar, odiar e experimentar aversão». Não acredita também no esteticismo obstinado. Os escritores que o praticam, para Bellow, substituem a imaginação pela análise: afastaram a literatura do mundo real e puseram de lado um dos seus objectivos mais originais e importantes: o de suscitar questões morais. Os escritores contemporâneos, acrescenta ainda Bellow, são também facilmente atraídos pelo sensacionalismo. Entretêm-se tal o marinheiro criado por Coleridge... Isto é, «necessitam sempre de alguma coisa para, ao longo de uma conversa mole, entreter os convidados de um casamento, enquanto vão passando de casamento para casamento ou de orgia para orgia; necessitam de algo capaz de aprofundar a distração...»

E mais adiante, após outras muitas considerações sobre a literatura, a vida, o mundo contemporâneo:



Saul Bellow

«Penso que um escritor se encontra no caminho certo quando abre a porta das suas intuições natas e profundas. Escrever uma simples frase que não proceda dessa fonte, e construir alguma coisa em torno dessa frase, proporciona o seguinte resultado: a página escrita é uma página falsa. Possuímos um giroscópio interior que nos diz se o que fazemos é certo ou errado, sempre

acreditei que o escritor é uma espécie de *medium*, pelo que possui uma certa clarividência. Sente, enfim, o que está a acontecer. E é esse «estar a acontecer» que interessa a todas as pessoas...»

(Transcrição de parte de uma entrevista dada por Bellow à publicação norte-americana «The New York Times Book Review»)

AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA



«UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA» — eis como se subintitula o livro de João Martins Pereira «No reino dos falsos avestruzes», edição de «A Regra do Jogo», na sua colecção «Materiais». Diz o autor em prefácio: «O que vos proponho é como que um longo artigo de jornal, e nesse espírito deve ser lido. (...) Não curei de tabus, ideias ou pessoas; tentei não baixar os olhos perante intocáveis. Mas culdei de graduar, quanto a serenidade me permitia, as críticas ou simples ironias — julgando com isso denunciar o que respeito e o que desprezo. Pois de algo se tem de re-partir — e é isso que em boa medida está em causa. (...)» Sem dúvida que um livro polémico — e, por isso mesmo, digno de atenção. Até para se argumentar contra.

«AVENTURAS DO ESPANTALHO VOADOR», de Fernando Bento Gomes, Editorial Comunicação, com ilustrações de Henrique Ruivo. Desenvolto, sem dúvida que do agrado do público infantil, eis um livro para um dia de anos. Texto e desenhos conjugam-se bem.

«CHÃO DE VÍBORAS», de Vergílio Alberto Vieira, é um dos últimos lançamentos de Centelha, Coimbra, com capa de Armando Alves e um desenho de José Rodrigues. Na contracapa, palavras de Manuel Ferreira, extraídas de «A dialéctica dos signos do colonialismo»: (...) «Ao contrário do que se poderia dizer à primeira vista, no fundo, e em especial, o narrador realiza-se segundo um princípio de coerência. De coerência em relação ao universo linguístico onde os protagonistas se movimentam e intercepionam. Assim ele constrói a sua própria gramática a partir das falas originais de gentes que povoam essas áreas em mutação social e linguística. Organiza um novo código e há que entendê-lo para que possamos descriptar a mensagem, para que possamos proceder à nossa leitura integrada.»

JOSÉ EMÍLIO-NELSON acaba de publicar «Noite poeira negra», Oficina da Fénix, Porto, dezanove poemas. De um dos poemas: (...) «A noite vomita a metáfora da noite./ Desce poeirenta das estantes./ Uma lâmpada negra./ Os dedos da noite o vento espalha...»